

6

Amizade e Amizades dos idosos colaboradores

Amizade e amizades

“Amigo é coisa pra se guardar
Debaixo de sete chaves
Dentro do coração, assim falava a canção
Amigo é coisa pra se guardar
No lado esquerdo do peito
Mesmo que o tempo e a distância digam não
Mesmo esquecendo a canção
E o que importa é ouvir
A voz que vem do coração
Pois seja o que vier, venha o que vier
Qualquer dia, amigo, eu volto a te encontrar
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar.”
(Milton Nascimento, Canção da América)

O presente estudo foi realizado junto aos integrantes do Projeto “Idosos Colaboradores” da UnATI/UERJ, versando sobre a amizade política. Para melhor compreender o significado dessa forma de amizade exercitada pelos idosos, realizamos a pesquisa qualitativa, apoiadas na metodologia de estudo de caso, através da história de vida, segundo Queiroz (1988), que a define “como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (Ibid.:20). Capta o que sucede no cruzamento da vida individual e coletiva. Assim, as narrativas delinearão os relacionamentos dos idosos com outros membros do grupo, com a equipe do Serviço Social, da UnATI/UERJ e outros sujeitos sociais que fomos desvendando.

A história de vida dos idosos colaboradores encerram um conjunto de depoimentos sobre situações vivenciadas e saberes acumulados através da sua participação nas atividades do PICOL. E concordamos com Queiroz (1988) que, embora tenhamos escolhido o tema, construído um roteiro temático e formulado as questões, os idosos que decidiram o que narrar. Buscávamos esclarecer os seus relacionamentos de amizade na pluralidade do mundo comum a todos do projeto. Mas, embora a história de vida dos idosos colaboradores trate da sua individualidade e do seu espaço privado, encontramos nos relatos das entrevistas semi-estruturadas a sua participação pública na coletividade, assim, os idosos

fazem uma trajetória entre o indizível e o dizível. Desse modo, o Projeto “Idosos Colaboradores” representou “algo singular” (Goode & Hatt apud lüdke & André, 1986) no interior da UnATI/UERJ.

A opção pelo emprego das entrevistas semi-estruturadas permitiu o acesso aos diversos ângulos do tema. Todos os idosos foram convidados a participar da pesquisa, e desse modo a escolha dos sujeitos foi baseada na disponibilidade para a entrevista e no seu consentimento, pelos 8 idosos entrevistados, sendo 2 idosos do sexo masculino e 6 do feminino. Como a pesquisa envolve alunos idosos da UnATI/UERJ, o Projeto de Pesquisa foi submetido à Comissão de Ética em Pesquisa desse programa e aprovado. Segundo o compromisso que firmamos com aquela Comissão, toda a pesquisa se processou após o consentimento dos participantes, através do Termo de Consentimento Livre e Informado preenchido antes das entrevistas, e que manifesta a anuência dos sujeitos idosos em participar da pesquisa e o nosso compromisso ético com cada idoso entrevistado. O Termo contém informações claras e detalhadas, fornece os dados da pesquisa, bem como a justificativa, o objetivo da mesma, os procedimentos da entrevista e os benefícios que poderiam advir do presente estudo.

Vale ressaltar que, no momento em que lhes dávamos o Termo para ler e explicávamos sobre a formalidade desse procedimento, eles declaravam que sabiam que iam concordar e que, de antemão, já estavam concordando. A seguir esclarecíamos sobre a garantia e os direitos do entrevistado, riscos, benefícios, relacionados à pesquisa, inclusive o esclarecimento de eventuais dúvidas; liberdade de retirar seu consentimento e interromper a sua participação, a qualquer momento, sem que isso acarretasse prejuízo de qualquer ordem: pessoal, social, para a sua saúde e segurança, bem como no que se refere à sua participação no Projeto “Idosos Colaboradores” e no seu relacionamento conosco e vice-versa. A assinatura do referido Termo só procedeu após os entrevistados afirmarem ter compreendido completamente o seu conteúdo e o que havíamos explicado, consentindo assim em participar. Apenas iniciamos as entrevistas após a assinatura do Termo. Os idosos já haviam sido informados sobre a entrevista previamente e consentido, mas informalmente, ao telefone.

Não registramos fatores significativos que dificultassem a pesquisa, mas facilitadores, sendo o mais relevante, a acolhida dos idosos à nossa pesquisa que se colocaram à nossa disposição, desde que informamos que a nossa pesquisa para

o Mestrado seria o Projeto “Idosos Colaboradores”, o que previa a realização de entrevistas com eles, ao que mostraram interesse desde o início em colaborar. Atribuímos esse aspecto ao fato de já integrarmos a equipe de Serviço Social do PICOL, como uma das coordenadoras, o que certamente facilitou o acesso aos idosos.

Antes da realização das entrevistas, fizemos um teste com uma idosa, para verificar a segurança da entrevistadora, a clareza e a objetividade das perguntas. Esse teste demonstrou a necessidade de reformular a maneira de dialogar com os entrevistados e de realizar perguntas mais detalhadas, para aprofundamento dos temas. A idosa que colaborou com o teste da entrevista também assinou o Termo de Consentimento Informado, após todos os esclarecimentos realizados com os idosos do Projeto “Idosos Colaboradores”. E a entrevista de teste só foi realizada, após o consentimento formal da idosa.

Antes de iniciarmos as entrevistas, esclarecíamos também sobre a garantia da confidencialidade, sigilo, privacidade. Informamos também sobre o acesso aos resultados, ao final do trabalho e prometemos comunicar-lhes sobre a data da defesa da Dissertação, ao que demonstraram interesse, perguntando a forma de acesso à PUC-Rio. Após o consentimento formal, iniciávamos as entrevistas, que foram realizadas em Box – consultório ou salas de aula, a portas fechadas, não havendo qualquer interrupção das mesmas. Cumprimentávamos cada idoso(a) entrevistado(a) e esclarecíamos sobre a atualização de alguns dados (endereço atual, situação previdenciária, situação civil, rendimento atuais); em seguida passávamos às questões referentes aos quatro Temas que compõem a pesquisa, como descreveremos mais adiante e, ao final da entrevista, agradecíamos a sua solidariedade.

A duração das entrevistas variou entre uma hora e trinta minutos a duas horas e trinta minutos aproximadamente. O motivo das entrevistas mais longas (a primeira e a terceira), foi a disponibilidade dos próprios idosos. Permitimos esse tempo, por respeito à solidariedade dos idosos em colaborar com a pesquisa, ao relato das experiências que acumularam ao longo da vida e dos acontecimentos significativos vivenciados por eles. São relatos que expressam experiências vividas bem diversas umas das outras, assim como as visões de mundo, embora os idosos do PICOL tenham compartilhado o mesmo momento histórico, o que revela o grande mérito dos depoimentos (Bosi, 2003).

As perguntas foram formuladas de diversas formas, dependendo do momento entre o entrevistador e cada entrevistado(a). Repetimos e explicamos pouquíssimas questões para os idosos, o que demonstra o valor da realização do teste da entrevista. Não observamos por parte dos entrevistados qualquer objeção à gravação da entrevista. O setting também determinou momentos alegres, às vezes de muitos risos entre ambos: entrevistadora e entrevistados. E momentos de bastante seriedade, às vezes de choro por parte dos idosos, afetando-nos, pois não há neutralidade nas entrevistas, mas esse contexto não prejudicou o desenvolvimento das entrevistas.

A realização da pesquisa sem impedimentos nem prejuízos, contradisse a nossa preocupação em não atingir o objetivo da mesma, se encontrássemos algumas dificuldades que tínhamos em mente, ainda mais diante do fenômeno da amizade política que era para nós, totalmente novo e desafiador: a interrupção da participação na pesquisa por causa das entrevistas semi-estruturadas, que poderiam causar insegurança e receio quanto aos relatos; as entrevistas longas poderiam causar cansaço nos participantes, provocando a desistência; questões que provocassem recordações desagradáveis ou constrangimentos, poderiam levar ao silêncio e à rejeição em participarem do estudo.

No entanto, demonstraram plena confiança na pesquisadora, mesmo sabendo que a experiência da velhice é possuída unicamente pelos idosos, logo a condição humana do processo de envelhecimento só pode ser precisamente compreendida por aqueles que o vivenciam (Beauvoir, 1990). Estarmos inseridas na UnATI/UERJ (meados 1999) no PICOL (2000) e termos uma trajetória de participação e construção de confiança e amizade nesse espaço, principalmente com os idosos do PICOL,

A entrevista apenas foi interrompida, por iniciativa da entrevistadora e consentimento dos entrevistados, para a realização de um ou mais intervalos, cuja quantidade e duração dependeu da necessidade de cada idoso, assim como o momento para essa interrupção. O entrevistador precisa ter sensibilidade para saber o momento exato para reconduzir o entrevistado idoso, ao objetivo da entrevista. Do contrário, o idoso pode compreender como falta de atenção ou de respeito à sua experiência acumulada, o que pode interferir na sua motivação em participar da entrevista e na qualidade das respostas.

Os idosos entrevistados demonstraram bastante disponibilidade, solidariedade, amizade e interesse em fornecer as respostas, não desistindo nem interrompendo a sua participação na pesquisa. Ao final da entrevista, agradeciam e se colocavam disponíveis para complementações necessárias. Avaliaram as entrevistas, considerando-as “bastante esclarecedoras” e “muito boa”. Os idosos (1 homem e duas mulheres) que não participaram, relataram aumento de compromissos pessoais, não dispondo de tempo no momento. Ressaltamos que uma das idosas, cuidadora do marido, que convalesce de um problema de saúde grave, prontamente concedeu a entrevista.

Não pretendemos generalizar para o universo do envelhecimento brasileiro, os resultados deste estudo, na medida em que optamos pelo estudo do caso Projeto “Idosos Colaboradores” envolvidos nas diversas atividades voluntárias no interior da UnATI/UERJ. Buscamos compreender a amizade que esses idosos constroem nessa forma de participação pública e o seu rebatimento nessa fase da vida. Consideramos importante fazer um breve comentário sobre cada participante da pesquisa e o início da sua trajetória no Projeto “Idosos Colaboradores”, para melhor identificação dos mesmos.

A seguir, apresentaremos os idosos colaboradores que participaram da pesquisa e, em seguida, nos deteremos na análise dos dados, propriamente dita. Para preservar o anonimato, atribuímos às mulheres idosas, nomes de flores e aos homens, nomes próprios escolhidos aleatoriamente. A seguir, apresentamos os idosos colaboradores.

Carlos: 76 anos; casado há 52 anos aproximadamente, residente à zona norte em apartamento próprio, cursou o antigo Ginásio completo. Trabalhou em atividade de nível técnico e aposentou nessa atividade com um salário correspondente a cerca de 5 salários mínimos¹, ou seja, R\$ 1.500,00, aproximadamente. Apenas a sua renda compõe o orçamento doméstico e moram com ele: duas filhas e um neto adolescente, além da esposa. Sobre o seu relacionamento com as filhas, a nora viúva do seu filho falecido e os 4 netos (1neto e 3 netas) “A minha relação com os meus filhos sempre foi muito boa. Foi

¹ Referência ao salário mínimo federal, cujo valor em dezembro de 2005 é de R\$ 300,00 (trezentos reais).

muito prazerosa.(...) graças a Deus eu tenho na minha família, meus filhos todos me respeitam, gostam de mim, tenho certeza e eu amo eles” (Carlos, 2005).

Carlos iniciou no PICOL em novembro de 1999 e nunca havia desenvolvido o voluntariado, anteriormente. Na entrevista de inserção, declara haver participado da organização de eventos no setor em que trabalhava e desse modo, foi inserido na frente ligada à Coordenação de Eventos da UnATI/UERJ, que não integra mais, as atividades do PICOL. Na época da sua inserção ao projeto, declarou que percebia o trabalho voluntário como “gratificante”, sendo uma atividade para preencher seu tempo (Sic, 1999). Acreditava que o voluntariado garantiria a sua permanência na UnATI. Embora tenha se comprometido a colaborar quando os eventos fossem realizados, não era assíduo nessas atividades, mas estava sempre presente nas reuniões do Serviço Social do projeto.

Em nova entrevista, no ano de 2001, ele afirmou que o voluntariado significa “participar, ajudar, significa muito” (Carlos, 2001). Como ele não estava participando da frente dos eventos, foi convidado pela equipe de Serviço Social, a participar da nova frente: Oficinas de direitos sociais. Em 2003 observamos que passou a freqüentar menos as atividades do PICOL e, ao enviarmos carta convidando para uma das reuniões, ele informou ter entendido que a UnATI tinha paralisado as suas atividades, devido a uma greve parcial na UERJ.

Rosa: tem 79 anos; viúva há seis anos; reside na zona norte com a filha e dois netos (um casal) e com eles estabelece uma “ótima” relação, possui nível superior completo, mas trabalhou em nível técnico. É pensionista e aposentada e a sua renda equivale a 6,7 salários mínimos aproximadamente, e as duas pensões juntas somam cerca de R\$ 2000,00. Declara colaborar nas despesas da casa, junto com a filha e os netos. Fornece ajuda “material e espiritual”, pois “Colaboração é necessária. Sem essa, não-se-vi-ve. Sem a espiritual, não-se-vi-ve. Não se consegue a harmonia e a paz, a amizade e o equilíbrio emocional entre nós. Sem a paz espiritual não é possível. Assim eu penso” (Rosa, 2005).

Iniciou no projeto, em agosto de 1999 e antes de ingressar no PICOL, Rosa já desenvolvia o voluntariado em uma igreja católica e declarou a vontade de engajar-se em atividades de recepção, pois já possuía essa experiência, sendo encaminhada para colaborar nesse setor do CIPI, uma vez por semana, na parte da

manhã. Percebia o voluntariado como “um trabalho muito bom, que atende uma necessidade íntima de ajudar o próximo com amor, com carinho” (Rosa, 1999). Ressaltou, na sua auto-avaliação de dezembro de 1999 que o “relacionamento com idosos, muito gratificante, com as assistentes sociais e estagiárias” e quanto ao voluntariado, considerou “muito interessante, aprendizado de um modo geral agradável” (Rosa, 1999).

Em 2001, Rosa solicitou a sua transferência para colaborar na recepção do NAI, sendo atendida. Iniciou um tratamento odontológico na UnATI e se integrou ao grupo de idosos que colaborava com o odontólogo, que desenvolvia um trabalho com crianças fora do município do Rio de Janeiro. Rosa sempre foi bastante presente no voluntariado, nas reuniões com o Serviço Social e nas demais atividades do PICOL. Há cerca de um ano e meio, tem comparecido menos a essas atividades, por que cuida da irmã doente.

Em nova entrevista, Rosa declarou que o voluntariado é motivado pela “vontade de sair de casa” e acredita que “faz ter mais comunicação com o próximo; cresce em conhecimento” (Rosa, 2001). Nesse momento, ela participava da Associação de Idosos, que funciona na Clínica Piquet Carneiro, onde o CIPI fica localizado.

Dália: tem 69 anos; ficou viúva há doze anos, aos quarenta anos de casada; reside só: “Eu e Deus” (Dália, 2005), na zona norte, em apartamento próprio. Fez o antigo Ginásio incompleto, interrompendo para casar, aos 17 anos. Trabalhou como secretária e atualmente é aposentada por invalidez, por causa da hipertensão e pensionista, com uma renda de 2,52 salários mínimos, ou seja, R\$ 756,00 aproximadamente. “Então você vê que a minha renda é uma renda mínima, não é, eu tenho que comprar remédios caros” (Dália, 2005).

Possui 4 filhos homens – um deles reside em outro município do Rio de Janeiro - e um total de 8 netos, sendo 5 netos da “safra antiga” (2 meninos e 3 meninas), que são do primeiro casamento dos filhos (entre 15 e 22 anos) e três netos homens da “safra nova”, ou do segundo casamento (entre 2 e 5 anos). Os seus filhos, com quem tem uma boa relação, pagam o seu plano de saúde. Mas se falam mais, por telefone e os netos da “safra antiga”, raramente a visitam, pois “já estão namorando...” (Dália, 2005).

Iniciou no PICOL em julho de 2002, colaborando na recepção do NAI por opção sua, duas manhãs e na entrevista disse que o significado do voluntariado “É você se doar, poder prestar serviços sem recompensa” e buscou o PICOL porque é “uma pessoa que não gosta de ficar parada” (Dália, 2002). Considerou que participando no projeto, como voluntária pode “aprender, passa a ter mais conhecimento, fica mais atualizada” (Dália, 2002). Essa idosa sempre foi bastante participativa em todas as atividades do projeto.

Azaléia: está com 64 anos; viúva há 19 anos, mora só, na zona norte em apartamento “próprio”. É aposentada e pensionista com uma renda de 1 salário mínimo de cada benefício, totalizando 2 salários mínimos, ou seja, R\$ 300,00. Iniciou no PICOL em março de 1999. Tem duas filhas, mas só se relaciona bem com uma delas e recebe ajuda desta em compras para a casa, remédios e plano de saúde e em dinheiro “de vez em quando” (Azaléia, 2005).

Possui 3 netos (1 menina e 2 meninos) Foi inserida na frente aferição de pressão no NAI, pois declarou possuir essa habilidade e “cuidado com o idoso” (Azaléia, 1999). E percebia o voluntariado como um “trabalho de ajuda e amor”. Na entrevista de atualização de dados, em 20001 ela afirmou que o trabalho voluntário “É vida”. E se sente motivada pelo “amor pelo que faz, carinho, compreensão” e espera “ajudar mais, ainda”, pois começou o seu voluntariado, cuidando do marido, da mãe e de vizinhos (Sic, 2001). Completou o segundo grau e a sua vontade de trabalhar como cuidadora para aumentar a sua renda (Sic), levou-a a fazer o Curso de “Cuidadores de Idosos”.

Relaciona-se muito bem com a equipe e desenvolve o voluntariado em duas manhãs e avalia o voluntariado como uma atividade “muito gratificante, muito especial. Amo de paixão, às vezes nem, tenho vontade de vir, por falta de verba mas consigo e venho” (Azaléia, 1999). Refere-se à dificuldade de deslocamento, por causa do dinheiro para pagar o transporte público, pois quando iniciou no PICOL, trabalhava como autônoma e ainda não recebia aposentadoria nem pensão.

Luiz: tem 82 anos; cinquenta e sete anos de casado; reside na zona norte em apartamento próprio. Possui o terceiro grau completo e trabalhou na profissão, sendo aposentado com um salário de aproximadamente 4,7 salários mínimos ou

seja, por volta de R\$ 1.400,00. Afirma viver apenas da sua aposentadoria. Reside com a esposa e declara ter um casal de filhos, casados e dois casais de netos (um casal de cada filho). Quanto à sua relação com os filhos, noras e netos, declara: “Tudo, tudo, tudo excepcional. Não tenho nem um, nem um, nem um, nem um problema com eles, graças a Deus” (Luiz, 2005). Sobre a sua idade, declara:

“Eu estou com 82 feitos, mas graças a Deus, com bastante, bastante disposição. Eu posso garantir a você, o que eu sempre digo pra meus amigos, que eu tenho três idades: eu tenho 82 cronológico, eu tenho 40 biológico e 38 psicológico. (Sorrindo) De maneira que eu ainda me sinto com forças bastante pra dar alguma coisa de mim, qualquer coisa” (Luiz, 2005).

Não possuía experiência de voluntariado antes de ingressar no PICOL. Iniciou a sua participação no projeto em março de 1998, desenvolvendo o voluntariado através da colaboração na recepção do ambulatório CIPI, pois na entrevista de inserção ao projeto declarou desejar colaborar em recepção.

Observamos que ele nunca foi muito assíduo nas reuniões com a equipe do Serviço Social, mas participava quando havia comemoração de aniversários, no início do semestre, em que se apresenta a programação e ao final deste, quando é realizada a avaliação do período e os idosos apresentam propostas para o próximo. Além disso, sempre se colocou à disposição da equipe de Serviço Social para participar de quaisquer atividades do PICOL, inclusive das reuniões.

Ao ser inserido no PICOL, declarou perceber a atividade voluntária como “Uma forma de preencher as horas vagas, não ficando trancado em casa nervoso” (Luiz, dezembro de 1998). E, embora tenha disponibilizado duas manhãs para colaborar, solicitou iniciar com uma vez por semana, colocando uma disponibilidade para expandir esse tempo, “dependendo do horário” (Sic).

Na atualização dos seus dados, em 2001, ele declarou que o voluntariado para ele significa: “Dispor de tempo para ajudar em alguma coisa” e a sua motivação era “Ter uma ocupação, ver coisas novas” (Luiz, 2001).

Em junho de 1998, a equipe de Serviço Social do projeto realizou a primeira avaliação do semestre com os idosos e Luiz avaliou o seu relacionamento com a equipe do CIPI, onde colaborava, como “Bastante bom, sem problemas aparentes”. Engajou-se duas vezes por semana, fazendo, o que chamou de uma “preleção na sala de espera informando como funciona o CIPI”, além das atividades da recepção. E afirmou que “essas atividades e as preleções na sala de

espera me fazem uma pessoa útil, direta e indiretamente, àqueles da minha faixa etária” (Luiz, junho de 1998).

Nessa avaliação, declarou que o trabalho voluntário significa “uma experiência nova e gratificante”, onde “ponho muito carinho em tudo que faço por mais insignificante que seja” (Luiz, junho de 1998). Atribui, assim, relevância a todos os momentos do voluntariado. Nesse momento a sua proposta foi: “Auxílio uma equipe que tem uma meta nobre. Melhorar o já excelente atendimento médico dispensado aos da minha idade (75 anos). Esta melhoria virá com o fim das obras em andamento e melhor adaptação do atual ambiente de trabalho.” Além disso, “Juntar todas as cabeças pensantes para cada vez mais melhorar nossa atuação” (Luiz, junho de 1998).

Na reunião de 11 de outubro de 2002, Luiz informou à equipe de Serviço Social, que “vê problemas no seu setor, problemas estes que nós e nem ele poderemos solucionar, porque são questões do Governo Federal, Estadual e Municipal” (Sic), no que se refere à falta de funcionários e por isso, percebe que trabalha, “mais para o Estado do que para os idosos” (Sic). E em 12.05.2003, Luiz comunicou à equipe que se retirou do CIPI, pelos problemas relatados acima, mas continuou à disposição da equipe para participar das reuniões e outras atividades, ligadas ao PICOL.

No entanto, apenas se desligou, oficialmente do PICOL, durante a entrevista para esta pesquisa, em maio de 2005, quando o convidamos a colaborar em outra frente e ele disse: “Não, agora já acho um pouco mais difícil. Eu acho difícil recomeçar” (2005). Ao final da entrevista, comentou o seu desejo de implementar uma luta mais ampla na UnATI, no sentido de evitar que os cursos de língua estrangeira menos freqüentados, acabem e espera também poder ampliar essa participação na UnATI. Mesmo assim, e compreendendo que terá menos disponibilidade para o projeto, por causa dos seus projetos para o futuro, comentamos com ele que faremos um desligamento apenas temporário, nesse momento, ao que ele concordou.

Flor: 67 anos; tem o curso superior incompleto, pois abandonou ao casar; mora só em apartamento alugado, na zona sul. É aposentada e pensionista e recebe um salário de aproximadamente 8,33 salários mínimos, ou seja, cerca de R\$ 2.500,00, no total. Não teve filhos, mas tem um casal de irmãos, sendo todos

“bem integrados” e recebe ajuda da irmã, que visita freqüentemente. Em sua entrevista de inserção declarou que o voluntariado significa “doação” e foi por “solidariedade”, para “uma troca, poder ajudar, se dar mais e receber em troca” que se inseriu no PICOL (Flor, 2002). Seu ingresso no projeto foi em março de 2002, mas já possuía experiência como voluntária. Mostrou interesse pela frente de eventos, onde foi inserida e inicialmente foi bastante assídua nas reuniões com o Serviço Social.

Violeta: 67 anos; tem a 5ª série primária completa; mora só, na zona norte, em um apartamento próprio. É viúva, há 22 anos e a sua relação com os 4 (dois casais) filhos e 6 netos (3 meninas e 2 meninos) é “muito boa” e os filhos a ajudam na complementação da sua renda. As filhas ajudam mais, e fornecem dinheiro, roupas, mantimentos e vários presentes, que geralmente compreendem os objetos de maior valor, que a idosa necessita. Além disso, a apóiam nos momentos de doenças. Recentemente ganhou um bisneto que mora com os pais, em um Estado do sul do Brasil. Trabalha na categoria de e recebe um salário de 1,5 salários mínimos, que corresponde a R\$ 450,00.

Iniciou no PICOL em novembro de 2002 e foi inserida na frente de eventos, por sua “preferência”, sendo bastante assídua, nos primeiros três anos, nas reuniões com a equipe de Serviço Social do projeto. Declarou, em sua entrevista de inserção que o voluntariado significa “ajudar as pessoas que precisam, dedicar um tempo”. E buscou o PICOL para “Reverter o tempo ocioso para ajudar as pessoas” (Violeta, 2002).

Orquídea: 69 anos; com o antigo Ginásio completo; mora com o segundo marido e a filha solteira em apartamento próprio, na zona norte e a relação familiar é “muito boa”. É viúva do primeiro casamento, que durou 11 anos e meio, casando após seis anos com o atual marido, com quem convive há 33 anos. O casal de filhos é do primeiro casamento, sendo apenas o filho casado e com uma filha, ou seja, neta da idosa. É aposentada e recebe um salário individual de aproximadamente 4,33 salários mínimos, que corresponde a perto de R\$ 1.300,00.

Compõe essa renda com a do marido que é de aproximadamente 9,33 salários mínimos ou R\$ 2.800,00 e com o da filha que corresponde cerca de 13,33 salários mínimos ou R\$ 4.000,00 em valores aproximados. O total da renda

familiar é de 26,99 salários mínimos, aproximadamente sendo perto de R\$ 8.100,00. Além disso, o filho ajuda eventualmente, com presentes remédios, dinheiro e atualmente, com a doença do “pai” – como o consideram -, esse apoio é mais freqüente. A ajuda do filho é “até pra aliviar um pouco a irmã”, diz Orquídea (2005).

Iniciou no PICOL, em dezembro de 2002 e verbalizou que sempre teve vontade de fazer algum trabalho voluntário, que para ela significa “dar algo de si para alguém” e espera “relembrar a profissão”, ao colaborar na frente de aferição de pressão no NAI, pois trabalhava na área de saúde. Não possuía experiência de voluntariado, antes de se inserir no projeto. Sempre foi assídua na frente onde colabora e nas reuniões com o Serviço Social, mas por motivo de doença do marido, não tem conseguido participar, solicitando uma licença temporária do projeto, que lhe concedemos. Ressaltamos que, mesmo cuidando do marido, que se recupera de um problema de saúde grave, a idosa aceitou e forneceu seu depoimento, com a maior boa vontade.

Estes foram os 08 idosos entrevistados (2 homens e 6 mulheres), cujos depoimentos deram corpo ao presente estudo. A maioria pertence à camada média da população do Rio de Janeiro, sendo a majoritariamente feminino. Essa feminização entre os participantes do Projeto “Idosos Colaboradores” coincide com os dados censitários mundiais e brasileiros e com o perfil da UnATI/UERJ, mostrando também que o envelhecimento é feminino, como evidenciam as pesquisas de Goldman (2003), Nunes & Peixoto (1995) e Sant’Anna (1997). Para esta última, a presença numerosa de mulheres idosas nas atividades da UnATI/UERJ, deve-se à intensidade com que “as mulheres vivenciam (...) a Terceira Idade como uma nova etapa da vida”, sendo atraídas para esses programas, porque valorizam e celebram essa etapa da vida, tornando-se por isso “extremamente atrativos para as mulheres” (Ibid.:100) idosas.

Como vimos, os idosos pesquisados possuem tempo diversificado no projeto e a sua idade varia entre 64 a 82 anos de idade. Sete idosos são aposentados, dos quais 06 trabalharam em atividades de nível técnico e apenas 01 dos homens em nível superior; 01 idosa ainda trabalha. Do total, 05 são viúvas, 01 é viúva e re-casada e os 02 homens são casados. Sete idosos (dois homens cinco mulheres) residem na zona norte da cidade do Rio de Janeiro e uma mulher idosa reside na zona sul. Dentre os idosos entrevistados, quatro colaboram nas Oficinas

de Direitos Sociais (um homem e três mulheres) e três mulheres colaboram no NAI, sendo que uma dessas idosas afere pressão arterial; e um outro idoso, está sem exercer o voluntariado porque está afastado da frente em que colaborava desde o final de 2002. Embora tenha se desligado temporariamente do PICOL, continua à disposição para se inserir em outra frente.

Para a composição da história de vida de cada idoso solicitamos que cada um descrevesse a sua experiência pessoal, orientando-os a se deterem diante de quatro temas, que foram sendo desenvolvidos e ampliados através de perguntas, construídas no decorrer do diálogo entre a pesquisadora e cada entrevistado. Os temas contidos nas entrevistas analisadas neste trabalho e que seguem em anexo, versam sobre: (1º.) caracterização da dimensão da amizade construída e exercitada pelos idosos, através das atividades do PICOL: seria uma amizade política?; (2º.) a importância e a repercussão dessa amizade para os referidos idosos; (3º.) a relação entre essa forma de amizade e a luta pelos direitos sociais contemplados nas políticas sociais para essa geração; (4º.) as mudanças operadas nos integrantes do projeto, ao participarem das reuniões do Serviço Social do PICOL, onde são informados sobre os seus direitos sociais.

As entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e lidas, para encontrar as tendências e os padrões relevantes nas mesmas e desvendar novos aspectos, explorando-se também as diferenças percebidas entre as falas. Dessa forma, desvelamos as mensagens implícitas, além do conteúdo manifesto, pois tudo possui um significado. Além das entrevistas, analisamos também relatórios de reuniões com o Serviço Social. As partes significativas foram agrupadas em categorias de análise concernentes ao referencial teórico, sendo elas: amizade política, voluntariado, direito e ação do Serviço Social.

6.1

Amizade política

Para saber se os idosos consideram a amizade construída no Projeto “Idosos Colaboradores”, na perspectiva política, consideramos necessário compreender o que os idosos entendem como colaborador, que é o título do Projeto ao qual pertencem, em que frentes de voluntariado eles estão inseridos; como estabelecem o relacionamento com os outros no exercício do voluntariado e demais atividades do PICOL e como o denominam. Além disso, sentimos

necessidade de saber a compreensão dos idosos sobre a amizade: com quem constroem, dimensões, importância, funções da amizade, se e como mantêm as amizades e as facilidades e dificuldades encontradas para construir as amizades. Solicitamos também que relatassem o seu entendimento sobre política, para facilitar a resposta dos idosos, através da associação das categorias: amizade e política.

Não desejávamos compreender apenas os conceitos, como “os que surgem sempre que as pessoas abrem a boca e começam a falar”, como lembra Arendt (2004:238), pois os problemas com os conceitos inicia quando se usa os “substantivos, presumivelmente derivados daqueles adjetivos que aplicamos a casos particulares”, por isso tentamos compreender a relação entre os conceitos, solicitamos exemplos e incentivamos associações entre as categorias, na tentativa de auxiliá-los a fazer os elos entre a sua compreensão sobre as categorias, segundo a sua própria experiência acumulada durante a vida. Desse modo, concordamos com Hannah Arendt, quando pontua:

Essas palavras, usadas para agrupar qualidades e ocorrências vistas e manifestas, a despeito de relacionadas a algo invisível, são parte constitutiva de nosso discurso cotidiano, e ainda assim não conseguimos explicá-las; quando tentamos defini-las, elas se tornam escorregadias; quando falamos sobre o seu significado, nada mais fica parado, tudo começa a se mover.

(Arendt, 2004:239)

Por isso, igualmente como Arendt (Ibid) consideramos importante compreender qual foi a ação correspondente àquela categoria, para que pudéssemos ter um entendimento mais aproximado e mais claro da noção expressa pelos idosos sobre cada categoria.

Solicitamos que os idosos falassem sobre a motivação para se inserir na UnATI e no PICOL e como souberam de ambos. São as seguintes, as respostas dos idosos:

“Olha eu vim pra UnATI, eu quando cheguei na UnATI, já tem o quê, uns 4-5 anos, foi em 98 (1998), por aí. Uma maneira de preencher alguma coisa..., tá, que me faltava. Eu sou uma pessoa, o seguinte. (...) Então eu achei que eu ia perder aquele espaço, ficar só ali, botequim, botequim, conversa e tal. Mas aí tem uma, uma colega dessa minha nora, que trabalha aqui na UERJ me (...) explicou como é que era, aquele negócio todo, aonde era. (...) Então o primeiro Curso que eu fiz foi a Participação Social da Terceira Idade, mas comecei há três anos passados. Em 1999, por aí. (...) Aí eu tava com meus pobremas, que eu tinha perdido o meu filho, bom aí eu comecei primeiro o Curso, depois fui convidado a participar também do Projeto Colaboradores. Mas o colaborador era de eventos.” (Carlos).

Sobre o PICOL, diz que foi convidado por uma pessoa, que ele não lembra bem, mas pensa ter sido a coordenadora geral do PICOL:

“Ela, dando uma palestra convidou, ela fez uma palestra naquela época e aí eu me interessei, comecei entrar e... e fiquei.”

Rosa: Tomou conhecimento da UnATI:

“Através do meu marido. Ele foi o primeiro a descobrir a UnATI, porque ele pertencia ao grupo da Associação de Idosos do CIPI e de lá, houve uma necessidade de preenchimento de papéis, e lá alguém falou com ele que aqui na UERJ tinha um grupo que atendia essa parte. Então ele, interessado de resolver o caso lá, veio pra cá e aqui ele se entrosou, alguém informou a ele, ele veio direto pra UnATI, se inscreveu e conseguiu se inscrever no curso de Português, de Nutrição e Dança de Salão. Então assim que eu vim pra cá, eu vim pra Dança de Salão com ele.”

Motivação para o PICOL:

“Eu creio, Conceição, que eu sempre tive essa tendência assim, de cuidar de idosos, porque eu já vinha com o meu padrinho que eu cuidei dele, o tempo que ele esteve no hospital, eu cuidei dele e da minha filha também. (...) Quer dizer que então isso, eu acredito que era uma tendência mesmo forte que eu tinha. Então como ia pra casa isso tudo já tava mesmo sanado, não é, mas eu achei que, ah, que não mesmo os cursos não iam me satisfazer, não é. Eu queria colaborar com alguma coisa, a mais. (sorri ao final da frase). Eu consegui saber do Projeto e me engajei, isso foi o que me moveu mais. Eu acredito que seja isso, não é, pelo menos é o que eu lembro agora.”

Dália: Soube da UnATI pelo incentivo de um dos filhos e da nora [esposa dele], que trabalhava no NAI, como relata:

“Então ela me inscreveu no GES (Grupo de Encontro Com a Saúde, coordenado pelo Serviço Social do NAI), aí eu vim pro GES, saí do GES, aí então eu comecei caminhando com as minhas próprias pernas, sabe. Dali pra lá, sabe, daí então eu (...) quis trabalhar de voluntária e daí tinha que fazer o Curso de Participação” (Dália).

A idosa complementa:

“Quando eu vim fazer o GES, o Grupo de Encontro com a Saúde, aí então, acho que foi a Rosa [uma das idosas do PICOL que também fazia parte do GES] que me falou que aqui tinha serviço de voluntário. Eu falei: ah, eu quero ser voluntária. (...) Agora eu estou trabalhando: terças, quartas e quintas. Isso aí é quarta porque eu quero, né, pra não ficar em casa, pra mim, sabe, poder me dedicar ao trabalho, né, porque eu quero, gosto de trabalhar. (...) Eu gosto do trabalho, sabe, gosto muito, muito, muito, muito mesmo. Porque fiz várias amizades, várias pessoas têm amizade comigo, gostam de mim, eu sei que sou amada, sabe e eu amo também as pessoas, né. Aí quer dizer que isso pra mim, é uma bênção de Deus, sabe, é uma bênção de Deus isso pra mim, esse trabalho”.

Motivação para o PICOL: “Eu procurei ser voluntária pra mim poder ter uma atividade. Por iniciativa própria”. (Dália).

O depoimento da idosa possui uma forte valorização da religiosidade e sugere que “O que estará em jogo aqui é a Vontade como fonte da ação, isto é, como um ‘poder para começar *espontaneamente* uma série de coisas” (Arendt, 2002 d:191). O voluntariado por esses idosos é uma opção livre, como a ação em Arendt (2002a). A ação pressupõe criatividade, pluralidade, convivência entre diferentes, assim como o voluntariado aqui definido, a política e a amizade em Hannah Arendt. Além disso, o PICOL possui critérios de limite da “carga horária” que a idosa demonstrou conhecer, ao justificar o dia excedente da sua ação voluntária. Os idosos associam o voluntariado com a necessidade de preencher o tempo, como substituto do trabalho, vontade de continuar a participar, de sair da depressão, do isolamento e do momento de ociosidade.

Esse depoimento aponta para a necessidade de estimular mais os idosos a buscarem outras atividades para se manterem ocupados, como abertura de horizontes e ampliação de conhecimentos, visando instrumentalizá-los a enfrentar as questões do seu processo de envelhecimento com maior possibilidade de se mostrar no mundo e estar com outros. Isso pode possibilitar uma ampliação da sua forma de viver o alongamento da sua existência e possibilita a visibilidade das questões inerentes ao envelhecimento, aos direitos sociais, inclusive por parte dos colaboradores que são informados sobre os direitos sociais nas reuniões com o Serviço Social do PICOL, sendo assim multiplicadores. Se estes aspectos forem possibilitados, possivelmente essa ampliação da participação dos idosos e os aspectos apontados, pode tam trazer subsídios para as políticas sociais. Dália diz ainda que:

“Com isso [participando das atividades do PICOL] tenho amizades com as pessoas da alta também aqui da UnATI [enumera as pessoas dos diversos setores da UnATI e a representante geral de alunos e desta última] tenho amizade com a (...) até sendo cabo eleitoral dela (...)” (Dália).

Azaléia: esclarece abaixo, como soube da UnATI:

“Eu tava com depressão, aí eu queria fazer aula de dança. Foi logo assim no princípio quando começou isso aqui [a UnATI]. Não conseguia trabalhar, porque eu fazia [exercitava um trabalho da área da estética] em casa, aí eu vim pra mim fazer aula de dança. Fui a última a ser entrevistada. (...) Aí me inscrevi nesse projeto, acho que foi nesse projeto [PICOL]. Acho que foi uma senhora no ônibus: olha vai pra lá, que você tem muita, que

é muito bom. Porque eu andava numa depressão, sabe, eu andava numa depressão e... eu gosto de dançar, adoro dançar. Aí vim e fiz, eu nem sei em que ano que eu fiz o curso. Aí eu entrei no Projeto da, eu era colaboradora (...) dos eventos, aqui dentro. Aí eu passei para a aferição de pressão [PICOL].” (Azaléia).

Luiz: Ele declarou que “uma sobrinha que estudava na UERJ” lhe falou sobre a UnATI”. Motivação para participar do PICOL:

“O momento inicial quando eu, daqui, é, aceitei, não é, o convite para fazer parte dos voluntários, é eu naturalmente, o meu objetivo era justamente dar um pouco do meu tempo, dedicar um pouco do meu tempo a pessoas que precisavam um pouco mais. De maneira que isso pra mim foi gratificante, exerci essa atividade dois anos e meio com muita satisfação, prazer, lá no CIPI – Piquet Carneiro. De maneira que foram dois anos muito agradáveis pra mim, como voluntário. Tudo que eu fazia, fazia voluntariamente, de maneira que... até o momento que eu achei que não dava mais pra continuar, foi um prazer só. Fiz boas amizades, bons conhecimentos, foi gratificante pra mim.” (Luiz).

Flor: A idosa expressa a sua motivação para o projeto e a forma como soube da UnATI:

“Olha, eu acho, sei lá, talvez por formação religiosa, eu sempre achei muito interessante você trabalhar em alguma coisa assim, principalmente depois que a gente se aposenta, continuar sendo útil, não. E a maneira que eu achei melhor foi essa, porque eu gosto do serviço voluntário. Sempre procurei o serviço voluntário, trabalho em outros serviços voluntários, então depois que eu entrei pra UnATI, através de uma professora da UnATI, que era minha amiga, na época, para o Curso de Informática, aí eu descobri que aqui tinha esses projetos de voluntários, logo então eu me inseri. Não sou muito, assim muito ativa, mas sempre que posso estou colaborando nos dois projetos de voluntariado que tem aqui. (...) Atualmente eu já sou inserida em muitas coisas aqui dentro (e sorrindo) inclusive nesses projetos.”

No seu relato, a idosa mostra que as atividades em espaços distantes do local onde se situa a UnATI, faz com que os alunos idosos desconheçam as demais atividades e pode dificultar a sua participação nas demais atividades.

Violeta: Assim, a idosa fala sobre a sua motivação para o PICOL e o conhecimento da UnATI:

“Ah, porque, já é da minha natureza ajudar as pessoas. (...) Aí, aí quando eu soube que existia esse Projeto de vol, porque era voluntariado, né, ... Eu me interessei pra poder ter uma, uma meta certa de ajudar alguém que, né, que encaminhado pelo Projeto já é uma coisa mais, mais, mais ensinada, regularizada, não é? A gente não fica voando, ajudando às vezes as pessoas que, que não querem ser ajudadas ainda mal-trata a

gente, (sorrindo diz:) porque, a gente vai ajudar e, às vezes a gente recebe até desfeita.”

Identifica-se nessa fala que a idosa entende o voluntariado com alguma organização, uma ação que deve ser “ensinada, regularizada”, para ser valorizada e não, uma ação tão espontânea. Sobre a sua inserção na UnATI, diz:

“Ah, eu pertencia ao SESC, na época aí tinha colegas do SESC que pertencia à UnATI. Eu me interessei, porque elas falavam muito bem da UnATI, né, (sorrindo) dos cursos, tudo aí eu me interessei.” (fala pausado).

Neste depoimento, assim como nos outros, identifica-se a presença da amizade incentivando a participação na UnATI e no PICOL, além da vontade própria.

Orquídea: a motivação da idosa foi:

“Olha, eu sempre tive muita vontade de fazer alguma coisa, entendeu. (...) Ultimamente eu tava muito ociosa dentro de casa e aí eu conheci a UnATI e comecei aqui fazendo o Curso Contadores de História e depois eu consegui uma vaguinha pra fazer Italiano, não é, então eu tô fazendo e eu tinha vontade de voltar a fazer o que eu fazia na minha juventude, não é, que é, eu gosto muito da minha profissão e cheguei aqui, teve uma oportunidade, embora seja uma, pequena coisa, não é porque é uma pequena coisa, ultimamente é que eu tava fazendo mais porque como eu passei a trabalhar às segundas feiras, é eu o doutor (...) ficou responsável no lugar da doutora (...) me pediu para colaborar mais, porque às segundas feiras eu tenho Acolhimento, não é. (Acolhimento é uma das atividades que o ambulatório NAI desenvolve) então eu tava ajudando mais, quando, quando, quando o paciente entrava pra se consultar, né, eu já tinha verificado pressão, pesado, às vezes media também temperatura, às vezes fazia essas coisas. Por isso é que eu, aliás eu tava bem satisfeita com o que eu tava fazendo, mas infelizmente, não é [refere-se ao motivo do seu afastamento temporário do voluntariado, citado anteriormente]. (...) A [Violeta] que disse pra mim assim: eu vou me inscrever pra voluntária. Aí eu disse pra ela assim, mas como faz? Ela disse assim, vamos lá. Aí ela se inscreveu primeiro, fez a entrevista primeiro. Aí depois eu me inscrevi pra entrevista. E adorei, adorei. Tô adorando”. (Orquídea).

Sobre o conhecimento da UnATI, declara:

“Eu conheci a UnATI, através de um rapaz que trabalhou aqui como fisioterapeuta, ele fazia Residência e ele é meu vizinho e os seus dois filhinhos me chamam de avó. (...) Foi no que eu vim aqui [fazer fisioterapia com o amigo fisioterapeuta] que eu conheci a UnATI, porque há muito tempo eu já sabia desse projeto – a UnATI -, mas eu não tinha, eu não sabia como chegar aqui. (...) Aí no dia seguinte, aí tava abertas as inscrições. No dia seguinte eu vim de manhã cedo aqui pra ver se eu fazia a inscrição, sendo que quando eu cheguei aqui, a única coisa que eu

consegui me inscrever foi Contadores de História, que eu adorei, né, achei uma maravilha. Eu fiquei bem desembaraçada, sabe, com o, com o curso que eu fiz. No momento em que eu vim pra UnATI eu tava atravessando um momento de ociosidade mesmo, porque eu não tava trabalhando e não tenho filho pequeno, então era só aquele mundinho ali dentro de casa. Foi ótimo, pra mim foi ótimo. Eu me senti assim como se eu tivesse revivendo, entendeu, voltando a estudar, ter que sair de casa, todo dia não, porque não são todos os dias, mas os dias que vou pra aula, eu sempre levanto com mais disposição, porque eu sei que vou fazer alguma coisa que tô, inclusive eu falei até pra minha filha: eu vou te confessar uma coisa. Hoje em dia eu tô gostando mais de estudar do que quando eu era nova. Engraçado, não é.”

A partir dos depoimentos, observa-se que a motivação para participar do PICOL é associada pelos idosos a: medo de perder a sociabilidade com os amigos do “espaço do botequim”; “maneira de preencher a vida”; possibilidade de exercitar a “tendência de cuidar”; “vontade de fazer alguma coisa”; “vontade de voltar a fazer o que eu fazia na minha juventude, não é, que é, eu gosto muito da minha profissão e cheguei aqui, teve uma oportunidade, embora seja uma, pequena coisa”; “é da minha natureza ajudar as pessoas”; “ter uma, uma meta certa de ajudar alguém”; “tinha vontade de ser voluntária” (voluntariado como o trabalho que não pode manter na juventude) e “ter uma atividade”; “dar um pouco do meu tempo, dedicar um pouco do meu tempo a pessoas que precisavam um pouco mais”. Não querer mais ficar restrita ao “mundinho de casa” sugere a vontade de ampliar os horizontes e participar da esfera pública, do mundo comum a todos e sair do anonimato.

Os dois homens idosos souberam da UnATI: pela colega da nora, por uma sobrinha ex- aluna da UERJ (dois homens idosos). As mulheres souberam e foram incentivadas pelo marido, soube no SESC, pela nora, por relacionamentos no ônibus, por uma amiga, por um amigo vizinho, mas o seu depoimento sugere que ficou motivada ao conhecer a programação da UnATI, durante o seu tratamento.

Os homens idosos souberam do projeto em uma palestra proferida pela coordenadora geral do mesmo; as mulheres idosas buscaram por iniciativa própria o voluntariado e uma delas foi incentivada por uma amiga, aluna da UnATI e integrante do projeto, que cursava a mesma oficina que ela. A análise da motivação e da forma de conhecimento da UnATI, bem como a sua inserção nesse programa e no PICOL, mostra a luta para conquistar um espaço, onde pudessem realizar algo para si, como uma forma de luta, o que verdadeiramente é uma luta por garantia de direitos e um exercício da sua cidadania, ou seja, uma busca de ter direito a ter direitos, como diz Arendt (2002 a).

Mostra também que sentir-se útil e ocupado possibilita o bem-estar. Pensamos poder associar a “depressão”, na fala de uma das idosas, com o isolamento e a solidão, que são diferentes, mas, segundo Arendt (2004:164) o primeiro pode levar ao segundo. O isolamento é uma forma de estar sozinha e acontece quando não se está nem junto consigo mesmo, “nem na companhia de outros, mas preocupada com as coisas do mundo”. Essa idosa mostra realmente essa forma de preocupação consigo primeiramente e, na realidade com o mundo, porque é parte dele. Além disso, os tempos modernos têm sido cruéis com os idosos e desse modo, a idosa mostra uma força para enfrentar essas conseqüências da modernidade, inserindo-se no espaço público da UnATI e do PICOL.

A análise da motivação mostra ainda que os idosos também possuem um certo conhecimento dos seus direitos sociais. Observa-se que, na tentativa de conseguir um espaço para participar da esfera pública, os idosos entrevistados expressam uma forma de luta política, onde a amizade faz parte do contexto com uma característica de suporte social (ajuda e apoio) e uma forma política também, ao conseguirem o seu objetivo de se inserir à UnATI e ao PICOL, pela expressão da sua vontade, às vezes com insistência, junto a essas amizades.

Idéia de voluntariado ao se inserir no PICOL

“É de trabalhar, atender as pessoas com amor e carinho, sem ninguém passar isso pra mim. Como eu já tinha trabalhado antes, eu quis, ninguém me incentivou, não foi incentivo de ninguém não. Foi minha iniciativa.” (Dália).

“Eu sou muito voluntária, eu faço as coisas sem ninguém pedir. Ajudo nas dificuldades. Eu sou voluntária espontânea, faço sem ninguém pedir.” (Azaléia).

“Uma idéia..., uma idéia... eu tinha uma idéia, vamos dizer, de uma coisa maravilhosa! E vou lhe dizer que o voluntariado foi um acontecimento maravilhoso na minha vida” (Luiz).

A idéia que os idosos têm do voluntariado é de trabalho, atender às pessoas com amor e carinho, ajuda espontânea.

Os resultados da pesquisa mostraram que os idosos entendem a categoria “colaborador”, como: “uma ação para quem está precisando” e pode ser através de “uma palavra amiga, de uma assistência, de uma ajuda na doença”, “colaboração que a gente dá ao próximo”, “fazer o que gosta”, “participar de uma determinada coisa sem remunerações”; “dar de si ao próximo”; “fazer o bem sem olhar a quem” (esta

é uma frase freqüentemente repetida no senso comum, talvez por isso foi enunciada com um leve sorriso); “cuidar”, no sentido de

“Cuidar é o saber que o outro está precisando de uma ajuda, de uma colaboração, de um apoio, tanto material como espiritual, mas que você pode fazer também por aquele outro, satisfazendo a você mesma, não é, você vendo que o outro está aproveitando aquilo que você quer (quer – enfático) fazer por ele. E tem aquele prazer de ver que você realmente colaborou, sem outros objetivos, sem objetivos financeiros. Você fez porque quis fazer, espontâneo, de livre vontade. (...) Cuidar significa colaborar. Cuidado é saber o que o outro precisa, ouvir o que ele tem a expor e, de acordo com o modo de vida, o que precisar ser atendido (médico, alimentação, vestimenta), tanto o aspecto do corpo e espiritual e se preocupar com o outro na parte material e emocional” (Rosa).

O cuidado - categoria estudada por Heidegger, como “ser aí”, como doação de si e capacidade de relacionar-se com outros -, foi associado por Pegoraro (apud Araújo, 2002:20), à solidariedade doadora existencial, que organiza os atores sociais, como sujeitos em relação. O ato de relacionar-se compreende a interação com outros no mundo plural, como a amizade política. Além disso, cuidar significa ouvir o outro e, o cuidador beneficia a si mesmo quando cuida do outro. Colaborador também foi entendido como: “gostar de fazer alguma coisa para alguém e de ajudar”, “dar alguma coisa de si”, “ajudar as pessoas” e:

“(...) emprestar alguma coisa dos seus conhecimentos a pessoas naturalmente carentes, que precisam, não é, precisam bastante de algo que você possa levar. De maneira que essa é a minha impressão. Colaborador é isso: expor, e era isso que eu fazia (...) com muita satisfação, com prazer e acho que deixei alguma coisinha plantada. Deixei plantada alguma coisa com esse meu voluntariado” (Luiz).

“Eu gosto de ajudar as pessoas, então eu gosto de colaborar. Eu acho que o Projeto “Idosos Colaboradores”, que eu acho que é isso que você está dizendo, eu acho que é isso, é as pessoas que gostam de dar alguma coisa de si. A explicação que eu tenho é essa (Orquídea).

Observa-se que colaborador aqui é associado ao voluntariado, sendo um colaborar com satisfação, mas respeitando os limites. Além disso, segundo Flor, colaborador compreende: “dar sua parte de colaboração, vamos dizer, em qualquer tipo de colaboração”: ajuda em hospitais, financeira, “colaborar, a palavra já, insere muita coisa”. Ferreira (1975:343-44) diz que colaborador é aquele que colabora, “co-autor” e colaborar para ele é “prestar colaboração; trabalhar na mesma obra; cooperar; concorrer, contribuir; auxiliar, ajudar a fazer

alguma coisa”. Em certo sentido essa definição do autor, coincide com as categorias encontradas na pesquisa, sendo algumas explicitamente citadas pelos idosos.

Os idosos descrevem o cotidiano da sua ação voluntária e da relação que estabelecem com os outros idosos, dizendo:

Carlos: colaborava junto à Coordenação de Eventos da UnATI, onde participava na organização

“de festa, fazer, festa enfeite, aquele negócio todo”.
 Por exemplo: “festa de São João (...). Um bocado de festa que teve aqui (na UnATI), tá entendendo? Comecei assim. Aí eu ia ajudar, negócio de bola, coisa assim, enfeitar seguinte coisa, tipo de coisa assim. Eu participei nos eventos uns dois a três anos. Três anos”.

Essas atividades parecem expressar um aspecto lúdico do voluntariado e a preferência do idoso pela festa. A sua fala expressa a realidade *do* e a sua abertura *para* o brincar, que pode possibilitar a aprendizagem de brincar com a realidade tão dura para os idosos brasileiros. Winnicott (1975), mostra que “brincar conduz aos relacionamentos grupais”, podendo constituir-se em uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros (Ibid.:63). Esclarece ainda que no ato de brincar, a criança e o adulto “fruem a sua liberdade de criação”, o que permite criar. A criatividade, que faz a mediação nas relações com o mundo (Ibid.:79-80)² é realizada quando os sujeitos se encontram no espaço público plural, para conversar e agir, sendo essa uma característica da amizade política, segundo (Arendt, 2002 a).

E quando se percebe criando “o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”. A criatividade para o autor tem relação com a interação dos sujeitos com a realidade e supõe ações construídas por eles, capacitando-os a se transformar em “uma pessoa ativa e tomar parte na vida da comunidade” (Winnicott (1975:95-9). Desse modo, a criação tem dois significados: pode representar “uma coisa em si

² Embora pediatra e depois psicanalista, Winnicott (1975) desenvolve o seu trabalho em uma perspectiva relacional do desenvolvimento infantil, mostrando ao mesmo tempo a vida humana como uma *tendência* ou um *vir a ser*, onde não há um tempo limite para o desenvolvimento, pessoal e social dos sujeitos. Desse modo, os seus estudos trazem uma grande contribuição para a criatividade, para o desenvolvimento humano e para as relações sociais. Somos estudioso desse autor, tendo participado de um grupo de estudos com um membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise – RJ, durante quatro anos, o que nos capacitou a desenvolver melhor o trabalho com grupos, inclusive com a família, no Serviço Social, sem perder de foco e tendo como eixo principal da nossa proposta de trabalho, a questão social e os direitos sociais, como é expresso na presente dissertação. A contribuição do autor para o Serviço Social, a nosso ver, se prende ao aspecto relacional que o seu estudo apresenta.

mesmo”, necessária na produção de obras de arte e, pode ser também “algo que se faz presente quando *qualquer* pessoa – bebê, criança, adolescente, adulto ou velho – se inclina de maneira saudável para algo ou realiza deliberadamente alguma coisa” (Ibid.:100).

Rosa: Explica a sua forma de colaborar:

“Foi, quando eu estava tratando com o Dr. (...), colaborei com ele e ele me levava pra aquela região que ele tratava as crianças, (...). E era um trabalho muito bonito com as crianças, aliás era um trabalho da Prefeitura que a UnATI estava ligada no Projeto (do profissional), auxiliando aquela população, aquela comunidade. (...). Nós íamos uma vez por semana, justamente na sexta feira [o dia em que ela exercitava o voluntariado]. (...) Demorou só, praticamente um ano. Depois nós fizemos um abaixo assinado para que o trabalho continuasse, no aniversário da UnATI, parece, nos dez anos da UnATI. Eu e umas outras colegas fizemos um abaixo assinado para o trabalho continuar, mas eu acredito que no ano seguinte não foi abordado, não é.”

Ao expressar a sua ação voluntária, a idosa revela uma relação intergeracional, para além dos limites do espaço privado da família e uma ação política de reivindicação, através do abaixo-assinado para a permanência do trabalho e acrescenta: Além de

“arquivar eu ajudo, aquelas pastas, os prontuários, atender os (profissionais), levar as fichas das salinhas (consultórios) dos médicos é, o médico está esperando transmitir um recado... “Anotar o nome, idade do idoso e escrever para que profissional ele vai, não é, e anotar o número do prontuário, pra apanhar o prontuário dele no arquivo e a carteirinha que ele traz para a fisioterapeuta colocar na sala do profissional...”

Solicitamos que comente sobre a conversa com os idosos:

“Isso, nesse momento quando ele chega a gente tem que dar: como vai, bom dia, tudo bem, como é, como foi que passou a semana, como passou o domingo, como que está se aprontando pro próximo domingo? É sempre esse relacionamento assim : ah, mas eu passei muito mal. (imitando os idosos) Ah, mas não vamos pensar assim, não. Eu sempre escuto o que ele diz. Ah, mas vamos ter confiança em Deus, vamos segurar na mão de Deus, vamos ter certeza de que o médico vai acertar, vai apoiar, você vai se sentir melhor, essa semana você vai progredir. Então sempre palavras assim de incentivo, não é, aí eles ficam lá. (ri). Eu não procuro me queixar, sempre procuro ouvi-los e depois o dar incentivo em cima. (fala de forma rápida, com vigor).

Pergunto também como ela percebe que eles se sentem, com o diálogo:

“Apoiados, se sentem confortados, se sentem assim amados, não é, é” (Rosa).

Na fala da idosa observamos que, assim como para os outros idosos anteriores, a colaboração é associada ao voluntariado e no PICOL, essa colaboração tem aspectos administrativos e rotineiros e abre um espaço para a criatividade. É algo realizado com amor, possibilitando ouvir o outro, dar conforto e apoio, que são categorias associadas ao bem-estar subjetivo e ao suporte social, através das redes de apoio social. Além disso, mostra uma identidade própria do colaborador, que demonstra claramente a sua posição de ajuda, junto ao profissional, o que demarca um limite para a ação e a sua imprevisibilidade, ao praticar a colaboração, como em Hannah Arendt (2002 a).

Além disso, a idosa também expressa uma preocupação com a religiosidade, a espiritualidade como recurso de apoio às pessoas idosas. A relação com a religiosidade na velhice permite o bem-estar subjetivo e satisfação na vida, sendo um recurso para lidar com o estresse, permitindo um envolvimento interpessoal. Cria um significado para a vida, possibilitando a adaptação às limitações do envelhecimento (Monteiro, 2004:132).

Dália: colabora na recepção do NAI e relata sobre a sua colaboração, como segue:

“As pessoas chegam aí, muitas eu que cumprimento primeiro, porque às vezes vêm assim com a cara assim meio amarrada, parece que vem com problema de casa, qualquer coisa, ou da condução, não sei. Então eu recebo com um sorriso: bom dia! Aí, sabe: ah, bom dia! Tudo bem!? (resposta do idoso cumprimentado) Eu falo: melhor ainda, com a sua presença, bem melhor! Sabe, aí a pessoa então pronto, já esquece tudo.”

Solicito as suas impressões sobre a reação dos idosos com o seu cumprimento e ela relata:

“Ah, aí fica toda radiante, porque uma palavra! Aí sorri, tá me entendendo. Porque você já pensou, você vem e você nem dá bom dia. Aí eu falo, bom dia, tudo bem,? Tudo bem, melhor ainda, com a sua presença. Melhor ainda! Aí a pessoa se sente, não é não, assim, sei lá, se sente assim, elogiada. É um elogio que faz assim, não é, mas então eu recebo as pessoas assim, dessa maneira”.

A idosa acrescenta que o cumprimento acontece:

“Quando elas entram que chegam na minha mesa. Aí depois, muitas conversam, passam a conversar. Ah, conversa, sabe, deixa eu ver se eu lembro. Assim, muitas falam de problemas assim de doença, não é, aí muitas falam que vêm aí e falam: eu vim aí, sabe eu estava, quando eu cheguei aqui, eu cheguei mas assim tão pra baixo, mas eu estava, sabe, aí depois

que eu comecei a conversar com a senhora, aí eu fiquei outra pessoa, saí daqui outra pessoa, não saio mais a mesma conforme eu entrei. Essas coisas assim, são os assuntos.”

Esclarece ainda:

“Eu pego o cartão, com esse cartão eu vou anotando, fazendo as anotações ali na Folha de Movimento Individual com o cartão dela que ela traz. Aí eu vejo pra que especialidade ela vai, se é pra Fisioterapia, se é pro Serviço Social ou se é pra nutricionista. Hoje tem dentista, e hoje tem urologista, tem enfermagem que acompanha o urologista, sabe, então porque elas trabalham assim em comum. As duas lá fazem intercâmbio as duas, sabe, aí então quer dizer que encaminho, sabe pra essas especialidades que está ali naquele cartão de controle da paciente”.

Acrescenta que espontaneamente:

“Aqueles prontuários que ficam jogados lá em cima do arquivo, eu acho aquilo uma bagunça. Então eu vou, arrumo tudo em seus devidos lugares, deixo tudo arrumadinho. O médico precisa de um prontuário eu vou lá no arquivo, pego o prontuário e procuro em tudo quanto é parte que tem de procurar, quando eu não encontro, então aí, aí é que eu passo pra (recepcionista). Tudo assim, então tudo isso eu gosto.”

A idosa demonstra o seu alto grau de exigência e de responsabilidade, embora seja colaboradora e para ela, colaborar significa o diálogo, como para os idosos anteriores, além da tarefa administrativa. O diálogo para esta idosa, que se inicia com o cumprimento e se desenvolve durante o atendimento, representa elogio e sugere bem-estar subjetivo, como vimos anteriormente. As falhas de memória, que são expressas pelas repetições, sendo inclusive verbalizadas, ela esclareceu, sem que perguntássemos, que as falhas de memória acontecem quando a sua pressão está alta ou quando se aborrece e havia se aborrecido nesse dia, mas a pressão estava bem. Acrescenta sobre a falha de memória, ao comentar que nunca participou dos debates do Fórum Estadual do Idoso, porque: “Antigamente eu não ia porque tinha curso, às quartas feiras.”

Apoiada em Muxel (apud Venâncio, 2004:87) Venâncio (2004) esclarece que, embora o esquecimento possibilite a ação, adaptação e mudança e a memória necessite do esquecimento para se manter viva e liberar espaço para criar e para a emergência do novo, “Registrando um saber sobre o passado, a memória luta contra o muro do esquecimento. Porque esquecer é correr o risco da interrupção. É a terrível sensação da ausência de lembranças” (Ibid.:87).

Azaléia diz que aferia pressão:

“E ajudava lá dentro, é mas, muito bom!”. “Na Coordenação de Eventos, ah, eu tava em todas. Era pegar caderno pra pessoa é... eu ainda encontro pessoas – pegar caderno pras pessoas assinar, levava. (Refere-se ao caderno de frequência nos eventos). E eu encontro pessoas, aí dizem: você não tá tirando mais pressão. Eu disse: eu não tiro, eu verifico. (Ri). É diferente, porque tirar, quem tira é Deus, não é, porque tirando, né. Verificar a pressão é uma coisa, aferir a pressão. Mas eles nunca entendem. A gente tem a linguagem, né. Aí quer dizer, atendia todo mundo com pressão alta.”

A idosa mostra a sua responsabilidade com a colaboração e o investimento que faz dessa posição no desenvolvimento da sua ação. A linguagem específica a que ela se refere, estabelecendo a diferença entre as categorias: tirar e aferir, provém da sua participação em um curso, visando a capacitação para essa ação, promovido pela UnATI/UERJ, como a própria idosa esclarece, dizendo que ao ingressar no PICOL:

“Aí eu fiz o Curso de Cuidadores com (a vice-diretora da UnATI). Quando se entrava pra aula, eles mediam a pressão [dos alunos]. Na aula mesmo, de prática, uma media a [pressão] da outra”.

A idosa demonstra a sua necessidade de manter-se ocupada com atividades que a fizessem sentir-se útil, produtiva e que lhe permitissem uma aprendizagem. Mas assinala também a responsabilidade com a sua opção como colaboradora, exigindo-se estar “boa” no assunto.

Luiz: Relata sobre o que chamou de sua “rotina”:

“Eu fazia, sem dúvida com mais entusiasmo, mais próximo daquilo que eu imaginava – era – nós tínhamos lá uma sala de espera, em que ficavam reunidas dez, doze pessoas aguardando o momento de ser atendidas. Então eu usava aquele espaço pra fazer um alerta. Aquelas pessoas que estavam ali, geralmente pessoas fragilizadas e acompanhados por um responsável, então eu fazia um lembrete para eles é, como, de como se comportar, como quando não pudessem vir a uma reunião, a uma consulta que tentassem telefonar para desmarcar aquela consulta e também para que outros pudessem ser atendidos no lugar deles – da falta, não é? Então essa era uma das funções que eu fazia e mais, (...) uma divulgação, porque eu acho muito interessante. Era certos procedimentos, que as pessoas deviam observar, quanto a determinadas doenças: não fazer isso, não fazer aquilo, não é? Não abusar disso, daquilo, quer dizer eu... uma série de informações, tudo isso e, naturalmente, eu fazia isso com bastante frequência, não é? Então tinha sempre um dia que eu me dedicava a fazer isso. E isso foi feito durante dois anos e meio, mas e, é, (sorri) além desse serviço, vamos dizer, que eu fazia com toda satisfação. Eu também (...) mantinha pastas que os

médicos usavam com muita frequência eram, eram boletins, eram boletins preenchidos que seriam usados, não é, receitas e uma série de boletins que eram de uso dos médicos.”

Este idoso expressa a sua preocupação com o outro, idoso e fragilizado e um excesso de responsabilidade, muitas vezes chegando antes do horário com o qual se comprometeu nesse setor onde praticava o voluntariado. Ele apresenta uma ação bastante criativa com a atividade na sala de espera, informando e orientando os idosos, bem como os seus cuidadores familiares ou não, o que lhe dava “mais entusiasmo” (Luiz).

Violeta: relata a sua ação, ao perguntarmos se conseguiu colaborar:

“Eu, na época que eu comecei no, no projeto eu... Não entendi muito bem, como é que era o esquema... Fiquei esperando que me chamassem, mas aí me chamaram pra um evento..., foi um, um homenagem ao Dia dos Idosos que houve um, uma, colaborei, naquele dia, mas depois me afastei porque, por problema de doença, não, não fiquei, com problema de catarata aí, aí dificultou.” (Violeta).

Solicitamos que comentasse como desenvolveu a sua colaboração nesse evento e ela respondeu:

“Fiquei só é, é ajudando as pessoas a achar o lugar certo onde ficar. As pessoas que chegavam.” (Violeta).

A resposta da idosa mostra uma forma breve e objetiva de responder, sugerindo que como ela possui pouca experiência no voluntariado e, como disse, não tinha entendido bem a proposta, por isso não tinha muito a dizer.

Orquídea: Informa como colabora:

“A princípio só aferia a pressão. Eu tenho um relatório, a gente anota a pressão, ali e agora não. Ultimamente eu já fazia, vamos dizer, praticamente Triagem, não é. Porque quando o paciente entrava já estava quase tudo pronto., entendeu, era só pro médico atender.” (Orquídea).

Solicito que diga se conversa com os idosos:

“Converso muito, converso muito, converso muito. Quando eu entrei aqui, quando eu ia começar eu conversei com a doutora (coordenadora do ambulatório) e perguntei pra ela, como eu devo proceder: eu falo se a pressão der, se a pessoa tiver alta, não falo... Ela disse, não você tem que conversar, você tem que falar, perguntar se a pessoa toma remédio, se tomou naquele dia, você tem que realmente conversar. Eu converso, pergunto, se a pressão tiver alta: você toma remédio, já tomou hoje seu remédio? Aí se tiver muito alta eu sempre comunico o médico que está no momento aqui, não é. Comunico a ele, se for preciso ele vai lá fora vê, conversa com a pessoa também. A pessoa também conversa, conta às vezes, por exemplo uma das idosas

sempre chega , quando eu vou verificar a pressão dela, ela senta, me conta, fala sobre o marido, não é, que o marido também é idoso, mas que ele dá muito trabalho e geralmente ela conta tudo da vida dela. (...) Elas conversam também muito comigo. Na triagem tem várias perguntas, eu pergunto, vou anotando, converso, peso, verifico pressão, anoto, tudo direitinho pra entregar pro médico.”

Observa-se a responsabilidade dessa idosa com os idosos, inclusive recorrendo ao médico, quando necessário, o que demonstra o limite da sua ação bem demarcado. A categoria “colaborador” aqui, está associada a ação, responsabilidade, agir conjunto, diálogo, solidariedade, suporte social e aí se inclui o cuidado e o bem-estar subjetivo.

Relacionamentos construídos, participando das atividades do PICOL :

Carlos: Relata em seguida sobre os relacionamentos que estabelece nessa participação:

“É só um pouco. Eu sou muito versátil. Eu sou uma pessoa que me relaciono muito bem com as pessoas. Especialmente com as pessoas do curso Dança de Salão. Eu participo muito da Dança de Salão por que eu acho, além de ser um setor onde você desenvolve, tá me entendendo, uma ginástica, porque você movimentava o corpo e ao mesmo tempo aumenta a auto-estima, tá entendendo? Eu tenho convidado várias pessoas pra vir porque, às vezes a pessoa chega em casa, se aposenta, e ele chega se senta na poltrona e acabou, a vida pra ele. Eu falei: isso não é bem assim. A vida ainda continua. Você vê que eu tenho participado de tudo, participo de eventos, no Sindicato, tipo de coisa assim. Ontem mesmo teve umas eleições lá, no Sindicato. Então tudo que eu posso participar pra botar a mente em dia eu participo.” (Carlos).

Além disso, Carlos acrescenta que a amizade construída no PICOL é “Assim participativa, participar.”

“Existem várias formas de amizade. Você, por exemplo, você tem uma amizade em um cara que vai participar de um evento, você tem outra amizade pra participar de outra coisa. Porque amizade nem todos eles gostam da mesma coisa. Às vezes eu gosto de uma coisa, mas ele diz: não, não vou não porque isso aí eu não participo disso aí. Eu não gosto disso aí. Mas não é isso mesmo? (sorrindo). (Carlos).

No relato, os idosos mostraram também o seu engajamento político. A luta dos aposentados idosos nas associações tenta reverter uma velhice decrépita e assistida, e dar a essa fase da vida um novo significado (Beauvoir, 1990; Debert, 1999). Esse idoso expressa também que colaborar permite o contato com as

peessoas, encontrando-se nas festas, contrariando a era da comunicação virtual onde é impossível encontrar nos momentos ritualescos da vida, como na festa e na morte (Birman, 1995), pois o mundo virtual, líquido moderno em que vivemos, tem suprido algumas necessidades, quase completamente.

Como é essa relação e o que representa:

“Quando eu vim pra UnATI eu achei – vamos dizer assim como o pessoal jovem chama aí – o maior barato. De tá aqui dentro – vamos dizer assim – colaborar, participar, achei a coisa espetacular, quando cheguei aqui dentro. Então uma das primeiras coisas que eu tomei cuidado de fazer, foi fazer essa Participação Social [o curso] que, achei a coisa fora de série também, depois que eu fiz, porque com uma coisa que eu aprendi: eu pensei que eu tinha um problema, mas tinha pessoa que tinha mais problema pior do que eu [pausa], entendendo? Então foi passado de um pra outro, tá entendendo, a mesma coisa que você reunir com pessoas, pessoas falava problemas das suas vidas – aquele negócio todo -, eu vi que a minha vida não era tanto assim também, não. (...) Trouxe três pessoas pra aqui que colaboraram também (...) Quer dizer que foi uma colaboração que eu tive que eu achei que devia, porque tem idosos lá, que é daquele pessoal que estão entrando no desgaste. Porque às vezes a pessoa tá aqui e tal, mas ele pode vir aqui pra UnATI aqui: faz um cursinho aqui, vê aqui, conversa com um, fala com outro, tipo de coisa assim. Pra passar o tempo. (...) Porque o problema é o seguinte: eu tenho falado pra determinadas pessoas que o relacionamento aqui dentro da UnATI é muito positivo, pela juventude que existe também aqui dentro. Aquilo ali, aquela integração. Eu converso, eu preservo muito esse problema da – vamos dizer assim – da UnATI Sem Muros, tá me entendendo? A UERJ Sem Muros. Eu trago meus parentes, vem aqui minha filha ver, torce, fala. (...) Minha filha também colabora comigo, diz que eu tô no lugar certo, as pessoas que eu falo, que eu comento. (...) Eu tô sentindo que eu tô fazendo a coisa bem pras pessoas também. A nossa presença dentro do Sindicato tem sido uma coisa... extraordinária. (sorri, gesticula com as mãos). A nossa - eles chamam de os velhos -, dos aposentados. Lá tá sendo uma coisa excepcional! Uma coisa de política, uma coisa, fora de série. Isso aí é muito bom !!! (relata sorrindo, com entusiasmo, parece orgulhoso). Eu tô botando o pessoal... curioso pra eles se movimentarem bem! Eu acho que é uma relação muito boa, porque é uma atividade que eu tenho, venho com boa vontade, tenho boas amizades. Eu acho que eu tenho boas amizades aqui dentro, fiz vários colegas aqui dentro, colegas também. Me sinto satisfeito.” (Carlos).

O idoso assim, retrata a aposentadoria associada à velhice como “desgaste”, valoriza a relação com os jovens – intrgeracional, para ele o Curso de Ações de Participação Social representou mudança na forma de percepção dos problemas (morte do filho) e a UnATI, o referido curso e o PICOL, possibilita

integração, conversar e falar com outros, construção de amizades, caracterizando-se dessa forma, constituem espaços públicos e dessa forma. E, conversando e participando nesse espaço público de pluralidade, esse idoso exercita uma amizade política, segundo a compreensão de Arendt (2002 a).

Ao referir-se à UnATI Sem Muros, quer dizer UERJ Sem Muros, um evento anual da UERJ que também envolve as atividades da UnATI e onde ele se apresenta na Oficina de Dança de Salão, na qual ele participa. Além dessa atividade, a coordenação do Projeto “Idosos Colaboradores” apresenta nesse evento, as atividades desse projeto, junto com os alunos do Curso de Participação Social, através de dinâmicas de grupo, organizadas pela autora da dissertação, cuja temática é a publicização das questões relacionadas aos direitos sociais dos idosos no Rio de Janeiro.

Para ele, os idosos estão fazendo os sindicalizados se “movimentarem bem” e são chamados de “velhos” por eles. Esse relato mostra o preconceito com que os idosos são tratados (Debert, 1998; Lins de Barros, 1998). O preconceito pode ser dirigido a um grupo de minorias, como os idosos, os negros, os índios, e outros, sendo um comportamento hostil que leva à discriminação (Bobbio, 2000; Santos, 1998).

Rosa: construiu

“Relações muito boas, de amizades, de fraternidade, de solidariedade umas com as outras, de paciência, de tolerância umas com as outras. Tolerância é você, é você ter paciência para ouvir, ou ter ouvidos, emprestar o seu ouvido ao outro, para tolerar o temperamento dele que não o mesmo do seu. Solidariedade é você estar aberta a fazer tudo por aquela pessoa que você já se tornou uma amiga. Então você é solidária a ela, nas necessidades até, de apoio, que ela precise, material, enfim, o que vem na hora. Fraternidade é abraçar [pronuncia “abraçar” forte, fazendo um gesto de se abraçar, cruzando os braços, no peitoral] com bastante sinceridade o outro, ter aquela amizade forte (forte é pronunciado fortemente). Assim transmitir aquela paz, aquele amor ao outro, aquele abraço fraterno.”

A idosa mostra que as relações construídas no PICOL são amizades, ligadas à fraternidade e à solidariedade. Essa associação foi o lema da Revolução Francesa e caracteriza a amizade política, em Hannah Arendt (2002 a) que a compreende ligada a essas categorias, uma vez que ela se baseou no estudo da questão social dessa revolução, para descrever a amizade política. A amizade foi considerada, na época da Revolução, a solução para aquela questão social e, de

certa forma também deu origem à Revolução Francesa, que surgiu das reuniões de amigos nos cafés como mostra a literatura.

“Eu aqui me relaciono com todas as idades, porque você vê que são várias estagiárias novinhas, não é, médicos são novos que têm a idade pra serem meus filhos, né, eu me relaciono bem com eles, com as assistentes sociais, e lá mesmo na Participação [refere-se ao Curso], as meninas, eu acho, eu acho, não é, porque às vezes eu posso pensar e não ser. (...) Se você tem problema ou não, você tá sempre tratando a gente bem, você trata a gente muito bem. Tá sempre com um sorriso, tá sempre com uma palavra meiga. Então quer dizer que eu acho que o meu relacionamento, eu acho, que é bom. Ali são idosas, né, que são quase, tem gente da minha idade, mais velha que eu, mas aqui no ambulatório tem meninas novas, essas meninas todinhas elas se relacionam bem comigo, graças a Deus. No ambulatório eu me relaciono muito bem com os idosos. O relacionamento é ótimo, tanto é que você tem que ver as lembrancinhas que eu tenho em casa, que eles me dão, sabe, porque se eles me dão, sabe, é por que eles sentem simpatia por mim e sentem assim, acha que eu me dedico a eles, porque se não, não ia nem lembrar, é ou não é.. (...) Para ser voluntário tem que ter amor a Deus e ao próximo. Eu sempre fui assim” (Dália).

Essa idosa mostra uma relação de amizade entre idosos e intergeracional, que representa sentimento de simpatia, dedicação, amor, amor ao próximo, amor e temor a Deus, carinho, lembrar do outro, o amor a si leva ao amor ao próximo, onde se presenteia com “lembrancinhas” e troca de afeto. Associa a amizade ao voluntariado, sendo este relacionado com suporte social, como uma das dimensões da amizade, apontada pelos idosos, anteriormente. Relacionar-se com todas as idades confirma o resultado das pesquisas nacionais e internacionais. Além disso, ela apresenta uma análise crítica do tratamento na previdência social, associando o desempenho das funções profissionais com o tratamento ao outro com amor a esse próximo. Arendt (1996) esclarece que o amor ao próximo em Santo Agostinho representa o amor pelo mundo.

Amizade na UnATI:

“Tem uma colega do Curso [de Participação Social] que ela já tem uns dois anos com a gente aí no Curso. (...) Eu sempre ligava pra ela [quando adoeceu], pra saber como ela estava passando, Natal ela ainda estava sem poder andar e tudo. Eu passei uma mensagem pra ela, então isso não é cativar, não é assim que se cativa, mantemos amizade até hoje.” (Dália).

Luiz: as amizades podem ser construídas

“(...) Tanto na vida profissional como na vida pessoal. E aí eu estabeleci muitas relações no trabalho, nas viagens, na sociedade. Fiz boas amizades, graças a Deus, muita coisa boa. (...) Então você tem lá algumas amizades que na minha idade [ri] já não é fácil fazer amizades. Eu consegui, lá na firma muita coisa e boas amizades, afinal de contas, com diretores. É, eu acho que é uma sorte que eu tive. De maneira que, graças a Deus, eu fiz muitas e boas amizades. Naturalmente são amizades que eu fiz durante o trabalho e [inaudível] UnATI é convivência, de respeito, de carinho [inaudível], todos me recebem sempre muito bem.” (Luiz).

Dália mostra que construiu amizades na UnATI, no PICOL e nos cursos que frequenta, cativando as suas amizades telefonando e enviando mensagens, em datas importantes. Luiz expressa uma facilidade em construir amizades fora da família, inclusive na UnATI e no PICOL, onde este relacionamento representa respeito, convivência, carinho e aceitação.

Azaléia: Inicialmente a idosa lembra que as atividades do PICOL em que participa são: “Por sinal, muito boas”.

“É me relaciono com certeza. É uma relação de amizade, ligo, quando me atendem, atendem bem, é amizade. Pra mim, é sincera, entendeu, mas eles me excluíram um pouquinho. Porque essas mesmas pessoas fazem excursões e não me chamam mais, nem me falam.” (Azaléia).

Azaléia inclui mais dois aspectos na amizade, que é o contato telefônico e a exclusão. A conversa telefônica potencializa uma forma de relação face a face (Boukaïa, 2000: 158), podendo ser assim considerada uma forma de sociabilidade, à distância.

Luiz: Fala sobre a sua ausência nas reuniões, desde o seu desligamento do setor onde colabora, embora fosse convidado pela equipe de Serviço Social do PICOL. Esclarece:

“Olha, eu muitas vezes me vi impedido em participar, não como voluntário, não é, reuniões, algumas eu até participei de algumas discussões e tal, porque eu (...) tenho um lema, eu gosto muito de línguas. Então eu fiz todas as línguas que me permitiam fazer, aliás. (...) De maneira que eu tinha esses compromissos que eu não abria mão. (...) E eu não abro mão, até hoje. Eu não abro mão. Eu sou assim, digo que a porta estando aberta, eu entro, não tem problema. Me dá uma satisfação muito grande assistir uma aula de francês de segundo, primeiro período, conversação. Isso é uma satisfação muito grande pra mim. De maneira que muitas vezes eu talvez não tenha participado, por causa dessa situação que eu aqui, sempre, vivi e vou viver.”(Luiz).

Embora já estivesse ausente das reuniões, concordou prontamente, quando o consultamos sobre a sua disponibilidade em participar da nossa pesquisa.

Ainda relata:

“Eu, de um modo geral, eu faço bom ambiente em todo, em toda atividade. Em todo lugar que me meto eu tenho boas amizades. Desenvolvo um tratamento respeitoso e de maneira que sempre fui um bom amigo, desde o início da minha vida profissional. Não sei se é pelo meu jeito, porque sei sorrir, tenho bom senso de humor e de seriedade, acima de tudo. (...) Então eu faço amizades em todo o lugar, eu me dou com toda turma.” (Luiz).

“No CIPI, lá eu consegui, a [idosa falecida] por exemplo era um relacionamento bom, com a [ex-presidente da Associação de Idosos], com o pessoal da Associação, com os profissionais mesmo [do CIPI], com o [toda a equipe do ambulatório CIPI], e [alguns profissionais da Clínica], tudo são relacionamentos bons, eu me relacionei muito assim, simplesmente assim uma certa afinidade.” (Rosa).

Flor: Se relaciona com todas as gerações, mas prefere se relacionar com idosos.

“Não sei se é porque é onde eu estou chegando ou onde eu já cheguei, não sei, então eu me sinto muito bem entre eles, não é. A gente divide experiências, então eu acho muito gratificante esse tipo de relacionamento. Praticamente não encontro dificuldade em me relacionar com as pessoas, porque eu procuro perceber como aquela pessoa é, pra ver se dá, o que dá pra entrar ou não ou me afastar. Em geral, não tenho problema de relacionamento, não.” (Flor).

Violeta: Participando das atividades do PICOL a idosa se relaciona:

“Ah, muito bem. Me relaciono. Eu tenho muita facilidade de me relacionar com as pessoas (...) com todo mundo e de todas as idades, com homens e mulheres. É uma relação boa, aqui na UnATI é boa. Agora com os jovens é que é mais complicado porque – o jovem de hoje, né – eles têm, discrimina, mas, tudo bem, nem todos. (Ri, ao final). Nem todos, tem jovem ainda muito bom. (Rindo). Com alguns jovens tenho dificuldade de me relacionar. Com os idosos também. Tem alguns que é difícil. (Ri). Não depende da idade. É, da pessoa. (ri brevemente). (...) Agora é como eu acabei de falar, né eu seleciono pela, pela, sinceridade, pelo caráter da pessoa. Amizades também. É amizade, agora umas é mais, outras menos, né, porque a gente seleciona as nossas amizades. Eu acho que todo mundo é assim, né (rindo).

“Eu fiz bastante amizade aqui. Eu fiz uma grande amiga aqui, ela com essa doença do meu marido, todo santo dia ela liga pra mim. Graças a Deus eu fiz uma grande, uma grande amiga. Tem diversas, mas essa aí é a amiga. Ela é fiel, ela liga até sábado, domingo, ela liga, como é que está o seu [esposo da idosa] e como é que você está, eu fiz uma grande amizade. Eu a

conheci aqui, na aula de Italiano. Eu me relaciono mais com as mulheres, aqui na UnATI, porque são as mulheres que mais me procuram aqui. Homens são poucos. Eu fiz amizade com a equipe aqui do ambulatório e com vocês assistentes sociais do projeto, aí nem se fala. (Ri). Eu me dou bem com pessoas das gerações mais novas. (...) Também tem uma amiga que ela é mais velha do que o meu filho, mas ela poderia ser minha filha e ela diz pra todo mundo que eu sou a segunda mãe dela, mas é uma amizade assim... sei lá, parece que ela é da minha idade. Eu chego ao nível dela e ela chega ao meu nível, entendeu, quando nós estamos juntas.” (Orquídea).

Luiz associa a amizade ao respeito, saber sorrir, bom senso de humor e seriedade, o que imagina ser o motivo de se relacionar com todas as gerações. A amizade aparece na fala de Violeta, associada à sinceridade, o caráter, é escolha livre, relação entre iguais, entre os gêneros. E baseia-se nesses critérios para selecionar as amigas, embora não as discrimine, mas percebe uma discriminação por parte de outras pessoas, independente da idade. Para Orquídea, amizade é associada à fidelidade, pode ser uma “grande amizade”, as amigas a consideram mãe, mostrando que a amizade é comparada à família, confirmando os resultados das pesquisas nacionais (Erbolato, 2001:242), internacionais (Adams, Blieszner & de Vries, 2000; Jerome & Wenger, 1999) e a experiência de Hannah Arendt, que era fiel às amigas, como vimos anteriormente.

Amizade *com* e *entre* integrantes do PICOL:

“Sim, construí porque Orquídea eu (...) conheci no projeto. Hoje em dia praticamente nós somos assim amigas assim entre aspas, porque amigo é uma palavra muito forte. Nós somos colegas, nos damos muito bem. Eu também conheci uma outra que eu esqueci o nome. (...) Quando fomos ao museu, ela foi também, (...) mas ela participou, parece, uma vez só da reunião do Projeto. Aí um dia eu pedi o telefone dela. Ela era do projeto. Não sei se ela aferia pressão. Eu fiz amizade pouco tempo porque depois ela sumiu. Ela não foi mais no projeto. Uma vez eu ainda liguei pra ela, tá me entendendo. (...)”. (Dália).

“Apenas com a (...) e (...), que eram do CIPI, também. Mesmo assim, não era uma amizade profunda, mas conversávamos e eu, muitas vezes falei com a (...) sobre ela desempenhar atividades que não eram para nós, voluntários realizarmos.” (Luiz).

“Eu acho que sim, com uma (...) filha de uma de uma do nosso grupo, me esqueço o nome dela (...) é uma menina muito agradável. A mãe dela é dos projetos e a filha foi estagiária aqui com a gente [não consegue lembrar quem é]. A gente fez uma amizade bem coisa, bem chegada, ela ia na minha casa [fora do Rio].” (Flor).

“Eu me dou bem com essa senhora que trabalhava aqui de manhã que eu trabalhava com ela também, duas que eu faço aliás, é [uma das idosas do PICOL] e Dália.” (Orquídea).

“Amizade eu acho que é carinho, uma pessoa que trata você com carinho e você trata aquela pessoa com carinho. Não tem, vamos dizer assim, rusga no meio da amizade, né. Eu acho amizade assim, né, eu acho isso, que é você ter muito carinho por uma pessoa e aquela pessoa ter com você, né.” (Orquídea).

O idoso considera que na velhice “não é fácil fazer amizade”. A amizade pode ser construída no trabalho, nas viagens, na sociedade, na UnATI, no PICOL. Embora a amizade construída entre os integrantes do PICOL não fosse profunda, conversavam e o amigo “fala sobre”. Aparecem na fala de Luiz, os tipos de amizade: “boas amizades”, “profunda”. A amizade ligada à UnATI foi associada a convivência, respeito, carinho, receber “sempre muito bem.” Amizade significa vivência de “uma sinceridade”, “uma verdade” na vida. E amigos, foi ligado a disponibilidade em qualquer situação, sugerindo que os amigos são para contar em qualquer momento da vida. A qualidade mais importante da amizade é a honestidade, ser positivo, quer dizer uma pessoa estar aberta., compreensiva, “falar só a verdade”, “não ter malícias, não ter maldades”, “sinceridade,” lealdade. A sinceridade foi a escolha de todos os idosos.

Definição de amizade:

“Amizade é aquela que você tem uma pessoa, às vezes quando você confia determinadas coisas, determinados assuntos, tá me entendendo? Conversa com ele, participa com ele em determinadas coisas, em eventos. Assim, passeio, tá me entendendo? É, conforme eles falam em São Paulo, noitadas, jogo de futebol, esse tipo assim” (Carlos).

“Ah, amizade! A amizade pra mim, inclui tudo, tolerância, paciência, esperança de que o outro progrida, saiba se amar, se tolerar também, esperança de que, conversando com o outro vá dando ao outro esperança dele próprio [próprio é pronunciado de maneira forte] se dominar, esperança dele melhorar para um convívio maior na comunidade.” (Rosa).

Acrescenta:

“É um pouco difícil te arranjar palavras bem específicas [para definir amizade]. Bom, amizade pode conter aquela vontade de você, aquela conversação muito mais ampla com ela, a ponto de ter até aquele desabafo, de coisas, de coisas que você não consegue conversar com sua filha, com seus netos, com essas

peças, também elas com você e você faz aquela expressão maior de expor assim aquele seu, até problemas, que a gente considera problema de relacionamento, então na conversas com suas amigas, uma fala... aí consegue desabafar e, sentir aquela expressão maior, naquela pessoa. (Rosa)

Acrescenta ainda:

“É, e continuo constituindo [amigadas], não resta a menor dúvida. Eu também costumo me relacionar com jovens na Igreja e com crianças, eu consigo me relacionar bem. Na UERJ, quando eu entro na UERJ, os meninos, quando puxo conversa e eles estão conversando no hall [do andar], quando eles se dirigem a mim, qualquer coisa, eu também consigo conversar com eles. Na UnATI também, tem as estagiárias e as assistentes sociais jovens, me dou muito bem com a [estagiária da época], a [estagiária antiga] e com as outras. Com a equipe do NAI também, a [receptionista do NAI], e outras de várias idades.” (Rosa).

A amizade foi, associada no relato de Carlos, à confiança, conversa, participar, passear, praticar a sociabilidade na “noitada” e jogar junto. Em seu depoimento, Rosa associa a amizade, a diversas categorias, como se observa e declara que continua construindo amizades na velhice, com as diversas gerações. A idosa mostra também a importância da amizade para conversar e desabafar problemas de relacionamentos familiares, sendo assim um benefício.

“Amizade pra mim, tem que ser uma coisa sincera, tem que ser uma coisa espontânea, uma amizade sincera, porque existe muitas amizades, vamos botar no plural, de falsidade, sabe. Então eu acho que do momento que eu tenho amizade a você, então eu sou sincera a você, aí então se eu sentir alguma coisa de você eu vou falar pra você e não, pra outra pessoa. (...) Então eu acho que amizade tem que ser uma coisa de muito amor. Na amizade tem que existir o amor, porque se não existir o amor, não existe amizade.(...) O amor, pra mim, é assim, sabe, dedicação [palavra pronunciada como se finalizasse a declamação uma poesia ou uma frase musical de uma valsa], carinho, atenção, sabe isso tudo pra mim faz parte do amor.” (Dália).

Além disso, declara:

“Eu chamo [as relações construídas através das atividades do PICOL] uma amizade, uma amizade profunda, porque não é assim uma amizade passageira. Amizade passageira é quando você fala hoje e passou de hoje, esqueceu, fica pra lá, nunca mais você fala, nunca mais você liga.” (Dália)

O relato da idosa expressa a amizade está associada à sinceridade, à espontaneidade, ao amor, podendo ser, desse modo, uma amizade sincera e amizades de falsidade, profunda e passageira. O amor é considerado imprescindível na amizade e a condição da sua existência, sendo quase sinônimos. E o amor foi associado à dedicação, carinho e atenção. O amor foi associado à

amizade desde a antiguidade, mas amizades efêmeras, passageiras, são comuns na modernidade, onde são vistas como um investimento lucrativo (Bauman, 2004), visando portanto um interesse, como em Aristóteles que condenava essa forma de amizade e em Epicuro, que o considera um dos aspectos da origem da amizade (Silva, 2003). Nesse contexto, essa forma de amizade não consiste em um interesse pelo mundo, segundo a compreensão (Arendt, 2002 a), nem é expressão das informações que circulam nas redes construídas na sociabilidade (Balchler, 1996).

“As reações construídas no projeto e na UnATI são amizades abertas, muito abertas. Amizade pra mim, eu acho que, é um pouco de chavão, mas eu acho a coisa mais importante do mundo, porque, como diz o ditado, né, amigos a gente escolhe, não é. Família você tem, porque tem [porque tem, pronunciado bem forte]. Agora amigos você escolhe. Agora a grande felicidade é você ter amigos na família, que é o meu caso: a minha irmã, o meu irmão – já não tenho mais pai nem mãe, algumas primas, mais chegadas, o grupo de amigas que, eu tenho amigas de mais de cinquenta anos de amizade, desde o primário. Quer dizer que eu acho que isto é verdadeira amizade. Daqui, eu acho que não [chamou para ir à sua casa]. Eu já frequentei a casa de algumas, mas, não sei, não tem assim uma explicação plausível, mas eu já fui à casa de algumas, mas na minha casa, não me lembro, não. Acho que não.” (Flor).

No relato de Flor, as visitas não são frequentes e são unilaterais, pois ela visita, mas não chama para a sua casa. As amizades são “muito abertas”, de livre escolha e “a coisa mais importante do mundo”. A idosa mostra ter construído amizade na velhice. E as amizades verdadeiras são, na sua experiência, as amizades antigas, na família, como entre irmãos e fora dela, podendo ser amizades da infância e duradouras.

“A amizade é essa disponibilidade que você tem e obtém dessas pessoas que estão próximas de você, então são pessoas que o que puderem e estiver ao alcance deles ou ao meu alcance fazer um pelo outro. De maneira que isso é amizade, é uma sinceridade, é uma verdade que nós, que nós é, é, é, vivenciamos, graças a Deus no decorrer de nossa vida. Então amigos é, é, é, são pessoas disponíveis, em qualquer momento, em qualquer circunstância.” (Luiz).

Rosa mostra que um tempo de convivência mais prolongado possibilita a construção da amizade. Além disso, expressa uma valorização do Projeto e a atenção à amiga que desejava integrar-se ao mesmo, mostrando que a multiplicidade de atividades, dificulta essa inserção e que as pessoas podem

desistir da vontade de ser voluntárias. Os idosos relatam ter constituído amizade, desenvolvendo as atividades do projeto e entre os integrantes do próprio PICOL.

Construção da amizade:

“Uma amizade se constrói da seguinte maneira: é o conhecimento de um pra outro, havendo a sinceridade entre um e outro aí nasce a amizade” (Carlos).

“Pode ser construída através sempre do relacionamento constante, perseverante e da conversa” (Rosa).

“Com relacionamento, assim com a continuação de um relacionamento é que a gente vai construindo a amizade” (Dália).

“Ah, com uma palavra amiga. Eu confio muito nas pessoas” (Azaléia).

“Através da verdade” (Luiz).

“Uma amizade é construída no seu dia-a-dia, na sua convivência do dia-a-dia, você aceitando as pessoas como são, elas te aceitando, aí você vai verificando o terreno, onde você está pisando, dali, realmente, cresce uma grande amizade” (Flor).

“Ah, com sinceridade, né? Eu acho que essa palavra sinceridade tem que estar aí, em todo lugar. Que se a pessoa for falsa, não existe amizade, não é” (Violeta).

“Ah, outra vez, com muito carinho. Se não tiver carinho não tem amizade” (Orquídea).

Segundo esses resultados, para a amizade ser construída são necessários: conhecimento recíproco, sinceridade, sendo essa categoria imprescindível na amizade, para os idosos. Também são significativos o “relacionamento constante” e “perseverante” e a “conversa”; continuidade de um relacionamento; com a “palavra amiga”, “confiança”; com a “verdade”; pela “convivência” cotidiana, aceitação mútua, “verificando o terreno onde está pisando” ou observação do outro como ele é. A sinceridade está associada à confiança e à lealdade, segundo (Erbolato, 2001) e pode ser associada também à verdade, a nosso ver.

A convivência grupal resulta na construção da amizade entre idosos, como Dias (1987), Nunes & Cuba (2001) e Nunes (2004) mostram. Para Goffi (1993:13) e Vincent-Buffault, (1996:202) a amizade é organizada através da palavra, do silêncio e das atitudes e tem como linguagem comum o afeto. Nas relações humanas, significa que a harmonia entre os sujeitos, que é ligada a *philia* é constituída através da convivência e do modo de pensar de cada sujeito, mantendo-se unidos, através do relacionamento recíproco, como em Epicuro

(Silva, 2003). A amizade através da confiança é encontrada em DaMatta (2001). As pesquisas nacionais e internacionais sobre a amizade na velhice mostram o espaço de construção da amizade, mas não expressam a forma de construção da amizade.

Nossa pesquisa inova, ao identificar, no envelhecimento, os aspectos relevantes na construção da amizade, que as pesquisas nacionais e internacionais, voltadas para essa temática no envelhecimento, não identificaram. Além desses aspectos encontrados, Dália diferencia a amizade “sincera”, colocando-a no singular e as “falsas” no plural, sugerindo que há poucas amizades sinceras, que pode ser associada a amizade verdadeira, no sentido que Jerrome & Wenger (1999) encontraram na sua pesquisa, significando pessoas da confiança dos idosos nos seus momentos de necessidade. Além disso, a amizade verdadeira, requer o reconhecimento e a aceitação das diferenças, como Rosa declarou, sendo também uma característica da solidariedade, disponibilidade e autenticidade (Lepp, 1964).

Amizades também podem ser construídas:

“Em todos os espaços. Essa amizade pode estar presente em todos os espaços” (Luiz).

Em relação ao gênero, diz:

“Não, com homens e mulheres. Nunca fiz distinção, nunca houve porque fazer distinções.” (Luiz).

O depoimento desse idoso confirma o dos demais idosos, embora Orquídea tenha mais amigas mulheres, por serem geralmente as mais próximas a ela.

Formas de Amizade:

Carlos: No projeto, considera que tem colegas e tem amizades: “Exatamente.” (Carlos).

Além disso:

“ Acho que colega e amizade tem um relacionamento tudo igual. Você tem o amigo e tem o colega. O amigo já é outra coisa diferente. Amigo é a mesma coisa de uma particularidade que tem, que você pode solicitar, falar. Já o colega não. É a questão de bom dia, boa tarde, tal, sai dali toma qualquer coisa e vai embora, tá me entendendo. Sem haver uma particularidade entre um e outro.” (Carlos).

Para ele as formas de amizade são: participativa, cada amizade para cada momento, como as construídas no PICOL. Diferencia os relacionamentos: de

colega e de amizade. Com amigos se tem uma “particularidade”, fala-se, solicita-se e com o colega, não. Em Ferreira (1975), amigo está associado a colega.

Para Rosa, as relações construídas no PICOL:

“Ah, sim é uma amizade, é uma amizade um pouco mais leve, não tão concentrada, mas você vai conseguindo captar. Concentrada é aquela em que você já conhece a pessoa há mais tempo, um pouquinho mais tempo. O relacionamento curto você sente que a aproximação do, e já quer se tornar amigo dele, então, aí que eu vim disse essa é a amizade mais leve. A mais profunda. A mais profunda é aquela que você conhece há mais tempo e a mais leve você conhece há menos tempo. A mais profunda você já capta melhor o que o outro necessita para você transbordar tudo de si pra ele e ele pra você. Acho que não há várias formas de amizade.” (Rosa).

Embora para ela haja apenas uma forma de amizade, assinalou: amizade “leve” ou “curta” e “concentrada” ou “profunda”. Leve, são conhecidos há pouco tempo e que você vai captando. Na amizade concentrada o amigo “capta melhor” a necessidade do outro amigo e ambos transbordam de si para o outro, reciprocamente. Dália declara haver as amizades: “mais chegadas”. Há ainda os “colegas ou conhecidos”, como ela declarou em outro momento. A diferença entre colega e amigo foi relatada também por Carlos, como vimos, anteriormente.

“Tem várias formas de amizade. Tem, conforme eu já te falei: tem amizade sincera e tem amizades falsas. (...) tem gente que quer ser amigo do outro pra aproveitar a oportunidade, né? Às vezes uma pessoa tem um, uma certa autoridade, né, quer ser amigo dele pra aproveitar, tirar proveito, não é? Outros já não, outros já querem a amizade por causa de, de solidão, não é, quer ser amiga, tem uma amizade por causa de solidão. Eu acho assim” (Dália).

Sobre a relação entre amizade e solidão diz:

“Bom, solidão, eu acho que a pessoa procura a amizade pra fugir da solidão e, e, às vezes se torna uma amizade é, é uma amizade sincera, né, de repente a pessoa procura um conhecimento com a pessoa, uma aproximação pra fugir da solidão e de repente se torna uma amiga sincera: um amigo, uma amiga. “ (Dália).

“Tem várias formas: amizade por amizade, por gostar da pessoa, amizade por interesse. Eu não tenho amizade por interesse, eu falo mesmo, eu gosto da pessoa por gostar, eu gosto mesmo.” Tem também a amizade só porque está ali na hora, na frente das pessoas, por trás subjuga as pessoas, eu acho isso muito terrível. Eu trato você aqui agora, ali aonde que eu tiver, eu trato você da mesma maneira.” (Azaléia).

“Aproveitar a oportunidade” sugere uma associação com a amizade por interesse que Aristóteles classificou como uma das formas de amizade, mas não a

melhor forma, para ele. Nesse sentido, essa forma de amizade está ligada a “uma certa autoridade” do que quer “tirar proveito”. Outra forma da amizade enumerada pela idosa é a amizade por solidão, mas não por amizade. A literatura sobre a amizade e amizade no envelhecimento mostra que a amizade pode evitar e ser uma forma de sair da solidão (Vincent-Buffault, 1996; Cícero, 2001 a; Capitanini & Néri, 2004:85). Para Dália, embora a amizade seja por solidão, pode culminar em uma amizade sincera.

Azaléia apresenta as formas: amizade por amizade, por gostar da pessoa, por interesse e amizade de aparência. Apenas a segunda e a terceira formas são encontradas na literatura sobre amizade. Em Arendt (2002 d) aparência tem o sentido de se fazer presente no mundo entre outros sujeitos e não, no sentido de aparentar uma coisa diferente. “Amizade profunda.” (Luiz). A amizade profunda também foi enunciada por Rosa e pode ser associada à duradoura citada por Flor. Para Cícero (2001a), as amizades profundas são baseadas na virtude e visam o “bem comum”, o que sugere um voltar-se para o mundo.

Flor: complementa

“Eu não diria várias formas, eu acho que amizade é amizade. Tem, vamos dizer, várias ramificações, não é, de amigos. Agora a forma de amizade em si, eu acho que é uma forma. Tem amizades mais chegadas, mais distantes, tem amizade de amigos, tem amizade de marido, vários, não é.” (Flor).

E acrescenta:

“Uma amizade mais chegada é como no meu caso, ter a felicidade de ter uma irmã e amiga ou uma amiga e irmã, não sei qual é a diferença. Essa é a amizade mais chegada. Ainda tem amizades com primos, amigos que eu tenho, como eu falei, amigas de cinquenta anos de amizade, desde o primário, até hoje a gente se dá, amigas que eu trabalhei no Banco, de quarenta anos, eu valorizo muito isso. Essas são as amizades de amizade, as mais antigas. E a gente dá muito valor, até hoje. São as mais chegadas ainda.” (Flor).

As amizades mais chegadas são as amizades da família também e as outras:

“São passageiras, no caso”. Aqui na UnATI, eu já tive várias amizades, mas pelas circunstâncias vão se afastando, saem, morrem, essas coisas assim.” (Flor).

Com a morte e as saídas da UnATI as amizades também se distanciam.

“E as dificuldades que a gente tem, por exemplo, aqui tem uma grande maioria que já é uma idade bem avançada. Então, começa a faltar, então a amizade vai distanciando, não é, quando você vê ela se perde.” (Flor).

Para Flor, “amizade é amizade”, por isso não há formas de amizade, mas ramificações de amigos. Além disso, existem: amizades mais chegadas, mais distantes, amizade de amigos, amizade de marido e várias outras. As amizades “mais antigas”, como com a família, os parentes e outras duradouras são as “amizades de amizade”. A amizade é perdida pelo afastamento, principalmente dos mais idosos, por causa da limitação da idade. Também pela morte ou saída da UnATI, sendo essas as amizades passageiras. Dessa maneira, a idosa traçou duas formas de amizade: duradouras e passageiras.

As amizades duradouras foram encontradas na pesquisa de Erbolato (2001) e para esta autora, os idosos que menos se queixaram das perdas, desenvolviam algum tipo de atividade voluntária.. Matheus (1983, 1986) identificou que a perda dos amigos como indivíduos particulares, geralmente por morte, doença ou mudança, dificilmente é substituída, o que torna o sistema de suporte social precário. Jerrome & Wenger (1999) dizem que às vezes, as perdas são compensadas com ganhos em outras esferas.

Orquídea, sobre formas de amizade:

“Eu acho que tem várias formas de amizade. Por exemplo: tem pessoas que dizem assim, a mulher não pode ter amizade com homem. Eu acho que pode, eu acho que pode. Tem tantos homens respeitadores, não é, e que você gosta, não é e (...) tem uma grande amizade (...)” (Orquídea).

Então pode ter amizade entre mulheres, entre homens, de homens com mulheres e de mulheres com homens: “Eu acho que pode existir sim” (Orquídea). A idosa assinala a amizade heterogênea, mas tentando romper um certo preconceito sobre amizade de mulheres com homens. Esse aspecto, apresentado pela idosa remete à experiência da amizade política exercitada por Hannah Arendt, onde a amizade de mulheres com homens é comum.

Importância da amizade:

“Pra mim a amizade é uma coisa muito importante, tá entendendo? Porque você quando constrói uma amizade é a mesma coisa quase que uma família. Você conhece a família do outro, o outro conhece a sua família e daí começa uma amizade, até posteriormente. É uma espécie de um equilíbrio entre duas pessoas” (Carlos).

Sobre a importância da amizade, Rosa diz:

“Acima de tudo eu acho que é o desabafo. Quando a pessoa está assim, com problemas e pega o telefone, escuta a voz do outro e o outro também fala os seus problemas, você vai indo e aquilo vai, te desembaraçando até que você consegue, captar o que o outro quer e o outro também e vocês vão, e conseguem chegar no clima, não é, de relacionamento, bom. Solidariedade sem uma amizade não é nada”
(Rosa).

“Eu acho a amizade fundamental, sabe, porque amor, amizade, conforme eu estava falando [para alguém nesse dia], o dinheiro não faz parte do amor, porque às vezes você tem dinheiro e apodrece em cima de uma cama que você não tem ninguém pra ir lá, pra olhar pra você e tem dinheiro. E pela amizade a pessoa vai e faz por amor. Você pode não ter dinheiro, mas a pessoa vai e faz por amor. (...) A maioria das pessoas que vêm no Ambulatório (NAI) e que eu falo com elas [primeiro atendimento], eu explico pra elas, sou sincera com elas como é que elas têm que fazer pra serem acolhidas. [explica que “acolhida” substituiu o nome antigo “inserida” no Programa do NAI]. Eu uso a minha sinceridade, porque eu prefiro usar minha sinceridade (...)” (Dália).

Entretanto, às vezes:

“Desobedeci [a orientação das estagiárias sobre a hora de fazer a inscrição no Curso de Participação Social, chegando bem antes da hora indicada por elas]. Eu não vim na hora que vocês mandaram vir, eu vim bem antes, mas eu fui sincera, né. Falei pra elas, não menti que cheguei nove e meia, dez horas.” (Dália).

“Amizade é pra tudo, em vários sentidos. Vão lá em casa, saber se eu tô preocupada, se eu vou pra casa da minha filha, telefonam, se preocupam comigo e essa é a minha amizade, mesmo. As [amigas] são amizades e a[uma delas] é uma irmã. Elas moram na mesma rua, são minhas vizinhas.” (Azaléia).

Para Luiz: “Não se vive sem amizade!” (Luiz).

Sobre a importância da amizade, Violeta diz:

“Estamos batendo muito nessa tecla? (Rindo). É... a importância da amizade! Eu acho que é o mesmo pensamento do Ayrton Senna, não é? (Rindo). Ele gostava daquela música do Milton Nascimento, que dizia: “amigo é pra...” não tô me lembrando, agora. (leva o braço direito até o ombro esquerdo, encostado do peito). É, pra se guardar... (Rindo). Ayrton Senna gostava dessa música por causa dessas palavras. Essas palavras do Milton Nascimento falam tudo... (Ri). Eu concordo com plenamente.” (Violeta).

Se a música explica a importância da amizade:

“Sim, essa música que era da preferência do Airton Senna. Que amigo é pra essas coisas, amigo é pra, pra quando é um amigo sincero, né, pra atender a gente na necessidade e é pra ser guardado dentro do peito, né?” (Ri). (Violeta).

Violeta acrescenta:

“Eu acho que é geral. Tem que ter amizade. Que a pessoa que não tem um amigo, uma amizade assim... acho que ele mesmo se sente, é... excluído, né? Eu acho. Excluído, do meio que ele convive. (Ri) Se ele não tem uma amizade ali naquele meio, que ele pode recorrer, eu acho que ele se sente excluído. Excluído tem muito sentido, né, as pessoas evitam e a pessoa vai pra conversar, a pessoa se afasta, né, eu acho que é assim.” (Violeta).

“Olha, como a minha mãe dizia, o parente a gente não escolhe, mas amizade a gente escolhe e quando escolhe é porque gosta mesmo.” (Orquídea).

A fala de Carlos expressa a relação entre amizade e “equilíbrio” e amizade como sinônimo de família, influenciando a definição de amizade, como em Adams, Blieszner & de Vries (2000). Jerrome & Wenger (1999) encontraram em sua pesquisa que amigos podem ser substitutos da família na administração de suporte social. Além disso, embora nessa fase da vida as amizades sejam, muitas vezes comparáveis à família, não duram tanto quanto esse grupo e não o substituem (Erbolato, 2001:242). Amizade também é importante como desabafo, segundo Rosa, mostrando a dimensão da amizade como suporte social e para ela, o dinheiro não substitui a amizade. Esta relação é importante para orientar, “dando a dica”, pois “não fui eu que fiz” e supõe retorno, através da gratidão. Na ausência da amizade, a pessoa se sente excluído. As amizades comparadas à família dependem do grau de amizade, podendo morar próximas dos idosos ou não.

Às vezes a amizade desobedece, mas é sincera, contando a verdade sobre a desobediência. A frase de Luiz foi escolhida por nós, para o título da dissertação, pois resume o que se constata, o que é inegável na literatura e nos depoimentos dos idosos. A amizade nesse contexto tem um sentido de fazer parte da existência. Para Violeta a amizade é tão importante que se guarda dentro do peito, semelhante a Azaléia que tem amizades “de coração”.

Amigo é importante, mas o amigo sincero, que é para “essas coisas” e atende na necessidade e nesse contexto a amizade tem uma dimensão de suporte social, como estudamos na literatura específica. Além disso, Hannah Arendt

também teve experiências de amizades como troca de suporte social, pois ela sempre foi solidária com os amigos, sendo muitas vezes recompensada. Os idosos saem só ou acompanhados pelos amigos e, quando saem sós, encontram os amigos nos lugares onde vão freqüentar. Mas, participam com os amigos de diversos eventos na UnATI e fora da UnATI, passeios, viagens, festas e comemorações, convidados ou não, por esses amigos.

Função de amigo

“Ah, nas horas de saudade, ter os ouvidos pra nos ouvir, não é, e ter paciência conosco.” (Rosa).

“Os amigos, eu acho que servem, sabe, pra nos confortar, nos trazer uma palavra de conforto, quando nós nos sentirmos assim pra baixo, a pessoa vem e pode te dar uma palavra, sabe, pode levantar seu astral com boas palavras. Pode te mostrar um outro lado da vida. Eu acho que os amigos servem pra essas coisas, porque na hora que a gente precisar ele tá ali, pronto, tá pronto, pra te atender. Eu acho assim.” (Dália).

“É, para alegrias, às vezes para decepções, mas de um modo geral, na minha vida os amigos valeram, como alegria, sem dúvida nem uma.” (Luiz).

Segundo a idosa, os amigos confortam, com “boas palavras”, mostram “um outro lado da vida” e deve ser para toda hora, atendendo, na hora da necessidade e que for chamado. Amigo é para toda hora, como declarou Luiz, em outro item da pesquisa. Dália acha mais fácil fazer amizades com mulheres, embora “faça amizade assim também com homem”. “Porque com mulher a gente pode se abrir mais, porque tem coisas assim, que é de mulher, que é para falar de mulher para mulher” (Dália). Os amigos foram fonte de alegria, para Luiz, mas somente um idoso compreende o que outro idoso diz, o que sugere o bem-estar subjetivo e a função de suporte social, sendo mais fácil entre idosos.

O que facilita construir e praticar a amizade:

“O que facilita é o conhecimento entre duas pessoas e a sinceridade entre duas pessoas. Porque às vezes você tem, (...) uma amizade de um colega, (...). Mas não deixa de ser uma amizade. (...) Isso é amizade.” (Carlos).

Carlos tem facilidade de fazer amizade:

“Com todos. Qualquer pessoa: homens, mulheres, qualquer idade, qualquer pessoa. Eu respeito muito a posição das pessoas, tá entendendo, até uma criança. (...) Se você sentir, respeitar eles, eles vão te respeitar” (Carlos).

“O que facilita é só a conversa, a conversação, não é. É a troca de pensamento, de entendimento. Pra mim é só a troca de palavras.” (Rosa)

Segundo Carlos, a construção da amizade é facilitada pelo conhecimento, pela sinceridade. Para Rosa, a conversa, trocando palavras, pensamento e entendimento. A amizade é facilitada também entre idosos, podendo ser construída com qualquer camada social. Além disso, a amizade é construída com facilidade também com os netos e os colegas dos netos, embora os idosos façam uma ressalva de que nem sempre é tão fácil dialogar com os jovens.

“O modo de tratar. É o tratamento, acho que é tudo, sabe, o tratamento que você passa pra uma pessoa, que você dá pra uma pessoa, atenção, sabe, é tudo. Você tem que ter até por telefone.” (Dália).

Além disso,

“Entendeu, aí eu desejo, sabe, saúde pras pessoas, falo com Deus abençoar, envio beijo ou então, beijo, tá me entendendo. Então isso tudo é cativar. É você saber cativar. Você sabendo cativar, você colhe. Você não sabendo cativar, você não colhe.” (Dália).

Para a idosa, a forma de tratamento facilita a amizade, pois cativa a outra pessoa. Na sua experiência, o cumprimento pelo beijo e pedindo que Deus abençoe o amigo, também cativa o amigo, ressaltando a importância da religiosidade na velhice. Para Azaléia, o que facilita construir amizades é o “Sorriso”. Para Luiz, “A verdade, a sinceridade” (Luiz).

Flor diz que facilita praticar a amizade: “ É você ser muito sincera e, principalmente saber respeitar. O respeito mútuo é muito importante na amizade” (Flor).

“Eu acho que sempre sendo sincero. Sempre a sinceridade tem que estar em primeiro lugar. Ah, atender a necessidade do amigo, né, ser companheiro, ser, como é aquele, aquele que guarda, às vezes, o segredo por toda a vida? Confidente, né? (Violeta).

“Eu acho que facilita ter um amigo é que, nas horas que você mais precisa você pode contar com esse amigo, não é. Você pegar o telefone e falar, fulano eu tô precisando disso, eu tô precisando de carinho, eu tô precisando conversar, não é. Não é precisar só, vamos dizer, de bens materiais, não é, às vezes você precisa de um carinho, você precisa de uma palavra, você precisa que o seu amigo ouça você.” (Orquídea).

Para estes idosos o que facilita a amizade, são: o sorriso; a verdade; a sinceridade (1 idoso e 2 idosa); o respeito mútuo; atender a necessidade do amigo; companheirismo; ser confidente; poder contar com o amigo na hora da

necessidade; disponibilidade do amigo para suprir necessidades materiais, de carinho, de conversar, de uma palavra, de ser ouvido. Em relação a este item, a nossa pesquisa amplia algumas categorias encontradas. Observa-se que as categorias citadas pelos idosos são repetidas por eles em outros momentos da entrevista, denotando uma grande relevância que possuem para eles.

O que dificulta a amizade

“A mentira, a indiferença, a desonestidade. A indiferença é assim: se você tem amizade por uma pessoa, mas se você tá conversando ela te ignora, se tiver outra pessoa que der interesse a ele, você é indiferente. A desonestidade: às vezes você se dá com uma pessoa, mas é desonesto.” (Carlos).

“Ah, dificulta é a pessoa estar em depressão, se fechar. É ficar negativa, não querer se relacionar, se comunicar, não procurar o outro. Aí é a dificuldade.” (Rosa).

Entretanto, Rosa acrescenta:

“Dificuldade? Eu sinto que eu sou maleável, eu sinto que não creio, no princípio eu fico um pouco desconfiada que eu sou um pouco observadora, eu observo um pouco as pessoas, mas depois, aos poucos, à medida que as pessoas podem arranjar umas brechas, aí eu consigo captar e me relaciono bem com elas. Não tenho dificuldade, não. Captar sim, porque às vezes as pessoas não são tão abertas, não dirigem assim a você a palavra, então à medida que você está no grupo, observa e uma delas deu oportunidade, você capta aquela e dali você começa um relacionamento, não é, aproximar-se para você. Captar então é aproximar aquela pessoa para você.” (Rosa).

Carlos enumera: mentira, indiferença e desonestidade. Ele faz amizades com todas as gerações e revela que o respeito é fundamental, pois respeitando será respeitado. Para Rosa, a depressão, o “se fechar”, o negativismo, “não querer se relacionar”, nem se comunicar, não procurar o outro, apresentando uma dificuldade. Rosa declara não ter dificuldades em se relacionar com as amigas, pois é uma pessoa “maleável” e antes de aproximar-se, observa e capta a pessoa, ou seja, aproxima-se da pessoa, quando esta dá uma “brecha”.

Sobre a dificuldade em se relacionar com as amigas:

“É você não saber se aproximar, cativar, não saber cativar as pessoas.” (Dália).

“Ah, a falsidade, o... quando a gente é solicitado, a gente atende, mas quando a gente solicita, não tem resposta, isso daí é dificuldade.” (Violeta).

“Sabe o que é que eu acho que dificulta na amizade, você fazer amizade com uma pessoa, às vezes é o gênio da pessoa..” (Orquídea).

A falsidade pode ser associada à falta de verdade, declarada por Carlos, além disso a idosa declara também a falta de reciprocidade da ajuda. A falta de sinceridade e de respeito, não saber cativar, e o “gênio da pessoa”. orquídea revela que o gênio dificulta a amizade e a falta de reciprocidade da atenção. Estas categorias não foram encontradas nas pesquisas citadas na presente dissertação, constituindo um avanço da nossa pesquisa. Verdade, falta de sinceridade, não saber cativar, falsidade, cara feia pode ser associada ao mal humor também foram escolhidas como dificuldade para construir e praticar a amizade.

Amizade possibilita a Solidariedade

“Eu acho que sim porque a gente fica assim, sai desse convívio assim fechado, vai pra um convívio aberto, cada um tem a sua opinião, aí então pode sei lá, pode conversar mais. Nos passeios já dá assim oportunidade da gente falar outras coisas. Eu vou dar um exemplo: nos passeios [museus, etc] se vê uma coisa, outra, uma fala, dá uma opinião, outra fala uma coisa, outra fala outra, aí já tem aquela aproximação.” (Dália).

Todos os idosos declararam que a amizade tem um sentido de solidariedade. Dália comenta ainda a diferença entre cada idoso do PICOL que colabora no NAI, mas declara que há a “mais fechada” que “conversa comigo”, os “espontâneos”, a mais nova “vem, já conversa comigo”, as estagiárias chama “minhas netas”, os profissionais do NAI, que são mais jovens também chama de “netos”. Solidariedade na amizade, para esta idosa se dá pelo diálogo, pela fala, trocando opiniões, entre diferentes no espaço público. Ela demarca que o Curso de Participação Social pertence a um espaço fechado – privado e o projeto e suas atividades constituem um espaço público. Essa sociabilidade possibilitada pelo PICOL, que leva à solidariedade, através do diálogo com os amigos no espaço público, onde cada um expõe a sua opinião entre diferentes na pluralidade, constitui uma amizade política, como compreende Hannah Arendt (2002 a).

Voluntariado e solidariedade nas atividades do PICOL:

“Acho que sim, a gente está sendo solidária com a pessoa. Nos passeios a gente (...) fica mais à vontade e no Curso [Participação Social] a gente tem que prestar atenção na aula (...).

Nos passeios é diferente. Nas reuniões também já é diferente, porque aí você pode falar o que você quer, porque não tem, sabe, é assim..., como é meu Deus,... é... assim, você pode, o que você sente, você pode falar, o que acontece você pode falar.” (Dália).

Todos os idosos declararam que o voluntariado do PICOL implica em solidariedade, em todas as suas atividades.

Definindo solidariedade

“É a compreensão entre uma pessoa e outra.”

(Carlos).

“Solidariedade é a gente se dar e compreender, poder compreender o próximo.” (Dália).

“Solidariedade é você ajudar uma pessoa, uma pessoa idosa. Eu acho que eu tiro do que eu tenho pra ajudar as pessoas”. (Azaléia).

“Solidariedade é essa disponibilidade que você entrega e recebe” (Luiz).

“Ser solidário é ser acima de tudo capaz de compreender o outro, todas as suas questões, em todas as suas modalidades, solidário. Não digo financeiro, mas sempre na questão da amizade e do apoio, porque o idoso precisa muito disso. Ele não precisa nem muito financeiramente, ele precisa mais de compreensão. De ouvido, não é, então ser solidário é emprestar seu ouvido pro outro.” (Rosa).

Solidariedade assim é entendida como ajuda, compreensão, ouvir o outro, apoio, ajuda e doação recíproca, sugerindo um suporte social e uma solidariedade doadora existencial (Pegoraro apud Araújo, 2002:20). Mas na fala dos idosos, a solidariedade também tem um aspecto de identificação com o outro (Rorty, 1994), constituindo também um aspecto de participação social, sendo assim da ordem do político, como solidariedade cidadã ou política encontrada em Duvignaud (1990) e na Revolução Francesa. A Solidariedade é praticada na família, na igreja: tratando bem, trocando presentes, telefone para saber do outro e para conversar sobre diversos assuntos, na UnATI, no PICOL e em outros espaços da sociedade como sindicatos e associações. A solidariedade familiar, na experiência do envelhecimento é recíproca entre as gerações (Motta, 2004 a).

Os idosos participam de diversas atividades com os amigos da UnATI, do Projeto e fora desse espaço. Fazem viagens em excursões organizadas por uma idosa da própria UnATI, passeios, organizados pela equipe de Serviço Social do

PICOL e reuniões, onde discutem: “política doméstica, política governamental”, para “expor o ponto de vista” e assuntos diversos (Carlos). Também participam juntos dos espaços de direitos sociais, como as reuniões do Fórum. São atividades no espaço público e debates de política, com pessoas diferentes e plurais, permitindo a sua participação social e integração social, sendo este um dos objetivos do PICOL e da PNI. Também promovem reuniões em casa, freqüentam dança, baile. Também freqüentam a casa:

“Às vezes eu levo. Já levei muito [amigos em casa]. Da UnATI não. Nunca ninguém da UnATI foi lá. Mas não tem problema nem um.” (Carlos).

“Olha, sinceramente (...) eu nunca fui na casa dessas minhas irmãs [da Igreja]. Eu moro numa casa, ela é de forro, não é de lage, então eu fico constrangida, porque eu não sei o que as pessoas – sabe, é uma casa limpa, arrumada, sabe. Minha nora mesmo fala: deixa de ser boba dona Dália, a casa da senhora tem tudo direitinho. Mas eu fico assim com vergonha, sabe.” (Dália).

Leva as amigas da UnATI em casa:

“Não, nunca foram na minha casa e eu não visito. Nunca fui na casa de ninguém”. (Dália).

Mas quer visitar uma idosa do NAI, que conheceu, exercitando o voluntariado:

“Aquela eu quero visitar porque é por doença, aí eu vou, porque eu acho que aqui também na UnATI tem um problema, tem pessoas de várias faixas de, como se dia, de várias faixas de renda, então tem aqueles assim que nem assim que eu, tem outros que já tem mais possibilidades, ganham mais, sabe, moram melhor, então aí quer dizer que a amizade fica só por telefone.” (Dália).

As amigas mantidas pelo telefonema parece ser uma tônica entre os idosos, atualmente, com as transformações sociais, o que resultou no afastamento das pessoas e em amigas efêmeras e “líquidas” (Bauman, 2004), demandando com urgência, para o autor, na modernidade uma humanidade comum, para reverter esse quadro. Dália expressa o preconceito entre os próprios idosos revelado na convivência na UnATI, o que sugere propor ações para trabalhar essa forma de preconceito, através dos profissionais da UnATI, podendo estes profissionais subsidiar as políticas sociais. O preconceito da sociedade contra o idoso foi mostrado em 2001, no Dia Nacional do Idoso, em um Evento que a Coordenação de Extensão realizou na UnATI, para comemorar o Ano Internacional do Voluntariado. Nessa ocasião, a equipe de Serviço Social do PICOL, programou com os idosos desse projeto, uma dinâmica de grupo que foi

encenada para uma grande platéia, onde, ao constatar o valor baixo da sua aposentadoria, a idosa diz: “Quando a gente se aposenta, escolhe: ou paga as contas ou toma os remédios”.

Evidenciando que na aposentadoria, a estratificação da sociedade brasileira em classes de renda traz conseqüências graves para os idosos. O estudo do Brasil como sociedade hierárquica, mas relacional, foi estudado por DaMatta (1997 a; 1997b; 2001), sendo dessa forma que faz do Brasil, Brasil, segundo o autor. Além disso, as várias formas de velhice no Brasil e os rebatimentos da transformação na demografia brasileira com o aumento da população idosa, resulta em preconceito social que leva ao isolamento. O isolamento social foi estudado por Motta (1992), como uma forma de “morte social” dos idosos.

Mas o depoimento de Dália, complementando o anterior:

“Eu tenho essa cisma. Eu fico pensando deles terem assim o impacto, sabe, (...) mas eu acho que o lugar que eles moram, que a morada deles é completamente diferente. (...). Eu (...) moro numa casa de Vila, tudo isso eu penso, (...) e nunca , pra te falar a verdade, nunca convidei também [os outros idosos para a sua casa] por esse motivo.” (Dália).

“Não, atualmente não estão assim tão procurados não. Nem eu a elas nem elas a mim, a não ser os mais aproximados pela Igreja, mas assim, por aqui, não. Não, tenho. Atualmente não tem. Nem do Projeto, não teve essa oportunidade. Nem de ir à casa delas. Por enquanto, não teve essa oportunidade.” (Rosa).

A idosa mostra que a diferença de classe faz com que evite chamar as pessoas para a sua casa, evidenciando uma forma de auto-discriminação, isolando-se. Além disso, com a casa e a paisagem em torno dela, possuímos “uma comunicação silenciosa que marca as nossas relações mais profundas” (Bosi, 1995:361). E a “ordem desse espaço povoado nos une e nos separa da sociedade (...)” (Ibid.:360). Frequentar a casa dos amigos e ser visitada não tem sido exercitado por Rosa, na velhice. Ao responder este item, Azaléia a visita das amigas construídas, participando do PICOL, e da filha de uma delas para comemorar o seu aniversário. Convidou-as para almoçar:

“Eu fiz tudo com tanto amor, que rendeu o troço, rendeu. (...) Aí gostaram da minha casa e eu falei assim: ah, que bom, graças a Deus.” (Azaléia).

A idosa mostra que a refeição para receber as visitas é feita com amor, pois o amor faz render o alimento da amizade, onde o alimento sugere uma metáfora de amizade, sendo esta que rende ao ser alimentada. Mas também:

“Visito, tem aniversário, vou. Vou lá, de vez em quando eu tô lá e ajudo muito lá, quando tem festa na casa delas, elas me chamam e eu vou lá e ajudo.” (Azaléia).

Ao visitar “de vez em quando”, Azaléia mostra que ajudar “muito lá”, também é importante na amizade, sendo solidária no momento de festa e sociabilidade, portanto. Esta constatação – ajudar durante a visita complementa os achados nas pesquisas nacionais e internacionais.

“É, quanto a essas visitas eu diria que não depende só do prazer meu em recebê-los, mas às vezes, é, por exemplo eu moro, eu e minha senhora moramos sozinhos. Então ela tem seus momentos de privacidade que eu não posso, naturalmente, invadi-los. É..., então, por exemplo: ela de meio dia às duas ela gosta de [uma determinada atividade] (...), mas ela adora e eu respeito. Então eu não posso ter ninguém na minha casa, não devo ter ninguém na minha casa nesse momento. Então não diz respeito só a mim, receber essa visita. (...) De maneira que é, é, é, pode ser, pode perfeitamente ser programado, não há dúvida que isso pode acontecer e acontece, mas de um modo geral, não. (...) Não [visita os amigos] com muita freqüência, mas as minhas amizades, por exemplo os aqui [do Rio de Janeiro], são reuniões em família, porque eu vejo amigos – não preciso visitá-los na casa deles, nem eles vir à minha casa. Nós vimos, nos reunimos talvez de dois em dois meses, então dá pra gente colocar em dia tudo aquilo que nós queremos. A amizade continua. (Ri). A amizade não quer dizer uma freqüência diária ali não, absolutamente. De maneira que a amizade existe e é uma disponibilidade quando houver necessidade.” (Luiz).

Luiz tem prazer em receber visitas, mas não depende só dele, pois respeita a privacidade da esposa, no que diz respeito às suas atividades de lazer, o que requer as visitas programadas em sua casa, sendo difíceis de acontecer. Na pesquisa de Karlsson & Borell (2005), as mulheres idosas preferem manter as amizades separadas do outro parceiro, para preservar a sua intimidade. Carlos mostra que a prática de ser visitado pelos amigos, deixou de ser freqüente na velhice, mas visitar os amigos foi citado como uma forma de manter as amizades.

Luiz mostra que não é necessário encontrar sempre os amigos, pois a amizade também pode ser mantida à distância, através de encontros bimensais, porque a amizade significa disponibilidade, como vimos nas perspectivas teológica, psicológica, da amizade e em (Roberto & Kimboko, 1989) e na necessidade, como em Aristóteles, segundo os estudos de Roseneil (2000) e confirmam os resultados de Jerrome & Wenger (1999) e Erbolato (2001; 2002). As visitas recíprocas foram evidenciadas nas pesquisas nacionais, como visitas freqüentes (Capitanini & Neri, 2004) e internacionais, não sendo tão freqüentes (Siebert, Mutran & Reitzes, 1999).

Mantêm as amizades

“Eu mantenho freqüentando, participando. As minhas amizades aqui na UnATI e no Sindicato são coisas muito produtivas, muito boas. Eu participo e promovo os eventos também. Visito também as pessoas doentes.” (Carlos).

“Ah, eu tenho continuidade. Eu tenho amigas de mais de trinta anos, eu consigo conservar, consigo. Telefonando, me interessando em alguma, procurando, convidando, indo à casa de cada um, na medida do possível, mas mais por telefone.” (Rosa).

“[O que mantém] Essas relações eu acho que é a maneira da gente tratar as pessoas. Você tratando as pessoas com carinho, com amor, eu acho que é bem mais fácil de você fazer amizade. Aí você faz amizade com mais facilidade.” (Dália).

“Ah, de vez em quando eu ligo, elas me chamam e... é porque quando eu tenho amizade eu tenho amizade mesmo, eu gosto de coração.” (Azaléia).

Carlos diz que “É, no encontro, na própria UnATI” [que mantém os amigos da UnATI]. E no PICOL:

“É que nós ali se reúne tão pouco, tá entendendo, que pouco às vezes o diálogo, uma coisa, coisa e tal. Eu procuro ver diálogo com as pessoas ali, tá entendendo, mas é muito difícil, tá entendendo, a distância é muito grande. As vezes que a gente se encontra de uma reunião pra outra.” (Carlos).

Mas Carlos declara no item sobre a freqüência à casa, que os amigos os visitavam e que visita também. O idoso mostra que a amizade é mantida “freqüentando”, “participando”, no encontro contínuo, onde se pode ter amizades “produtivas” e “muito boas”, sendo dificultada se há um grande espaço entre os encontros. A amizade pode ser mantida também promovendo eventos para manter os amigos unidos. E a visita é importante para manter a amizade, conversar e participar, mostrando a importância de estar em contatos freqüentes com outros no espaço privado da casa e na esfera pública do Projeto e da UnATI. O encontro na UnATI mantém as amizades construídas nesse espaço e quanto ao PICOL, onde tem amizades, aponta um problema que é o distanciamento das reuniões, o que dificulta manter essas amizades.

Rosa também mostra a existência de amizades duradouras, na sua experiência e conserva as suas amizades: através da visita recíproca, do telefonema, se interessando, procurando. Dália mostra que o amor e o carinho facilitam na construção da amizade e na sua conservação. Para Azaléia, a ligação telefônica, convidar para sair junto, ou seja, estar junto fisicamente ou à distância

pela conversa telefônica mantém a amizade e demonstra que “gosto de coração”, onde gostar tem um lugar específico e especial, associando a amizade ao amor, como na literatura específica sobre a amizade e em Hannah Arendt.

Dália mantém as amizades:

“Ah, eu sempre tô dando apoio, procurando apoio, convido pra algumas recepções na minha casa, meu aniversário, assim, e aqui mesmo na UnATI quando a gente tá presente, tem sempre umas amizades que são mais chegadas, né, outra, todos são amigos. [Com a voz mais aguda diz:] Eu não, não, eu nunca classifiquei assim essa expressão, todos são amigos, não. Classifico todos são colegas ou conhecidos. Amigos é pouco, né. (Sorri). São poucos amigos.” (Dália).

Dar e buscar apoio, convidar para recepções em casa, como no aniversário e na UnATI, com as amizades “mais chegadas”, mas nem “todos são amigos”, sendo poucos os amigos construídos na UnATI. Dessa forma, ela mostra as formas de amizade: “mais chegadas”. Há ainda os colegas ou conhecidos, confirmando o depoimento de Carlos, ao referir-se às formas de relacionamentos e diferenças entre esses e a amizade.

“Subtraindo os que já se foram...” [que não pode manter] “Olha, eu sou um péssimo usuário de telefone. (sorri). Minha conta de telefone é o mínimo. Eu uso o telefone pra me comunicar com minha filha e receber chamados dela com meu filho, a mesma coisa ou um aniversário, me comunicar com fulano com sicrano, mas não tenho o hábito assim, de graaandes é, de grandes conversas assim com as pessoas. A manutenção da amizade é mais assim, é uma amizade sincera e tão boa que eu não preciso estar lubrificando essa amizade a toda hora. Eu sou amigo, quando nos encontramos, somos amigos, agora não somos amigos de tá é, é, é, trocando confidências e isso e aquilo, não, é uma amizade normal. Que a gente faz questão de mantê-las, mas não vive, não tem vivência assídua, não é.” (Luiz).

A amizade na família é mantida por telefonemas e este recurso é utilizado também nos aniversários dos demais amigos. Mas a amizade que é mantida é a amizade sincera, que sendo “tão boa”, não há necessidade de “estar lubrificando”, “a toda hora”. Mas encontram-se com os amigos e esses encontros não representam uma “vivência assídua”, nem troca de confidências. Sobre as reuniões com os amigos, diz:

“Eu, a gente, com mais freqüência nós nos reunimos na casa de uma sobrinha ou na casa de minha filha. Mora aqui no [bairro próximo ao seu]. Uma em [próprio bairro de Luiz] e outra no [bairro próximo]. Fazemos uma reunião, por exemplo reunimos toda a família no Natal, reunimos toda a família nos aniversários, nas celebrações. (...) Eu não tenho esses amigos feitos que me leve a casa deles [porque muito residem fora do Rio de Janeiro]. Eu tenho amigos em família, amigos de

família a se transformarem meus amigos e nós nos reunimos com bastante frequência.” (Luiz).

Luiz mostra ainda que os encontros que mantêm a amizade com a família são realizados na casa dos familiares, sendo bastante frequentes, inclusive nas “celebrações” do Natal. Como alguns amigos moram fora do Rio de Janeiro, dificulta a frequência dos encontros.

“Aqui dentro eu mantenho. Em todo curso que eu já participei eu continuo mantendo relacionamento com algumas, porque sempre tem as que a gente se identifica mais. Não com todas, mas... com algumas sim. Sempre eu participo dos grupos aqui, por exemplo, costuma-se fazer muitos aniversários aqui, não é, onde a gente colabora, olha o aniversário de fulano e tal, então sempre é uma maneira de manter a amizade, um relacionamento, uma convivência extra-classe, não é, extra-curricular. Almoços fora, também, fora do espaço das aulas.” (Flor).

Flor acrescenta que as amizades também são mantidas nas comemorações dos aniversariantes nas turmas, onde participam aquelas, que são “algumas”, com quem “a gente se identifica mais a gente se identifica mais” e nessa ocasião também “colabora”. Ressalta assim, a importância da “convivência extra-classe”, através da atividade “extra-curricular”, assim como almoçar “fora do espaço das aulas”, para conservar as amizades. E associa as atividades em que participa na UnATI e no PICOL, como espaço de manutenção das amizades, de colaboração e convivência. Orquídea mantém as amizades, como uma amizade que construiu “no dia do casamento dela” [da amiga], sendo “ali no dia do casamento é que nós começamos a ter mais uma amizade”:

“A gente se fala, quase todo dia pelo telefone. É uma amizade que dura até hoje, tem mais de vinte anos”. Então mantenho as amizades: telefonando, visitando. Eu tenho outras amigas, entendeu, mas eu quero dizer que essa, ela é bem mais nova que eu, não é. Nós nos visitamos, eu vou muito à casa dela e ela vai muito à minha casa. A amizade da UnATI é mantida por telefone. A Violeta, essa Violeta, quando nós fizemos Contadores de História juntas, ela se aproximou muito de mim. Nessa época, meu marido tava forte ainda, então a gente, eu convidava ela muito pra ir ao clube, ela ia ao clube, ela foi, no meu aniversário, ela foi ao nosso aniversário de casamento. Foi a única, as outras [que não são do PICOL], não. Essas outras não, eu me dou muito com elas aqui, mas a gente... (...) não frequenta muito assim a casa, nem eu dela. Mas a gente se fala muito por telefone, aqui também. Estamos sempre junto e sentamos juntas na sala de aula.” (Orquídea).

As amizades íntimas, e antigas (mais de vinte anos), construídas fora da UnATI, com mulheres mais jovens são mantidas por conversas telefônicas diárias,

visitas freqüentes e recíprocas. As amizades mais recentes, construídas na UnATI e na velhice são mantidas por telefone, encontrando na UnATI para conversar, estando sempre juntas. Com as amizades do PICOL encontra na UnATI para conversar, freqüenta o clube, faz visita à casa da amiga para comemorar os aniversários: da amiga e do casamento da mesma. Raramente ela e a sua “grande amiga”, construída na UnATI e na velhice, trocam visitas, mas conversam muito por telefone e sentam juntas na sala de aula da UnATI. Entretanto a visita rara se dá por causa da forma de ser do marido da amiga, ou seja, por não gostar muito de sair.

Todos os idosos declararam manter as amizades, através de diversas formas: viajando juntas, telefonando, visitando o amigo em casa deste, encontrando para conversar dentro e fora da UnATI. Os idosos mostraram ainda que manter as amizades, através dos contatos telefônicos é também uma forma de suporte voluntário entre idosos. O voluntariado através do contato telefônico para idosos, foi apresentado por Aubert (2001), mostrando uma experiência de Genebra, exercitado para prover suporte às mulheres idosas viúvas.

O que é política

“Política é a falsidade em pessoa. (rindo). Não acredito mais em política. A política do governo. E aí também tem aquela política do ser humano também, que faz a sua politicazinha, faz seus grupinhos, guetos. E aí não fazem uma comum união, porque a política tem muito disso, ela custa muito caro ao grupinho dela e não vê a comunidade em geral, não vê o povão. É assim que eu acho.” (Ri). (Rosa).

“Política eu acho a pessoa ser partidária. Discutir sobre a política partidária não tem um entendimento.” (Dália).

“Política é uma coisa muito séria, é um troço que tudo faz pela política. O pessoal aqui, tem que ter política. É, mas é um pessoal, sempre quando encontra comigo me trata bem. Seu Carlos [integrante do PICOL] é o que sempre teve uma amizade assim sempre me procura, mas ele nunca me ligou, mas eu também nunca dei o meu telefone pra ele.” (Azaléia).

“Política é, é, é vamos dizer, é um posicionamento na vida, não é? O sujeito se posiciona na vida, de maneira que ele exerce uma política. Uma proximidade ou um afastamento, pra mim, praticamente é a mesma coisa. De maneira que isso é política. É a vivência, é vivenciar problemas, atitudes e acontecimentos.” (Luiz).

“Tem muito tipo de política: política interesseira, que tem amizade por interesse, política é, governamental que hoje em dia é a maior falsidade, não é? (Ri) A gente tá vendo o resultado aí. O resultado da política governamental que é terrível, isso aí, tem que... tá difícil de analisar a ... (refere-se aos debates políticos a nível nacional.” (Violeta).

A política também foi associada à participação social, com a associação entre as pessoas, “posicionamento na vida”, “proximidade ou um afastamento”, relação entre iguais, sem “guetos”, para possibilitar uma “comum união”. Bauman (2004) diz que a vida líquida moderna tem se constituído em verdadeiros guetos, onde as pessoas buscam uma segurança imaginária, em condomínios fechados, o que promove exclusão entre os que estão dentro e isolados e os que estão de fora.

A política está em todo lugar e não leva a consenso necessariamente, segundo os idosos, coincidindo com as idéias de política em Arendt (2002 a). Violeta apresenta dois tipos de política: interesseira, ligada à amizade por interesse e a governamental. Ao falar sobre a política, os idosos referem-se à participação política no sindicato, onde são implementados os debates sobre garantias e conquistas de direitos sociais, vendo geralmente a política como política partidária. Mostram inclusive o seu preconceito sobre a política. O preconceito com a política, relacionado à amizade na política foi estudado por DaMatta (1987 a). Política foi vista também como “suja”, “desonestidade” (Orquídea).

A dificuldade em perceber a amizade política parece estar associada à tradição da cidadania e da política no Brasil, onde relacionar-se e ter amigos constitui uma estratégia e a solidariedade era exercitada para dar apoio político aos amigos e trocar favores (DaMatta, 1987; Carvalho, 2000), sendo a amizade na política brasileira, historicamente pautada na confiança, fidelidade, proteção e favorecimento.

Política e Cidadania

“É, não resta a menor dúvida que tem também [política relacionada a cidadania], mas só que eles não resolvem o problema da cidadania, né. A política do governo, a cidadania somos todo o povo, principalmente a terceira idade. Temos o estatuto do Idoso, se baseia muito na cidadania do idoso e como a política resolve? O Estatuto tá todo pronto, não é, e tem nas Secretarias pra funcionar, pra dar a cidadania, cem por cento pra todo o grupo da terceira idade? Não tem. Então eu acho...”

Cidadania é o direito, é o direito de cada um de nós, é o direito da pessoa humana.” (Rosa).

“Isso aí está, não é, a política aí está ligada à cidadania, porque os políticos, as pessoas têm que recorrer aos políticos, fazerem alguma coisa, aquilo que é pedido, pra levantar um projeto, pra formar um projeto, lei, pra uma melhoria de rua, conforme (...). Cidadania é a gente procurar os nossos direitos, porque nós temos que reivindicar os nossos direitos, isso eu acho é cidadania. Não é ver uma coisa errada e ficar quieto, de boca fechada, então a gente tem que ir atrás, tem que tomar uma atitude.” (Dália).

“Cidadania é expor idéias e garantir direitos.” (Flor).

“Cidadania é exercer os direitos que você como cidadão tem. Direitos, deveres, obrigações, não é, obrigações de direitos e você exercê-los na totalidade. Você brigar por alguma coisa que não esteja correto, aceitar aquilo que você acha correto. Eu acho que ser cidadão é isso, é exercer seu direito de vida.” (Luiz).

“A política é, ter relação com a cidadania, mas eles distorce, distorce a política. Distorce pra, nem sempre é... eles atendem, a política atende o cidadão como deveria atender, não é? Cidadania eu acho que é a pessoa que é .. que vive na sua terra natal, que trabalha, que paga imposto e tem a sua vida normal, trabalha, paga imposto, hum? Tem a sua família que cuida, da sua família, procura encaminhar, melhor possível. Acho que isso aí é cidadania, não é, um cidadão.” (Violeta)

“É você poder exercer os seus direitos. Acho que a política partidária devia ter uma relação com a cidadania, mas não tem, porque os políticos não pensam em você, mas no voto que ele vai ganhar” (Orquídea).

Cidadania foi ligada à política e à luta e conquista e reivindicação dos direitos, como em Arendt (2002 a). Mas a cidadania dos idosos e os seus direitos não têm sido plenamente satisfeitos, segundo Rosa. Para Violeta cidadania está associada a cidadão. Os direitos sociais estão vinculados à construção do exercício da cidadania, que no Brasil tem um aspecto relacional, segundo os estudos de DaMatta (1987).

Uma das idosas do grupo faleceu recentemente (dezembro/2004) e tentamos saber a repercussão dessa perda, para os que compartilhavam com ela uma proximidade maior. Solicitamos que falassem sobre a morte de amigos do grupo:

“Ah, foi muito triste. Foi triste porque a imagem ainda bem que a imagem que ela deixou pra mim, nem só pra mim como deve ter deixado pra vocês também, aquela alegria dela, aquele dia da UERJ sem Muros, ela dançando daquela maneira e,

pra mim, doeu mais (...) porque ela estava até passando mal, ela já tinha tomado morfina e tava com morfina no bolso”. [A idosa falecida teve câncer de mama e já havia operado]. E outra coisa, eu fiquei assim tão triste (...) [porque] aconteceu um lance desse, de ela morrer e não ter resolvido essa parte que ela tanto queria resolver com o filho.” (Dália).

“Foi um choque, porque eu vi ela bem, ela teve aqui no [professor de percussão, onde a idosa falecida era aluna também como Azaléia]. Ela tava muito triste, ela se queixou muito do pessoal do CIPI, que ela fez muito pelo CIPI e o pessoal não procurava ela, assim, não sei. Ela ficou muito assim..., como eu quero dizer... chocada pelo que ela fazia lá dentro, porque ela fazia coisas das [outras funções]”. (Azaléia).

“Eu senti muito. Eu fiquei assim, dias um pouco deprimida. (...)Ela se realizou, foi ela uma das mais incentivadoras do projeto. Pra mim, ela foi a melhor de todas, no projeto, a mais incentivadora. É a que mais dava pra nós de testemunho de vida, de colaboração no Projeto, pra mim, foi. Essa amizade com ela já era antes do projeto. Eu freqüentava a casa dela, ia nas festinhas, poucas vezes, mas nas poucas vezes que eu fui a gente conseguia se relacionar. Antes do Projeto.” (Rosa).

Declararam ter reagido à morte da amiga do PICOL, com “dor”, “tristeza” “choque” pela perda de uma amiga ativa, e tristeza por causa do problema familiar não resolvido da idosa falecida e pelo que ela relatava sobre sua frente de voluntariado. Dessa forma, demonstram solidariedade com a idosa falecida, sobre os problemas relatados da mesma. Os depoimentos confirmam que morre-se para os outros Beauvoir (1990), pois, além de ser a experiência mais anti-política, é também a certeza de que as pessoas nunca mais vão fazer parte do mundo das aparências comum a todos, nem da convivência compartilhada (Arendt, 1999), diferente da morte social (Motta, 1992). Nesse contexto, através da morte os idosos fazem uma ruptura com o passado, transcendendo a sua própria existência porque eles se retiram do mundo dos vivos (Elias, 2001). Entretanto, Arendt afirma que, embora os homens nasçam e morram, eles não nasceram para morrer, mas para começar algo novo, como os idosos mostram na pesquisa.

Sobre a amizade política, Todos os idosos declararam que a amizade construída no PICOL não é uma amizade política, mas após associarem a sua compreensão sobre política, cidadania, cidadão, direito e participação, a amizade pode ser associada à amizade política. Embora apenas três idosos não reconheçam e não percebam claramente a associação da amizade exercitada por eles no PICOL

como política, pode se associar essa amizade à política, nos relatos de todos os idosos entrevistados.

“A amizade pode inserir um pouco de política, porque a política está em tudo. Depende do tipo de política que se insira na amizade.”
(Flor).

Assim, a política também estaria na amizade e a amizade pode ser também política. Remete também a uma política partidária. Luiz foi quem melhor definiu a amizade política, dizendo:

“Sim, sem dúvida nenhuma é uma amizade política. Agora é naturalmente que eu não quis dizer a você, é que essas amizades talvez seja um tipo de amizade – não é aquela amizade do cotidiano, de ir pra casa, passear, e conviver, e... contar segredo... É uma amizade de respeito, de atenção, de carinho, no próximo e também de dispensa. Então eu posso chegar e criticar uma professora com um amigo, uma pessoa que eu sinta que é meu amigo, que não vai difundir aquilo que eu disse num caráter puramente pessoal. Então eu acho que nesse ponto, sem dúvida nenhuma, é perfeitamente possível. Então essa amizade, sem dúvida existe, mas não é aprofundada como aquela amizade de estar na casa um do outro, comendo junto, não precisa isso pra exercer essa amizade. Essa amizade vem do prazer em freqüentar os ambientes da mesma verdade, o pensar do mesmo modo.”
(Luiz).

A amizade política seria uma amizade que não é profunda, na visão de Luiz, nem priva da convivência da intimidade do lar. Nesse contexto, é uma amizade pública praticada no mundo comum a todos, na pluralidade do PICOL e da UnATI/UERJ, respeitando as diferenças e a opinião de cada um, que diz o que pensa ser a verdade.

Expectativa sobre o voluntariado do PICOL

“O voluntário eu esperava um trabalho (pronuncia trabalho em tom mais grave, enfaticamente) a ser feito em determinado lugar, determinada coisa como voluntário.” (Carlos).

“Achei que ia ter muito mais atividades.” (Rosa).

“O que eu esperava encontrar era isso mesmo que eu tô encontrando, sabe, de atender as pessoas, de fazer essa amizade, essas coisas assim. E fico muito contente pelo apoio que a [equipe do NAI] me dá.” (Dália).

“Olha, eu esperava que fosse, por exemplo, eu esperava que eu fizesse muita coisa em função daqueles idosos fragilizados, que lá estavam. Então seriam mais, palestras, até palestras, então nós poderíamos ter – eu nunca, nunca, eu acho que eu deveria ter, então eu acho que eu fazia uma preleção como eu fazia.” (Luiz).

“Eu não sei, eu entrei, muito engraçado, você deve de lembrar que eu sempre fazia assim uma, uma ruga na testa, que eu custei a entender, não é? Eu entrei como voluntária. É, mas é que eu me inscrevi pra um, um tipo de voluntário e fiquei em outro, aí custei pra entender, que eu tava ali, ainda mais por acidente. (Ri). Ainda mais que na época o Projeto não estava chamando para as atividades do evento, aí mesmo que eu não entendi nada. Aí depois que abriu o curso pra voluntariado, aí eu fui entender que aí era dois cursos, né, dois projetos diferente, aí eu estou, estou entendendo mais o interno e o externo.” (Violeta).

O projeto correspondeu às expectativas de alguns idosos e, além disso o tratamento dispensado pela equipe do NAI, representa “apoio” e lhe deixa “contente”, sugerindo bem-estar subjetivo e suporte social, como compreende (Capitanini & Neri, 2004; Erbolato, 2001:225-26). Mas Rosa, Luiz, Violeta e Flor esperavam haver mais atividades, coincidindo com a sua expectativa de ser útil aos outros, sair de casa e ocupar o tempo livre. Violeta relata que o Curso de Voluntariado esclareceu sobre a diferença entre os dois projetos de voluntariado, valorizando assim, a capacitação e a nova aprendizagem.

Significado de ser voluntário

“Eu acho que o voluntário significa o seguinte: é uma pessoa colaborar nos eventos, em alguma coisa, em prol de outras pessoas, de outros cidadãos, em algum evento, alguma coisa. Colaborar, eu entendo assim.” (Carlos).

“Ah, eu acho que uma, ser voluntário é uma missão muito nobre! Muito boa! A palavra mesmo é nobre. Dignifica a pessoa.” (Rosa).

“O trabalho, a dedicação, a responsabilidade, porque não é porque eu sou voluntária, porque tá chovendo, eu não venho ao trabalho. Desde que a pessoa assume ser voluntário, tem que ter responsabilidade com aquilo que assumiu.” (Dália).

“É ajudar aqueles que precisam do meu trabalho, da minha orientação. É contar um fato, contar uma história, relatar um cuidado que a pessoa deve ter pra não, não pra que não ocorra isso ou aquilo, não é, uma série de... esse é o trabalho de voluntariado: ajudar, ajudar. Tudo que você, você fala é mais em função daquele que está acompanhando ao idoso fragilizado” (Luiz).

“Eu acho que a pessoa é, o voluntário tem que se dedicar a uma causa, sem interesse, né, sem interesse monetário nem de receber agradecimento, porque às vezes a gente faz uma ajuda, ou coisa (outras coisas), e às vezes não recebe, não tem a, a, que esperar a pessoa ser agradecida eternamente, porque a gente não é

Deus, não é, eu acho que o voluntário é isso é desprovido de interesse” (Violeta).

Os idosos apresentam o voluntariado como responsabilidade, ajuda, através de diversos recursos, principalmente voltado para idosos fragilizados. Significa dedicação a uma causa, colaboração com outros cidadãos em uma causa, sendo desse modo uma ação de cidadania, “missão nobre”, que “dignifica a pessoa”. “Responsabilidade, como se fosse um trabalho remunerado” (Orquídea). Essa compreensão do voluntariado, o associa à amizade política em Arendt (2002 a).

Sobre a ação voluntária e a solidariedade, todos os idosos declararam a associação do voluntariado com a solidariedade, em todos os níveis e com idosos e toda a equipe da frente onde colaboram. No seu depoimento, Dália considera que é “solidária com todos [no voluntariado] os pacientes e com os funcionários” (Dália). E Luiz entende que é solidário ao exercitar o voluntariado “Porque eu acho que um trabalho solidário é aquele que é, é, é, é ajuda. Solidariedade é uma ajuda que você presta a alguém” (Luiz).

6.2 Voluntariado e direitos

Os idosos relataram a forma como se percebem, após a sua participação no Projeto “Idosos Colaboradores”, em todos os aspectos da vida, associando voluntariado e direitos. Desse modo, relataram a sua vivência como idosos na posição de homem ou mulher, de avós, de aposentados e a sua trajetória de participação social, expressando as mudanças neles operadas após a sua inserção no espaço público do PICOL.

“Eu me sinto como uma pessoa participante e [o PICOL] me deu mais um – vamos dizer assim - um incentivo a mais. Idoso também a mesma coisa. Participo sempre praticamente com idoso, com idosos. Como avô, muito bem. Meus netos muitos bons, me respeitam também. Como aposentado eu não me sinto frustrado, não. Me sinto bem. Me sinto aposentado, mas não é frustrado” (Carlos).

“Uma pessoa, mais humana, mais compreensiva, de melhor trânsito. Como avó, eu me sinto bem, porque os meus netos me tratam bem, eles me tratam com respeito, não é, nós todos - nós somos quatro -, os quatro, é... financeiramente, é uma união, uma comum união de finanças, não é, então se precisa de uma coisa todos estão prontos, um a colaborar com o outro. Como mulher, eu me sinto realizada. Com toda aquela parte que

eu me entendo, desde mocinha, me sinto realizada. Como viúva, muito saudosa. (...) Eu me sinto uma viúva realizada também.” (sorri). (Rosa).

“Como pessoa, francamente eu vou te dizer, eu sou a mesma, não mudou não. Como idosa eu aí pra mim foi melhor, porque eu não fico dentro de casa. Eu sempre quis participar de alguma coisa, outra. Eu hoje me vejo uma mulher assim realizada, porque eu tinha na minha vontade de realizar antes, eu não podia, né, tinha o meu marido, puxava sempre pra trás. Então depois que ele faleceu eu tive liberdade. Avó, eu fui avó cedo, com quarenta e poucos anos. Ah, avó é melhor do que ser mãe. Só falar vovó! Como viúva eu me vejo bem. Não sinto falta de companheiro, não.” (Dália).

“Ah, muito bem, muito valorizada. Mais valorizada do que eu era. Porque a gente, como pessoa a gente casa, forma família, trabalha, educa, somos valorizados, temos valor, não é, na sociedade. Nós temos valor. (...) Depois que a gente aprende, que a gente entra num lugar, que a gente aprende, que a gente pega conhecimento das coisas das nossas, da nossa relação com o mundo, é, aí a gente se sente mais valorizada ainda, porque a gente pode praticar tudo que a gente aprendeu, com mais um pouco de entendimento, né? Porque antes nós éramos, a gente era, tinha valor, mas não tinha sabedoria, às vezes, entendimento. E hoje a gente fez curso, a gente aprende então mais valorizada.” (Violeta).

Dália fala da promessa a si mesma cumprida e da opressão pelo marido, impedindo de realizar seus sonhos. A faculdade de prometer é um dos aspectos da política e a alternativa para resolver a imprevisibilidade da ação, segundo Arendt (2002 a). Dália esclarece ainda que, quando os netos brigavam ligavam pra ela e ela ouvia e orientava. Às vezes, ficavam em sua casa, quando a nora ia trabalhar. E a relação com os netos “Continua a mesma coisa. Já era boa, por isso continua a mesma coisa, não mudou nada” (Dália). Apenas Carlos declarou não se sentir frustrado com a aposentadoria. Mudou como idoso, pois atualmente é mais participante do espaço público e tem mais incentivo a participar. Rosa se percebe uma idosa mais humana, mais receptiva e mais compreensiva e como avó, atualmente é mais valorizada e respeitada pelos netos.

Dália teve uma mudança para melhor, como idosa, porque participa do mundo comum e saiu do espaço privado da casa. E vê a viuvez como um momento de liberdade, podendo realizar as suas vontades. A liberdade e o querer são condições de participação no espaço público e imprescindíveis na amizade política em Arendt (2002 a;d). Para Violeta, com as novas aprendizagens, proporcionadas pela participação pública no PICOL, se sente mais valorizada,

assim como Rosa. E compreende que, além de mais conhecimento, possuem sabedoria. A associação entre saber e valorização supõe uma ligação com o poder e a autoridade de utilizar o saber acumulado e os novos conhecimentos, adquiridos com a participação no PICOL. Esses depoimentos coincidem com a opinião dos demais idosos.

Como aposentados, os idosos associam ao valor da aposentadoria:

“É, também, achei, bem, [financeiramente] (...) tanto que agora estou tendo essa facilidade, de estar ganhando o que estou ganhando, bem, se não nós estaríamos com muito menos.” (Rosa).

“Como aposentada eu me vejo uma bênção grande do Senhor (...) Deus trabalhou na minha vida. Isso tudo é coisa de Deus, com a idade que eu estava, cinquenta e poucos anos e trabalhar, ter que levantar cedo, mas isso não tinha problema pra mim e depois, trabalhar um ano e sete meses, Deus me botou doente, fiquei de auxílio [doença], do auxílio, sete meses depois fui aposentada. Isso aí não tem tamanho, essa bênção.” (Dália).

“Se eu soubesse o que eu sei hoje, talvez não tivesse me aposentado tão cedo., pois a princípio é meio frustrante, porque a gente para de fazer certas coisas que a gente gosta.” (Orquídea).

Embora Dália considere uma bênção, atribuindo uma forte responsabilidade a Deus, como em outros momentos da pesquisa, ela também se mostrou, às vezes bem crítica expressando um comportamento político, diante das suas questões, consciente e lutando por seus direitos, o que mostra uma contradição.

“Olha graças a Deus eu não me arrependo do que eu fui do que eu sou. Como idoso eu me vejo bem. Eu só peço a Deus que adie mais, para que eu permaneça mais tempo como idoso. Eu quero ficar pouco tempo como velho. Eu como é, é, é eu como idoso tenho jovialidade. Quando a gente entra na faixa de velho perde a jovialidade. É difícil pra todo mundo, todo mundo. Olha ser idoso, eu vou dizer melhor – ser idoso é essa comunhão que você faz aqui na UnATI..., na UnATI com essas pessoas da minha faixa de idade e mais, mais moço, mais velhos isso, mais moço, esses são, nós somos, é, idosos, mas com muita jovialidade. (...) Nós sabemos brincar com eles, sabemos sorrir. Então esses, esses, esses aqui que convivem com esses garotos, somos todos idosos e é fantástico. E o velho aí o velho é rabugento, ele não aceita nada, ele quer brigar toda hora. Então eu ainda estou, às vezes eu dou umas incursões aí (rindo) como

velho, mas eu ainda eu acho que ainda tenho valores para lutar aí entre os idosos. (rindo). (...) Como aposentado é muito triste, não é, muito triste. Eu me aposentei, hoje não recebo o máximo que devia de receber, não é, de maneira por, mais por, por, por, por informações errôneas e tal ou falta de, ou falta de informações. Eu, como avô eu tenho, estou entre a grande maioria, todo avô é assim. A satisfação que você tinha no filho é enorme. Agora a satisfação que você tem com um neto é maior ainda, é uma coisa fantástica (pronuncia fantástica, sorrindo).(Luiz).

Segundo os depoimentos dos idosos, no geral, eles têm uma percepção positiva de si como idosos, mas não, como aposentados, por causa do baixo salário. Mas alguns idosos declaram frustração com a aposentadoria e perdas. Luiz declara que a questão dos valores entre a representação do ser velho, é uma luta a ser implementada por ele. Aponta a aprendizagem de conviver com os jovens que o PICOL lhe proporcionou, cuja facilidade é obtida por sua abertura para esse convívio. Como aposentado, teve uma grande redução em seus rendimentos, o que coincide com os depoimentos dos idosos aposentados que participaram da pesquisa e com os estudos revisados. Desse modo, a aposentadoria significou:

“Simplesmente perda. Só perda.” (Carlos).

“Uma pausa para meditação, de não ficar aquela agitação de vaivém de trabalho. Tranquilidade, sossego, não tanta responsabilidade. Mudou..., pra uma tranquilidade, outra qualidade de vida melhor, que é ter contatos com as pessoas.” (Rosa).

Desse modo, a aposentadoria para ela, não trouxe perdas, mas:

“Ganhos porque, volta e meia um me telefona: ah, quanto tempo não vejo a senhora, um dia vamos nos ver, vamos... Me convida pra um aniversário, quer dizer que então é sempre uma satisfação.” (Rosa).

“Representou um benefício e uma bênção de Deus”. Não parece nada, mas já é uma ajuda que eu tenho pra interar pra comprar os remédios, pagar as contas, essas coisas todas e poder me alimentar, me vestir, né, assim conforme eu me visto.” (Dália).

“Olha foi uma decepção, porque eu, eu me aposentei no momento que eu achei que eu devia me aposentar. Eu me aposentei com setenta anos. Sessenta e menos, setenta anos. (...) Mas, foi decepcionante porque eu gostava muito do que fazia. Então eu me deslocava muito, eu passava semanas, dez dias viajando fora. (...) De maneira que então isso, cessou na minha vida. Então, essas coisas é, me fizeram falta, mas, descobri, descobri logo aqui a UnATI e ela preencheu um vácuo na minha vida.” (Luiz).

Além disso, para Luiz a:

“UnATI consome parte do meu tempo disponível, boa parte do meu tempo disponível. A UnATI foi um ganho, foi um ganho - não vou dizer -, foi um ganho acima do que eu não perdi, não é que eu tivesse perdido, mas ééé a UnATI veio preencher uma lacuna, não é, uma lacuna que a minha vida passou a ter com essa aposentadoria. (...) A lacuna que eu quero dizer da aposentadoria é você não ter uma ocupação para que você (sorri) é os seus vinte e quatro horas por dia tivesse um, um preenchimento agradável, não é? Por exemplo eu ficava tonto sem saber o que é que eu ia fazer.” (Luiz).

A aposentadoria pode ser uma bênção e pode ser uma lacuna na vida, pausa para meditar, sossego. A UnATI preencheu uma lacuna da aposentadoria, que sugere uma lacuna entre o passado e o futuro e um projeto de vida. Também, decepção e perdas, mas trouxe ganhos como a UnATI, foi a resposta de todos os idosos. “Na UnATI você se sente viva.” (Flor). “Hoje os ganho são pra mim e eu passei a dividir essa parte de voluntariado, o aprendizado porque antigamente tudo era só pra mim.” (Flor). Outras mudanças observadas

“Bom, meu físico primeiramente mudou tremendamente, não é. (sorri). (...) Mas, como estou colaborando, me sinto realizada” (Rosa).

Além disso, com a velhice:

“Eu acho que não ganhei, eu acho que perdi, perda, perdi aquele mau gênio que eu tinha – primeira coisa. E como idosa, ganhei muito relacionamento, ganhei mais compreensão, mais visão ampla de tudo é, uma maneira de encarar a vida, uma maneira mais paciente, mais compreensiva. Ah, isso vem vindo, (...) somando tudo isso que eu tenho vivido, isso vem vindo. O projeto colaborou e muito. Ah, colaborou, não resta a menor dúvida!. Meu contato aqui com vocês, assistentes sociais, isso tudo me trouxe um esclarecimento muito grande, não é, essa vivência com você, principalmente [a autora da dissertação], bem como com as meninas [estagiárias] isso dá assim, uma tranquilidade maior. E não é preciso ficar correndo atrás, ficar muito afobada, não é, de ver como vocês transmitem calma pra nós, não é, sabedoria, compreensão. A conversa com vocês é assim uma conversa diferente, do que as pessoas lá fora. Então na conversa, nas palestras de vocês, isso nos tranquiliza muito, nos dá muito, dá compreensão” (Rosa).

“Eu tenho só a dizer como viúva. Como viúva eu me libertei, me sinto liberta, me sinto livre. Ainda mais que meus filhos são casados, Têm lá a família deles e eu sou dona do meu nariz. Eu faço o que eu quero e o que eu posso. (...) Eu me sinto realizada (...). Falava para os meus filhos: olha, passarinho ficou quarenta anos preso na gaiola, um dia, abriram a gaiola, o passarinho, ó, é por aqui, voou. Olha, hoje, passarinho não quer nem passar lá perto da gaiola. Não passa perto da porta da gaiola. Acabou, não quer nem saber da gaiola.” (Dália).

Rosa pontua a mudança corporal na velhice, mas se sente realizada participando como colaboradora. Valoriza a forma como é tratada no PICOL, pela equipe de Serviço Social, o que influencia na sua percepção positiva sobre o seu bem-estar subjetivo. Declara também que atualmente sua visão de mundo é mais ampla, construiu mais amizades e sente-se mais compreensiva. Dália usa a metáfora para mostrar que se percebe livre e liberta. A liberdade de ação é um direito garantido na Constituição de 1988, entre os sujeitos e a solidariedade horizontal, como troca de apoio – dar e receber –, beneficiando a todos, igualmente com o direito à solidariedade.

Além disso, perceber que “o mundo está povoado de fins” é a “maior sorte do velho” lúcido, daí a importância da liberdade do engajamento em projetos, podendo transmitir a sua experiência e realizar um aprendizado ativo (Beauvoir, 1997:469). Isso é realizado em uma troca entre idosos e intergeracional, o que representa um desafio “na nossa sociedade de exploração” (Beauvoir, 1997:603). A idosa remete também à liberdade de agir sem impedimento e sem constrangimento (Bobbio (2000 b) ou liberdade política como liberdade de movimento (Arendt, 1987). Além disso, o voluntariado recria o presente, pois surge associado a um momento em que os idosos diminuem o espaço de sociabilidade, com o afastamento do trabalho e o avanço da idade e nesse sentido passa a constituir um projeto de vida solidário de participação social, possibilitando transformações (Grande & Ribeiro, 2000; Rio, 2002).

Participação

“Sempre na vizinhança, tudo quem organizava era eu, na juventude, esse negócio todo. Eu organizava festas, porque eu sempre gostei de festa. Essa participação política é uma maneira de poder, de você ficar, tá entendendo, de reivindicar determinadas coisas que você não tem direito. Porque nós já tamos aposentado” (Carlos).

“Na infância eu era muito ativa. Dentre os meus irmãos, eu era muito ativa, mesmo. Era eu que tomava parte, iniciativa do cardápio, dum jantar, dum almoço, em casa. Geralmente eu fazia na minha casa, porque meu marido tinha carro e então eu fazia reuniões, transportava a alimentação toda pra casa de mamãe, e animávamos e tudo, sempre, sempre eu fui assim, é realmente a mais animada. Foi mais depois de adulta. (...) Na vizinhança eu tinha muita afinidade com meus vizinhos, porque justamente a maioria tinha filhos, e geralmente os filhos eram meus alunos, não, quer dizer que então quando tinha os aniversários todos estavam na minha casa e eu estava na casa deles. Da Associação

dos Idosos, da terceira idade, do CIPI. Na igreja participo de um grupo também” (Rosa).

Rosa diz que participando do PICOL:

“Criou assim uma, abriu mais o nosso horizonte, abriu mais a minha compreensão, na vida da abertura de que todos têm de colaborar, não é, de que todos e eu não sou a presidente eu não sou a dona da verdade e tenho uma equipe comigo, tenho uma diretoria em que todos têm a sua capacidade e todos têm o direito de exercer aquela capacidade dentro da Associação e trabalhar sobre isso. Eu dou margem pra isso” (Rosa).

“Só tinha assim na reunião de antigamente, na reunião do Natal, final de ano era sempre na casa dos meus pais, só assim” (Dália).

No entanto, Dália é representante da turma do curso que frequenta, da mesma coordenação do PICOL, há mais de dois anos.

“Lá na infância é meio complicado. (Ri). Porque eu perdi minha mãe com seis anos de idade. Aí já, aí já é diferente, né? Uma pessoa que era criada fora da mãe é diferente. (...) Apesar de eu ter perdido a minha mãe com seis anos eu gostava de brincar de, de fazer assim..., brincadeira com as colegas, com as amigas... (...) Quando eu casei, organizava os natais, eu reunia os irmãos, os sobrinhos, as sobrinhas, mas eu não sou festeira. (...) Mas hoje, hoje eu não sou, mas, não faço mais festa em casa. Eu participo da festa dos meus filhos. Depois de viúva não faço mais festa, Natal não faço mais, em casa. Mudou, porque, (pequena pausa) a pessoa mais alegre que tinha, que gostava, fazia questão do Natal, do Ano Novo era o meu marido – o primeiro marido. Aí ele morreu, aí, fiquei só com os filhos, reunião na casa dos filhos...” (Violeta).

“Depois que eu comecei a namorar e casei eu já participei bem mais, organizando o Natal. A minha participação foi mais depois de adulta e hoje eu participo muito também. No trabalho eu sempre gostei de participar, tanto que eu sou hoje, representante da turma aqui do curso que eu faço na UnATI” (Orquídea).

Rosa mostra ter sido bastante sociável, desde a infância, o que faz lembrar a sociabilidade de Hannah Arendt também. A organização dessas festas era a sua mãe e um dos irmãos de Dália com a esposa que “tomavam a frente de tudo”, sendo as despesas divididas com todos. Atualmente os contatos são esporádicos com os irmãos, pois antes ela telefonava, mas espera ligarem. Além disso, o valor da conta de telefone e as outras despesas que ela paga também fazem com que ela evite ligar para os irmãos. Relata que, com os irmãos, os telefonemas são raros nos aniversários, ou seja, “uma vez por ano, praticamente”. Participa do grupo da

Igreja, onde faz parte do coral, anteriormente relatado. Com o coral, sai para “cantar em outras Igrejas” (Dália).

A celebração do Natal e em família foi valorizada por todos os idosos. Com os vizinhos, o relacionamento dos idosos do PICOL se dá pelos cumprimentos. Apenas Orquídea tem amigos no andar do prédio em que mora. Com os netos, Dália diz que “É só brincadeira, com meus netos”, mas não se vêem sempre, por causa dos estudos e da namorada do neto, não sobrando tempo para visitá-la. A conversa de Luiz com os filhos e os netos é “franca”, mas com os netos já é no sentido de “orientá-los para as dificuldades que eles vão encontrar na vida” (Luiz). Carlos associa a sua participação política como uma forma de poder. De fato, parecem exercer o seu poder, ao manterem uma boa relação familiar e atualizando-se nas atividades do PICOL.

Além disso, todos os idosos declararam que a autoridade e o poder na família mudaram com a velhice, no momento em que, embora sejam ouvidos pelos filhos e pelos netos, estes são autônomos para tomar as decisões sobre as suas vidas. Violeta expressou uma participação maior nas reuniões do Natal, antes de ficar viúva.

Voluntariado e direitos

“É, é um direito da pessoa. Basta a pessoa abraçar e querer.” (Dália).

“É um direito da pessoa. A pessoa é que escolhe a missão, desde que a pessoa sinta, não é, que gostou.” (Rosa).

Todos os idosos consideraram o voluntariado do PICOL como um direito. Para Violeta, o voluntariado é um direito, principalmente quando o voluntário está instrumentalizado, referindo-se ao Curso de Voluntariado que ela participou. E Dália considera que o compromisso e o querer garante a inserção no voluntariado. Para Hannah Arendt, o querer ou vontade é livre, mas antecede a liberdade de ação e o poder, sendo a vontade, o “órgão espiritual” da liberdade (Arendt, 2002 d). No sentido de solidariedade o voluntariado foi considerado uma relação social baseada em direitos, para Cândido Grzybowski, diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), sendo um “imperativo ético” (Folha de SP, 2001). Associado aos direitos, passa a ser considerado uma

ação política, permitindo realização pessoal, aprendizagem e exercício da cidadania.

Amizade e direitos: Construir amizade é um direito:

“Eu acho que não, a amizade se constrói pelo respeito que uma pessoa tem com outra. Pelo respeito de um pro outro. Eu tenho direito..., como é... O direito de amizade não existe. Amizade é o respeito de um cidadão pra outro.” (Carlos).

“Ah, é um direito também. Nós temos que construir amizade. Sem amizade, é impossível. Ninguém vive sozinho.” (Rosa).

“Também, porque a pessoa, não tendo amizade, como diz aí, na – que eu não gosto de gíria, mas sou obrigada a falar – é um João Ninguém, não é. Essas pessoas que não têm amigo, que não tem amizade, não é, fica uma pessoa isolada porque não tem amigo, não tem com quem conversar, não tem com quem falar. Então nós precisamos de amizade.” (Dália).

“Ah, eu acho que sim. É um direito, é um direito que eu tenho de fazer amigos, selecionar amigos, sem dúvida nem uma você não pode fechar os olhos e aceitar como amigo, qualquer um. Esse mundo de hoje...” (Luiz).

A amizade também foi considerada um direito pela maioria dos idosos, menos para Carlos. Também foi considerada um dever, mas ter amigos é um direito; um direito e um dever. Embora todos os idosos tenham dito que atualmente têm tido mais dificuldade em construir amizades, eles demonstram construir amizades até hoje, no PICOL. Se o PICOL garante direitos

“No Projeto Idosos Colaboradores, o direito que garante é você transmitir para as pessoas, tá entendendo, que não tem condições de vir, de você colaborar com essas pessoas que tão fora, talvez da UnATI, de outras pessoas que tão aí” (Carlos).

“É, não resta a menor dúvida é um espaço de direito. Vocês então são muito batalhadoras sobre isso, não é. Vocês se esforçam pra fazer com que o pessoal venha, entenda e tudo, mas é um espaço muito importante pra todos nós. (...) Vocês têm muito pouca chance de garantir, políticas, não é, mas o governo não dá muita chance pra vocês garantirem” (Rosa).

“O único direito que nós temos é na aprendizagem do projeto, só isso. “Sim. (...) O projeto eu já acho assim uma reunião só sobre o que vai, ou pra reunir pra fazer uma dinâmica, não é, pra reunir com as meninas [estagiárias] e com os voluntários pra ver como é que está a situação de cada um nos seus trabalhos que exercem, eu acho isso. A reunião do projeto, eu acho assim. Se ele garante direitos, aí eu fico na dúvida, aí eu não sei responder” (Dália).

“Esse direito de ser voluntária eu acho que eu posso exercer, em colaborar com as pessoas, como eu faço sempre aqui na UnATI, tô sempre encaminhando, ajudando, às vezes, uma pessoa com mais dificuldade de saber as coisas eu ajudo. Garante o meu direito de participar das reuniões de usar a palavra, né, eu acho que garante” (Violeta).

“Garante direitos porque a gente é livre pra falar o que quer e o que pensa” (Orquídea).

Os idosos, quase por unanimidade, declaram que o PICOL garante o direito de liberdade, de participar, de se integrar através do voluntariado. Dália não consegue perceber que no seu depoimento falou exatamente da garantia do direito de participação que o PICOL proporciona, através das suas diversas atividades, onde os idosos podem falar sobre as suas questões, segundo relatou. Apenas uma idosa declarou não exercer a cidadania. Além disso Dália realizou uma aprendizagem:

“Assim como na UERJ Sem Muros, tem às vezes, fazemos um teatrinho, vamos dizer assim, um teatrinho. As dinâmicas, aí então, quer dizer que eu, como gosto de atividade, como eu já participei assim de teatrinho, dessas coisas.” (Dália).

Embora a idosa tenha dito que não participava na infância e na juventude, demonstra neste depoimento a sua participação no colégio e adulta, inclusive após o casamento em atividades de teatro. Isso sugere a valorização que atribui às dinâmicas organizadas pela equipe de Serviço Social do PICOL e apresentadas por seus integrantes, no evento que citou. E demonstra que o PICOL garante o seu direito de aprender e de participar e se integrar socialmente.

O PICOL e suas atividades compreende um espaço de exercício da cidadania:

“Ah, aí sim, nessa parte sim, essa aí faz. Aí faz pra gente melhorar nossa até a parte social, nossa cidadania” (Rosa).

“É porque é um exercício porque as pessoas têm um dever a cumprir, o voluntariado. Ele tem uma responsabilidade que assumiu. Tem que ter responsabilidade, já que assumiu. Então é, porque nós estamos assim trabalhando com o público, então é uma cidadania.” (Dália).

“Eu acho que eu participando das atividades tô aprendendo, né, aprendendo sobre as leis que nos rege, que dá direito a [à] gente tá... conhecendo nossos direitos. Eu acho que tô praticando a, cidadania, né.” (Violeta).

É, porque cidadania é um direito que a gente tem e o governo deve garantir pra gente. Podendo dar os documentos, ter a saúde garantida, indo aos hospitais e tendo atendimento, o governo deve dar estudo.” (Orquídea).

Segundo a fala dos idosos, ao garantir a participação social, o PICOL permite o exercício da cidadania, segundo os idosos.

Quando uma pessoa é cidadão

“Quando ela se torna socialmente, é, na sociedade.”
(Rosa).

“A pessoa é cidadão, quando desde o momento que nasce, tem a certidão de nascimento, porque sem certidão de nascimento não é ninguém, não é, começa dali. Aí depois, se for trabalhar, se for homem serve o Exército ou [outra instituição militar] e a mulher, ela é cidadã quando ela nasce e os pais registram e depois quando vota, tira o voto, não é, é direito do cidadão. Então a pessoa passa a ser um cidadão, não é, através das eleições, entendeu, eu penso assim. O idoso é cidadão. O idoso, eu acho que aqueles que ainda querem, assim sabe, aprender os direitos que eles têm, eles devem correr atrás dos direitos deles, não ficar nas praças jogando baralho, que ninguém vai fazer nada pra eles.” (Dália).

“Cidadão é um homem de bem, que vota e cumpre com os deveres dele.” (Azaléia).

O cidadão foi associado ao registro civil, ao voto, às obrigações civis e militares e para o idoso, foi associado às lutas por direitos.

Mudanças observadas após pertencer ao PICOL

“Eu acho que muda tudo, sabe? Desde o tempo que você frequenta um grupo, que você passa a ter uma Faculdade, esse tipo de coisa, você já pode, o teu próprio raciocínio já começa mudar, pra melhor, não pra pior. Porque você começa entender as amizades, as outras coisas mais, tá me entendendo? Porque você participa, você ensina outras pessoas que não têm condições de tá aqui, você já passa pra eles determinadas coisas: o direito dele, tá entendendo, os direitos dele, esse tipo de coisa assim” (Carlos).

“Não senti, não. A única mudança é de eu poder sair de casa, não ficar mais dentro de casa, que é o que eu não suporto. Não suporto trabalhos manuais que tem que ficar dentro de casa. Eu gosto de atividades assim conforme eu faço, sabe, essas atividades assim que eu faço é que eu gosto: é de lidar com o público, de escrever, de trabalhar com arquivo, conforme eu trabalho, sabe assim, essas coisas assim. Ser um tipo de secretária, uma auxiliar, entendeu, essas coisas assim. Porque eu já tinha aquela vocação desde criança, por isso eu digo que o trabalho voluntário pra mim foi bom, por isso” (Dália).

“A mudança na gente, que a gente recebe do Projeto é sobre a idéia que muda a idéia da gente, né, que a gente pensa de um jeito e passa a pensar de outro, por causa das explicações que a gente tem na reunião, da participação que a gente tem num

fórum, assim e a idéia vai mudando, eu acho. Porque isso aí faz parte do grupo colaboradores, né, a mudança que a gente tem sobre ele.” (Violeta).

“Mudei muito, ganhei mais experiência porque passei a lidar com mais idosos” (Orquídea).

Perguntamos se considera isso um direito e ela:

“Eu acho que é, porque eu tinha vontade, então é um direito meu.” E se nesse sentido o PICOL garantiu esse direito, ela respondeu: “É, porque eu já não fiquei só na parte do estudo, tanto é que no dia que estávamos numa reunião, aí não sei o que você falou, ou perguntou eu falei, não sei se pra Orquídea: entre o estudo, os cursos e o projeto eu prefiro ficar no projeto de voluntário. Sabe, porque era aquela atividade que eu era de menor, quando eu comecei a trabalhar com esse ramo [escritório, etc]” (Dália).

“Porque isso aqui, além de ensinamentos que nos dão, a orientação que nos dá, a UnATI além da orientação e dos ensinamentos que nos dá, isso aqui é uma terapia de vida. Isso aqui é uma terapia porque você aqui encontra uma maneira de viver, você encontra aqui o que lhe negam lá fora. Essa falta de, de, de diálogo, de, de, de necessidade de conversar, lá fora não existe mais. Você para com uma pessoa dessa, com um idoso desse, ele conversa com você uma hora, duas horas, três horas, tem muuuuito assunto, então isso aqui quem entra aqui na UnATI, não sai mais” (Luiz).

Os idosos revelam que adquiriram conhecimentos e oportunidade de dialogar com outros iguais e de outras gerações, realizaram novas aprendizagens e participação social. O direito de participar, no mundo comum a todos os cidadãos, constitui “poderes” (Bobbio, 1992) e uma “cidadania social” (Souza Santos, 1999). E, nesse sentido, a participação no voluntariado compreende a construção do poder, pela manifestação no espaço público e a garantia do “direito a ter direitos” que é a cidadania em Hannah Arendt (2002 a).

6.3 Ação do Serviço Social

Atividades do Serviço Social mais importantes:

Para Luiz foi o voluntariado” que

“encabeça as atividades que vocês promovem, porque isso enseja que você auxilie muitas e muitas pessoas, sem dúvida. E pessoas, que vou lhe dizer, ficam agradecidas. Essas pessoas idosas têm sempre um sorriso pra receber você, entendeu? E a

coisa mais bonita que existe, possa existir para um idoso é ser recebido com um sorriso. Você não sabe o que uma menina dessa, uma atendente de um balcão consegue de mim se me receber com um sorriso (...) porque o idoso adora um sorriso.” (Luiz).

“Nas reuniões se tem informações, amizade e integração. Nesse sentido a relação com o serviço Social é uma amizade muito grande. Tanto é que estou aqui.” (Flor).

Atividades: passeios, as reuniões, o voluntariado (Luiz e Violeta), Dália: passeios, “teatro” [as dinâmicas], workshop, reuniões com dinâmicas e “Todas as atividades são importantes” (Rosa e Orquídea).

Temas debatidos nas reuniões mais importantes

Dália: “conduta do voluntário no seu trabalho”. “Que aí você, como coordenadora fica sabendo o que está acontecendo.”

“Aquele do transporte foi muito importante. Aquele assunto do transporte, bom agora o que eu me lembro mais foi o do transporte.”

“Tudo, todas as conversas, todas as palestras que eram naturalmente dirigidas a essa parte desse voluntário no Hospital (Clínica), com idosos fragilizados e não fragilizados é que me davam muita coisa, muita coisa, de maneira que eu gostava mais dessa parte.” (Luiz).

“Eu acho mais importante... é sobre as leis, não é, que o idoso desconhece ainda e precisa muito os idosos, abrir a cabeça deles, que eles têm que abrir a cabeça que eles têm direito, né, que eles não podem se encolher, porque eles são protegidos pela lei.” (Violeta).

Todos os assuntos são importantes, segundo Orquídea e passa os conhecimentos conversando na família.

Se as reuniões com o Serviço Social do PICOL constituem espaços de garantia de direitos:

“Do projeto, não. Do projeto, ali nós discutimos as coisas que estão acontecendo, como é que está a situação, sobre o serviço, o que está acontecendo, se a gente está bem, se está gostando, se tem alguma, sabe, ou se tá tendo algum aborrecimento, aí não, mas eu, gosto, isso aí não.” (Dália).

“Eu acho que é um direito, a cidadania. O sujeito querer ajudar o próximo – ah, puxa - se despir de vaidade, de orgulhos e ceder seus conhecimentos, sua graça, seu lazer e então eu acho

muito bonito. E muitos exercem com plena capacidade, esses direitos, sem dúvida nem uma.” (Luiz).

Embora a idosa declare que as reuniões não são espaços de cidadania, mas ao detalhar os temas das reuniões com o Serviço Social, expressa o direito de falar, de se comunicar, da troca, de participar. Luiz considera as reuniões um espaço de cidadania, solidariedade e exercício dos direitos. Violeta considera o conhecimento dos direitos e das leis que os garantem. Os idosos se apresentam como usuários do Serviço Social, que vêm reivindicando direitos inerentes à sua categoria, apresentando-se como sujeitos políticos que exercitam a sua cidadania (Faleiros, 1996:14). Nesse sentido, os assistentes sociais constroem estratégias para o empoderamento, a potencialização, desses atores sociais. Nesse sentido, o incentivo à participação nos espaços de direitos, como os Fóruns e os Conselhos.

Utiliza os conhecimentos das reuniões

“Com os meus colegas, na rua, no próprio sindicato, reuniões que eu às vezes falo, tá entendendo.” (Carlos).

Dália: “depende muito”, porque apenas dois filhos sabem e não comenta com mais ninguém.

“Ah, passando pra diante. A primeira conversa que vem, que eu possa encaixar, esclarecer a pessoa eu utilizo em toda parte.” (Rosa).

“Vocês abordavam assuntos que, naturalmente, tinham uma relação com a vida nossa, não só como voluntário, mas uma vida normal. Então, esses ensinamentos, essa orientação, que vocês nos deram, acho que isso foi muito interessante. Não só como voluntário. Eu recebia como o cidadão (...) tá recebendo ensinamentos de como agir, dentro das minhas atividades de colaborador com os idosos fragilizados e também na minha vida, sem dúvida nem uma. Foram ensinamentos muito bons.” (Luiz).

“Às vezes até numa conversa dentro do ônibus eu, às vezes a pessoa reclama comigo eu, eu falo sobre os direitos que eles têm, que eles têm, onde eles podem ir pra tá reclamando pra fazer queixa, né, porque tem muito idoso que reclama, às vezes do tratamento no ônibus, na rua. Onde eu tiver, que vier alguém, ficar lamentando eu sempre procuro, dar uma palavra, com os direitos que ele tem, que eles têm que procurar, não ter medo.” (Violeta).

Para ele, os “ensinamentos” e orientações do Serviço Social do PICOL abrangem o cidadão e o sujeito idoso. Os conhecimentos adquiridos nas reuniões são sempre lembradas em outros espaços sociais, grupos de idosos, onde Flor está inserida. Azaléia aplica nos espaços da cidade e no seu condomínio. Segundo

idéias de Nunes (2004) a participação em grupos promove a sociabilidade dos idosos e a solidariedade é bastante significativa para a tomada de decisões e acesso às políticas sociais públicas.

Mudanças observadas, sendo informados sobre os direitos nas reuniões

“Procuro encarar a minha maneira de vida de uma maneira melhor, isso eu sei. Já sabendo dos meus direitos, posso falar dos meus direitos a outros, esclarecendo.” (Rosa).

Dália: “não [observou mudanças], porque eu sempre fui de tomar atitude.

“Significou mudança porque isso me propiciou a pensar talvez, a pensar com mais profundidade o que seja esse voluntariado. Olha você entende os problemas do próximo bem mais próximo de você.” (Luiz).

“Mudei no sentido que eu não aceito que me humilhem, não aceito mal-trato, porque eu sempre é, é, quando me maltratam, de alguma maneira, eu sempre lembro a eles que a lei existe, pra proteger a gente, né, os idosos.” (Violeta).

“Trouxe mudanças, pois é muito bom saber sobre os nossos direitos.” (Orquídea).

Apenas uma idosa declarou não ter observado mudanças. Os idosos relataram que informados sobre os direitos mudaram, porque adquiriram mais conhecimentos, principalmente sobre os direitos dos idosos e, assim, passaram a exercer os seus direitos. Compreendem melhor o voluntariado do PICOL, podendo analisá-lo criticamente. Como são mais esclarecidos, entendem melhor o problema do outro.

Luiz avalia o trabalho do Serviço Social do PICOL:

“Esses serviços sociais têm tido grande poder na conscientização, de um modo geral, do povo. Hoje o povo briga mais do que brigava antigamente porque esses serviços foram mostrados como possíveis e a grande maioria não é executado, mas é um direito que você adquiriu, mas você não tem o retorno por parte daqueles que deviam lhe entregar aquilo que está escrito, está proposto e por obrigatoriedade seria deles. Mas houve uma conscientização tremenda do povo em função dessa atividade que vocês, naturalmente, essas leis todas que foram feitas, foram naturalmente por pressão de grupos como vocês, não é, como vocês e levaram, levaram, e foram naturalmente lutando para que fosse introduzido inclusive na Constituição, como ter. De maneira que eu acho que o trabalho de vocês foi fantástico nisso. Fantástico, fantástico, sem dúvida.” (Luiz).

Flor e Azaléia declaram ter mudado após os conhecimentos adquiridos sobre os direitos, pois podem informar outros idosos e outras pessoas das demais gerações.

6.4

Ser idoso no Rio de Janeiro

“É complicado. Eu acho que é devido a preconceito. São muitos preconceitos que existe entre o problema do idoso. As pessoas mais novas, os jovens, às vezes não admitem determinadas coisas, não têm - vamos dizer assim – paciência muitas vezes com idosos, tipo de coisa assim. Eu acho que eles não tão preparado ainda, pra receber essa massa imensa de idosos que tão por aí.” (Carlos).

“Bom, com o que você enfrenta, então no transporte, é muito difícil você, se não tiver cuidado, quando você entra no transporte, você já começa por ali é arriscado a tomar uma batida no ombro, no pé, torcer o pé, sair, descer e ele não esperar e você levar um tombo, bater com a cabeça no chão. É muito difícil ser idosa. Está difícil ser idosa aqui. Mas, se bem que isso depende, não é, porque tem transporte que os motoristas são educados. Tem outros que não, mas é que eu ouço as dificuldades daqueles que estão com, mais problemas, principalmente nas pernas, quando eu vejo, observo eles subirem e descirem. Ah, agora o idoso está sofrendo muito. No transporte, está. E mesmo no atendimento em família também. No relacionamento pai, filho, avó, em casa, eu observo isso, também na Associação. Aqui está tendo muita [queixa]: que o filho não respeita o pai, que o neto não respeita não respeita avô, que... financeiramente eles ficam sem nada, porque têm que colaborar com tudo, querem comprar seu remédio, não tem [dinheiro]. A política não, o governo não está dando aquele, prioridade que o Estatuto do Idoso dá ao atendimento ao idoso.” (Rosa).

“O idoso tem que ter uma cabeça muito bem feita. Sendo uma pessoa esclarecida, tira e letra, mas não tendo, sofre mais.” Exemplifica com a dificuldade do idoso digitar a senha do Banco e do INSS. “Se fossem esclarecidos, não precisava de um filho ir com ele digitar a sua senha. Depende da mente do idoso, os problemas não seriam tantos.” (Dália).

“O caso é o seguinte: todos nós, quando atingimos essa idade - você vê isso no seio da família, fora da família, na própria família que você faz parte, você deixa quando atinge uma, você deixa de ser melhor ouvido, então a sua opinião já não vale tanto quanto valia. Então você tem uma opinião que é mais conflitante com a, a, a o pensamento de outros mais jovens. Então você começa a ser assim – não vou dizer que você é colocado em segundo plano, mas éééé você não representa uma verdade verdadeira. Você é digno na medida de todo respeito, mas o que você diz pode não ser a realidade. Então essa é é é a vida do idoso, aqui no Rio de Janeiro. Então quando você reclama,

reclama é um velho; esse velho é fogo. Não é, não é isso. É que nós temos uma consciência de deveres, de obrigações, não é, de direitos, muito mais ampla do que as pessoas mais jovens. Então se um idoso reclama é porque é velho, é isso, é rabugento, é isso, é quadrado, mas não é não. É que nós temos uma conscientização muito mais aprofundada do que... então são coisas que só, que só são percebidas entre pessoas da mesma idade. Então eu posso falar um linguajar que você vai ficar olhando pra minha cara com vontade ípsilon, não entendeu nada, porque são típicas da minha época, atos da minha época. Então o que faz daqui da UnATI uma reunião fantástica é essa idade sessenta anos em diante, em que você conversa um idioma próprio (ri brevemente), uma linguagem própria. Então eu digo coisas, às vezes, numa sala de aula que a professora fica assim... fica olhando assim, sem entender nada. Então: não isso quer dizer isso, assim, assim, assim, quer dizer, então você quando é idoso, a convivência com os mais jovens torna-se mais difícil. Então é isso. Não é um maltrato, não é que sejamos mal tratados. Nós não somos ouvidos, compreendidos, não, não, não a maioria não se interessa por uma conversa com o idoso, compreendeu” (Luiz).

“Não, não eu acho difícil, não, atualmente. Atualmente tá muito, o idoso tem a vida bem facilitada. No sentido da gover[nabilidade], do governo, que ele apesar de falho, né, ele procura fazer leis pra proteger os idosos, pra facilitar a vida dos idosos, desde o Governo, é do, eu acho, né, que desde o governo de Brizola que ele deu o vale, o transporte gratuito já facilitou a vida do idoso. O idoso já passou a viver mais, porque o idoso ficava muito preso dentro de casa. Muito é... humilhado, muita gente humilhada, né? E, porque há uns tempo atrás o idoso não tinha valor, né, mas depois o governo fez muita coisa pra valorizar o idoso e a e a, essa abertura também de Faculdade, né, e de cursos e de coisa (outras atividades) foi muito bom pro idoso. Não sei quantos anos que tem, que há dez anos tem a UnATI, né? A UnATI já foi um caminho aberto muito bom, pra aumen(tar) a felicidade dos idosos (sorri); a idade também, né, de vivência do idoso que o idosos morria cedo, né. Hoje o idoso já está vivendo mais porque tem a facilidade de viver uma vida alegre, né? Os netos, pra mim, são uma benção né, e eu acho que a gente se sente mãe outra vez. Só que é aquela mãe que deseduca. Como mulher idosa, muito bem. Sou muito admirada por minhas colegas, no meu modo de vestir, de andar e ... os homens, os homens também (Ri) me cobiçam, né, ainda. Como viúva, viúva a gente se sente solitária, né, quando a gente fica viúva a gente fica traumatizada. Depois a gente sente solidão...” (Violeta).

Acrescenta:

“Ah, a mudança é muito boa [no PICOL]. A mudança na nossa convivência, né, a gente fica mais sabedora de muitas leis que nos protege, né, se sente amparada, né. Eu acho que todos os idosos se sentem assim, quando entram pra UnATI. Mas eles entram assim meio, mas eles entram assim, meio engatinhando, tropeçando igual alguns que encontro aí no corredor (sorri), aí daqui a pouco já tá tudo esperto, já sabendo de tudo, né? (ajeita a postura, ficando ereta). Os professores da UnATI são muito bons,

são muito bons! Eles ajudam muito a pessoa a apren [der] a ensina o idoso a viver” (Violeta).

Orquídea considera que é muito difícil ser idoso no Rio de Janeiro, atualmente: “porque os idosos não eram respeitados e, apesar de hoje já estar mudando, mas ainda tem muita gente que não respeita o idoso.” (Orquídea). Flor considera que, como já existem bastante leis para os idosos, já melhorou bastante ser idoso. No entanto acha que as leis devem ser cumpridas para melhorar mais. “Mas já foi mais difícil. Atualmente está bem melhor.” (Flor).

Os idosos mostram o preconceito que os idosos ainda sofrem, inclusive com as gerações mais novas. Expressam também as mudanças na autoridade e no poder dentro e fora da família, os conflitos familiares que os idosos vivenciam e o não atendimento das políticas. Ressaltam a importância dos programas como a UnATI e o projeto “Idosos Colaboradores”, como instrumento de atualização e informação sobre os direitos dos idosos, capacitando-os a garantirem os seus direitos, o que foi um avanço no Rio de Janeiro, pelas mudanças que operam nos idosos e na sociedade. Além disso, o tratamento nos transportes públicos foi apontado como um problema vivenciado pelos idosos, bem como o baixo valor da aposentadoria.

A principal consequência do preconceito, que consiste em um “conjunto de crenças” e opiniões não racionais (Bobbio, 2000), é a discriminação social, que consiste em tratar de forma desigual aqueles que são iguais e pode levar à exclusão. Expresso como preconceito racial ou racismo, revela-se nas relações sociais como um comportamento de rejeição dirigido a uma pessoa, a um grupo de pessoas ou a uma pessoa inserida em um grupo (Bobbio, 2000). Como a discriminação pode levar ao não reconhecimento dos direitos, inclusive dos direitos sociais, segrega os sujeitos sociais, levando-os a uma convivência restrita entre eles mesmos, obedecendo, desse modo, à lógica da discriminação, onde “o diferente deve permanecer diferente” (Bobbio, 2000:126).

No entanto, na sociedade brasileira a “diminuição dos gastos públicos, aumento dos impostos e diminuição dos vencimentos dos aposentados” são mecanismos apresentados pelos especialistas, como solução para os altos custos com a assistência à velhice avançada (Debert, 1996:45), facilitando a discriminação. Desse modo, somente em uma sociedade plural e inclusiva, organizada em torno do respeito mútuo, da justiça, da liberdade e da tolerância,

onde todos os sujeitos sociais têm acesso ao espaço público e participam igualmente dos assuntos da cidade, pode haver uma democracia (Bobbio, 2000).

O que faria para melhorar

“Bom, o governo tem que dá uma solução [para o desenvolvimento dos projetos, como os do Serviço Social da UnATI] Quer dizer, moças como essa assistente social deveria ter a, a, ela vai sozinha conseguir, já viu uma andorinha sozinha fazer verão, se o governo não dá a ela o apoio que ela precisa, se uma Rosinha que é governadora do Rio de Janeiro, cuidando de Restaurante a um real, o César Maia está cuidando do negócio da Olimpíada, que vai ter no 2007 e, e como é que está, como é que vai melhorar, quer dizer as pessoas do bem que querem realmente como vocês assistentes sociais, que podem fazer muito pelo povo, vocês estão com mãos e pés quebrados e não têm o apoio. Primeiro que vocês não ganham o suficiente e vai por aí fora. Quer dizer que então o governo... é uma mentira, é uma mentira e o povo está desiludido, está decepcionado e os próprios profissionais todos desiludidos também. Aí fica uma desorganização. Tem muita coisa pra melhorar.” (Rosa).

“Só se fossem as pessoas mais novas, idosos de 60 anos, para fazer a cabeça deles. Com mais de 60, sem a pessoa ter esclarecimento é muito difícil porque eles não conseguem entender as coisas. Fazer cabeça é aconselhar as pessoas a fazer um curso.” (Dália).

“Olha eu tenho pra mim, que o que falta são ações mais enérgicas, mais positivas dos poderes constituídos. [em todas as esferas de governo] Então eu fico, eu fico descrente. É por isso que eu tenho um amor, um carinho todo especial por essa garotada que anda aqui na UERJ. O que vai ser da vida desses garotos, amanhã, com esse pensamento deles? Os jornais estão aí todo dia dizendo miséria: roubam aqui, roubam ali, roubam daqui, roubam dali... E um quer acobertar o outro, não faz CPI... é um... é um ... não entendo mesmo, sabe? É uma decepção. É uma decepção, total. É muito triste a época que nós estamos vivendo. Não é ser idoso, nem nada não, mas todos vocês estão vivendo dias terríveis. Eu não sei o que é que vai ser o dia de amanhã. Essa mentalidade que está aqui é de um modo geral, decepção total.” (Luiz).

“Que se cumprisse a lei, né (Ri). Porque a lei existe, mas, pra se cumprir é meio difícil.” (Violeta).

“Respeito pode melhorar. É difícil, mas sei que tem que melhorar.” (Orquídea).

A decepção com a política é uma tônica entre os idosos, mas também associam à participação, aos direitos sociais, à cidadania e ao PICOL. Para Flor e Azaléia ainda há muito a mudar. Podem melhorar os projetos existentes e não souberam acrescentar, no momento, outras propostas. Observa-se que os idosos

ainda esperam do governo a garantia dos seus direitos, mas pontuam a importância da luta organizada, reconhecendo a dificuldade dos assistentes sociais trabalharem no sentido de ajudar a população idosa a lutar por seus direitos. No entanto, percebem a política brasileira como “um jogo sujo” isento de ética, onde todos cuidam apenas dos interesses próprios, por isso desconfiam da política brasileira e são desesperançosos da política (DaMatta, 1987 a), o que torna a luta por direitos, mais difícil para essa geração.

Apontam também o respeito aos idosos e o cumprimento das leis existentes. Preocupam-se com o futuro, mostrando que no presente, assistem as consequências desastrosas da política brasileira, levando-os à descrença, o que os leva a propor “ações enérgicas” (Luiz). Propõem também os cursos para a Terceira Idade, mas a população idosa, a partir dos sessenta anos, deve ser bastante estimulada a frequentar. A garantia dos direitos legalmente previstos requer a organização articulada dos idosos, como atores políticos (Debert, 1994:51).

Realizar plenamente os direitos fundamentais dos idosos, inclusive o direito ao afeto familiar, tem se tornado reconhecidamente um desafio para toda a sociedade civil e para os próprios idosos, porque os direitos sociais dos cidadãos brasileiros, previstos nessa Constituição, ainda não foram efetivados na sua completude, havendo ainda necessidade de alocar recursos para o atendimento real dos direitos sociais dos idosos. Como Barros (2003) e Cunha (2003), dizemos que apenas uma nova política e uma nova ética, pode garantir a cidadania dos idosos. Exercitando a amizade política, enquanto ética transversal ao percurso da amizade e da política, pertencentes a uma comunidade política, que é o município do rio de Janeiro e, em larga medida, o Brasil os idosos podem exercitar uma cidadania plena.